

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

GUILHERME ROCHA DE ARAUJO SANTOS

JORNALISMO À BEIRA-MAR:
um estudo descritivo sobre os jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

GUILHERME ROCHA DE ARAUJO SANTOS

JORNALISMO À BEIRA-MAR:
um estudo descritivo sobre os jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Mário Eugênio Villas-Bôas da Rocha

Porto Alegre

2013

GUILHERME ROCHA DE ARAUJO SANTOS

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por Guilherme Rocha de Araujo Santos, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Aprovada em: 11 de dezembro de 2013

Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dorelles - PUCRS

Profa. Me. Rosa Nívea Pedroso - UFRGS

Prof. Dr. Mário Eugênio Villas-Bôas da Rocha (orientador)

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao nosso mundo, por ser belo e existir. Agradeço também aos primeiros aminoácidos básicos que se uniram constituindo células procariontes, há muitos bilhões de anos, por terem criado a vida neste planeta.

Dando um salto histórico abismal, agradeço ao ser humano, com seu polegar opositor e sua postura ereta, por descer das árvores e subir na escala evolutiva. Dentre os da espécie humana, agradeço com mais ênfase todos os meus antepassados - e aos antepassados dos meus antepassados - por irem passando o seu material genético geração após geração. Sem eles, certamente eu não teria chegado até aqui (aliás, não teria chegado a lugar nenhum)

Seguindo a linha genética, agradeço a relação entre minha mãe e meu pai, principalmente a relação sexual da qual eu surgi. Agradeço a mim mesmo também - voltando lá nos tempos de espermatozoide - pela garra e obstinação absoluta na luta pelo lugar mágico dentro do útero da minha mãe. Homenageio também os bilhões de irmãos que não conseguiram vencer esta batalha, e ao único irmão que, como eu, teve a sorte de chegar a este mundo.

No campo afetivo-sentimental, volto a agradecer a todos da minha família por terem estado presentes. Em especial, agradeço aos meus pais, por terem servido durante toda minha vida como espelho para a formação do que sou hoje, por terem sido professores, amigos e protetores, por todos os sacrifícios feitos buscando propiciar o melhor tanto para mim como para o meu irmão, mesmo nos momentos de aperto. Agradeço ao meu irmão pelo companheirismo que vêm desde a infância até hoje, e ao meu avô Renê (*in memorian*) por ser um exemplo de caráter e integridade do qual me orgulho. Agradeço ainda a todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, tem sua dose de participação no processo de formação da minha identidade, e pelos momentos memoráveis ou banais que compartilhei com todas estas pessoas. E agradeço ao fato de ter uma “Carolina para amar”, uma parceira compreensiva, carinhosa e prestativa que me aturou até nos meus picos de estresse mais críticos.

No campo acadêmico profissional, agradeço a todos os professores que encontrei nestes 26 anos de existência, seja nas salas de aula ou na escola da vida, e em especial agradeço ao Professor Mario Rocha pela orientação nesta monografia. Agradeço ainda a FABICO, tanto pelo aprendizado no basquete, nas mesas de bar e bilhar quanto ao aprendizado acadêmico adquirido.

*“O único lugar aonde o sucesso vem antes do trabalho
é no dicionário”.*

Albert Einstein

RESUMO

Buscando valorizar a noção de que cada região tem suas peculiaridades econômicas, culturais, sociais e políticas, e que estas peculiaridades merecem ser estudadas a fim de compreender melhor a realidade que nos rodeia, esta monografia propõe-se a analisar as características dos jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, microrregião composta por 20 cidades localizadas ao longo da costa litorânea do estado, tendo cerca de 300 mil moradores fixos. Para tanto é realizado um estudo descritivo acerca dos 27 impressos da região, sendo que nos ancoramos aos estudos críticos da Economia Política da Comunicação, buscando esclarecer os processos de produção, distribuição e consumo dos produtos comunicacionais do Litoral Norte no capitalismo. O trabalho conclui que há grande disparidade entre os produtos jornalísticos quanto ao conteúdo apresentado, aspectos visuais, exploração da publicidade e presença na internet.

Palavras-chave: Jornalismo – Economia Política da Comunicação – Jornalismo Local – Litoral Norte do Rio Grande do Sul

ABSTRACT

Seeking to enhance the notion that each region has its economic, cultural, social and political peculiarities, and that these peculiarities deserve to be studied to better understand the reality that surrounds us, this monograph is proposed to analyze the characteristics of newspapers Coastal North of Rio Grande do Sul, region who comprises 20 cities located along the coastline of the state, with about 300 000 permanent residents. To do so a descriptive study is conducted about 27 newspapers in the region, being anchored in the critical study of political economy of communication, seeking to clarify the processes of production, distribution and consumption of communication products of the North Coast in capitalism. The paper concludes that there is great disparity between the journalistic products on the content submitted, visual aspects, exploration of advertising and internet presence.

Keywords: Journalism – Political Economy of Communication – Local Journalism - Coastal North of Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mesorregiões Gaúchas	38
Figura 2 - Localização dos Municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul	45
Figura 3 – Esquema de emancipações no Litoral Norte 1809 a 1996	54
Figura 4 – Capa do Litoral Notícias (09/08/2013)	100
Figura 5 – Capa do A Tribuna do Litoral (10/08/2013)	100
Figura 6 – Capa do Costa do Mar e Serra (04/10/2013)	100
Figura 7 – Capa do Maré Cheia (03/08/2013)	100
Figura 8 – Capa do Fato em Foco (09/ 08/2013)	100
Figura 9 – Capa do Litoral Norte (03/08/2013)	101
Figura 10 – Capa do Capital das Praias (09/08/2013)	101
Figura 11 – Capa do Jornal do Mar (04 /10/2013)	101
Figura 12 – Capa de A Folha do Litoral (03/10/2013)	102
Figura 13 – Capa do 3ª Página (03/10/2013)	102
Figura 14 – Capa do Bons Ventos (09/08/2013)	103
Figura 15 – Capa Jornal de Arroio do Sal (09/08/2013)	103
Figura 16 – Capa do Revisão (04/10/2013)	103
Figura 17 – Capa da Folha Popular (04/10/2013)	103
Figuras entre 18 e 42 – Capas dos jornais do Litoral Norte	Anexos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de domicílios nos municípios do Litoral Norte do RS – 1970	55
Quadro 2 – Jornais do Litoral Norte por municípios	57
Quadro 3 – Características dos jornais de Torres	62
Quadro 4 – Características dos jornais de Capão da Canoa	66
Quadro 5 – Características dos jornais de Imbé	68
Quadro 6 – Características dos jornais de Tramandaí	69
Quadro 7 – Características dos jornais de Osório	73
Quadro 8 – Características dos jornais de Cidreira	75
Quadro 9 – Características dos jornais de Balneário Pinhal	76
Quadro 10 – Tiragem e área de circulação segundo consta no expediente dos jornais	82
Quadro 11 – Enfoque predominante dos impressos quanto à origem das notícias	85
Quadro 12 – Divisão dos jornais por editorias	89
Quadro 13 – Variedades nos impressos do Litoral Norte.....	94
Quadro 14 – Opinião do editor/ diretor dos jornais	92
Quadro 15 – Presença de colunas opinativas nos jornais	98
Quadro 16 – Ocupação das capas com publicidade	105
Quadro 17 – Ocupação das contracapas com publicidade	107
Quadro 18 – Homenagens e publicidade relativa ao Dia dos Pais	109
Quadro 19 – Situação dos sites de jornais impressos do Litoral Norte	113
Quadro 20 – Presença dos jornais no Facebook	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os 10 municípios com maior população no RS	34
Tabela 2 – Quantidade produzida dos principais produtos da lavoura do RS e sua participação no Brasil: comparativo	36
Tabela 3 - Efetivo dos principais rebanhos do Rio Grande do Sul e sua participação no Brasil: comparativo entre 2000 e 2009	36
Tabela 4 - Estrutura da produção industrial do Rio Grande do Sul e sua participação no Brasil: comparativo entre 2000 e 2008	37
Tabela 5 – Estrutura das vendas do comércio varejista e atacadista do Rio Grande do Sul: Comparativo entre 2001 e 2007	38
Tabela 6 – Total de municípios integrantes de cada mesorregião	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DO CAPITAL AO SOCIAL, DO GLOBAL AO LOCAL	19
2.1 ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO	20
2.1.1 A Construção da teoria da EPC	23
2.1.2 Fordismo e Pós Fordismo.....	24
2.2 JORNALISMO LOCAL: ASPECTOS CONCEITUAIS	25
2.2.1 O conceito da Proximidade	27
2.2.2 Os vínculos entre jornalismo e comunidade	29
2.2.3 Os desafios da imprensa interiorana	30
3 O RIO GRANDE DO SUL E SUAS REGIÕES	33
3.1 DADOS GERAIS SOBRE O RIO GRANDE DO SUL	33
3.1.2 Economia	35
3.2 DIVISÃO DO RIO GRANDE DO SUL EM MESORREGIÕES	38
3.2.1 Mesorregião Centro Ocidental	40
3.2.2 Mesorregião Centro Oriental	41
3.2.3 Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre	41
3.2.4 Mesorregião Nordeste Rio-grandense	43
3.2.5 Mesorregião Noroeste Rio-grandense	43
3.2.6 Mesorregião Sudeste Rio-grandense	44
3.2.7 Mesorregião Sudoeste Rio-Grandense	45
3.4 A MICRORREGIÃO LITORAL NORTE	45
3.4.1 Ocupação indígena no Litoral Norte do RS	48
3.4.2 A época dos tropeiros	49
3.4.3 Colonização de açorianos e alemães	50

3.4.4 Lazer à beira do mar	52
3.4.5 Estradas para o desenvolvimento	53
3.4.6 Os processos de emancipação do Litoral Norte	54
4 AS CIDADES E OS JORNAIS DO LITORAL NORTE	57
4.1 TORRES.....	59
4.1.1 Imprensa em Torres	61
4.2 ARROIO DO SAL	63
4.2.1 Imprensa em Arroio do Sal	64
4.3 CAPÃO DA CANOA	64
4.3.1 A imprensa em Capão da Canoa	65
4.4 IMBÉ	66
4.4.1 Imprensa em Imbé	67
4.5 TRAMANDAÍ	68
4.5.1 Imprensa em Tramandaí	69
4.6 CARAÁ	70
4.6.1 Imprensa em Caraá	70
4.7 OSÓRIO	71
4.7.1 Imprensa em Osório	72
4.8 CIDREIRA	73
4.8.1 Imprensa em Cidreira	74
4.8 BALNEÁRIO PINHAL	75
4.9.1 Imprensa em Balneário Pinhal	76
4.10 PALMARES DO SUL	77
4.10.1 Imprensa em Palmares do Sul	77
4.11 CAPIVARI DO SUL	78
4.11.1 Imprensa em Capivari do Sul	78
5 A REALIDADE DOS JORNAIS DO LITORAL NORTE	80
5.1 DISTRIBUIÇÃO	80
5.1.1 (men) Tiragem	81

5.1.2 Área de Circulação	81
5.2 PRODUÇÃO	84
5.2.1 Análise dos jornais quanto ao enfoque predominante	84
5.2.2. Análise editorial	88
5.2.3 Análise das matérias/notícias	91
5.2.4 As variedades nos jornais.....	93
5.2.5 A opinião do diretor/ editor.....	95
5.2.6 Colunistas, articulistas, cronistas... ..	96
5.3 CONSUMO	99
5.3.1 Análise das capas.....	99
5.3.2 Publicidade na contracapa	105
5.3.3 Publicidade e homenagem no Dia dos Pais	107
5.3.4 Análise geral da publicidade	110
5.3.5 Os sites dos jornais impressos do Litoral Norte	111
5.3.6 Presença e popularidade dos jornais no Facebook	114
6 CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS	126

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando novos tempos, marcados pela emergência de um forte sentimento de cidadania e participação popular, além da contestação mais evidente, por heterogêneos extratos da sociedade, do poder instituído. As manifestações de junho de 2013 são exemplo disso. Uma fase de revitalização da vida comunitária impulsionada pelo advento das novas mídias, que tornaram as formas de comunicação mais interativas, aumentando o *feedback* do público em relação ao que é lido. Sobre a importância das novas tecnologias para o direito a informação na sociedade pós-moderna, Steinberger diz que há “uma cisão entre o poder dos meios institucionalizados de representação popular e as novas práticas, que colocam a sociedade civil como uma importante atora a ser considerada nas situações de conflito” (STEINBERGER, 2009, p. 158).

As novas tecnologias possibilitaram a divulgação e o consumo de informações em grande escala, e esta situação ampliou também a demanda por informações locais de qualidade. E neste processo de valorização do localismo, valoriza-se também o conceito de proximidade, entre quem informa e aquilo que é informado, que é um dos pilares dos veículos midiáticos das pequenas e médias cidades.

Na opinião do jornalista Wilson da Cunha Bueno (2012)¹,

A realidade da imprensa brasileira reside nos pequenos jornais e rádios locais, que são milhares contra apenas algumas dezenas de jornais efetivamente regionais e um punhadinho (que dá para contar nos dedos das mãos) de jornais das grandes famílias e redes de emissoras de rádio e TV (BUENO, 2012).

Por maior que seja a estrutura administrativa e editorial de um jornal de pauta estadual e nacional, a abordagem de temas que ocorrem nas pequenas e médias cidades acaba, no final das contas, resumindo-se aos acontecimentos extraordinários que tem lugar nestes municípios interioranos e periféricos. A maioria dos assuntos relacionados às peculiaridades locais de uma pequena cidade seria suprimida da pauta dos grandes veículos midiáticos, fundados nas

¹ Publicado em 27/03/2012 na edição 687 do Observatório de Imprensa. Reproduzido do Portal Imprensa, 22/03/2012.. Disponível online em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed687_esta_na_hora_de_valorizar_a_comunicacao_local_e_regional> . Acesso em 08 set. 2013

metrópoles e voltados, em geral, para um público vasto e demasiado heterogêneo. Além disso, como explica Steinberger (2009), o acontecimento que é informação para uma cultura pode não ser relevante para outra, ou pode haver discrepância no valor informacional, fazendo com que a mesma informação tenha muito valor para uma cultura e pouco para outra.

Em um estado da dimensão do Rio Grande do Sul, com seus cerca de 11 milhões de habitantes e quase quinhentas cidades, são os jornais e rádios locais que assumem a missão de informar os cidadãos sobre o que acontece, o que é notícia e gera debate na maioria dos municípios. Assim sendo, deve-se destacar a atuação destes veículos de comunicação, pois segundo Bueno (2012):

Os pequenos jornais e as rádios locais são na verdade a expressão desta terra diversa, não transgênica, e repercutem em boa parte dos casos a autêntica (e romântica) cultura jornalística brasileira, com suas melosas colunas sociais e inflamadas páginas políticas, com suas reportagens adjetivadas, escritas por dedicados escribas de fim de semana, sempre dispostos a cutucar os adversários e a reivindicar melhorias para as comunidades que representam. (BUENO, 2012)

Conforme estudo realizado por Camponez (2002) em Portugal, verifica-se o interesse de grandes grupos de comunicação em produtos de origem local e regional, por tratar-se de um campo de mercado em expansão. “O mercado da proximidade, à medida que a concorrência entre os grandes títulos nacionais se acentua, surge como uma alternativa, num contexto mediático cada vez mais exigente em termos financeiros e onde só os grandes parecem ter lugar” (CAMPONEZ, 2002, p. 115). Aqui no Brasil, Dornelles (2004) pesquisa a imprensa do interior do Rio Grande do Sul, e também entende que os produtos locais e regionais de comunicação são uma interessante alternativa para o defasado mercado profissional do jornalismo.

Buscando valorizar a noção de que cada região tem suas peculiaridades econômicas, culturais, sociais e políticas, e que estas peculiaridades merecem ser estudadas a fim de compreender melhor a realidade que nos rodeia, esta monografia propõe-se a analisar as características dos jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, fazendo um reconhecimento do campo jornalístico nesta microrregião composta por 20 cidades localizadas ao longo da costa litorânea do estado, tendo cerca de 300 mil moradores fixos (IBGE, 2011).

É preciso dizer que, além da motivação científica, há outro interesse direto deste pesquisador em estudar o campo jornalístico no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Isto ocorre uma vez que trabalho como editor, repórter (e filho) para um destes veículos midiáticos do Litoral Norte: o jornal A FOLHA, localizado na cidade de Torres, fronteira litorânea entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sinto ter, portanto, após três anos de trabalho junto a este veículo, minha parcela de participação no contexto jornalístico da região, e é de meu interesse compreender melhor as características do campo profissional no qual estou inserido. Um desafio assumido, portanto, é proceder com isenção a investigação sobre a amostra, sem contaminação pelo vínculo do pesquisador com o objeto da análise.

A relação entre o jornalista e sua comunidade local será debatida nesta monografia. Dornelles defende a teoria de que os jornais devem ser comunitários, e que os realizadores dos jornais locais participem ativamente da vida social no qual estão inseridos.

As matérias produzidas para o jornal devem atender os anseios e reivindicações da comunidade que, dentro do possível, determinará quais as notícias que devem ser divulgadas no jornal (...) O diretor e/ou o jornalista dos periódicos devem, também, participar ativamente das atividades promovidas pela comunidade, ajudando a buscar soluções quando pensarem se fazer necessário. (DORNELLES, 2004, p. 131)

Baseando-se neste sentido de comunidade que Dornelles defende, sustento a hipótese de que o jornalista, formado ou não, responsável por produzir pautas aos pequenos jornais locais no interior, tem a chance de ter uma relação mais próxima com as pessoas de sua cidade. Ele interage com elas frequentemente no espaço municipal, mantendo contatos de maior ou menor frequência. Ao escrever, o jornalista vinculado a um veículo de pequena ou média comunidade interiorana pode conhecer, em profundidade, os fatos sobre os quais escreve e as pessoas – os personagens – destas histórias.

A riqueza de detalhes conseguida contrapõe-se às grandes dimensões populacionais, culturais e sociais das metrópoles, onde o contato com a fonte é, geralmente, mais impessoal. Uma riqueza de detalhes que se refere às nuances da personalidade desses moradores, pessoas que dividem o espaço de uma pequena cidade com o jornalista: suas expressões, suas famílias, suas rotinas, as redes de influência, a grandeza ou mesquinhez de seus atos. Em suma, vários

aspectos polêmicos ou banais que constituem a singular existência de um indivíduo e sua participação na comunidade.

Evidentemente, é possível apontar também para alguns vícios não justificáveis em vários jornais realizados nas pequenas cidades, como a dependência do poder político, das elites e a convivência com o “jabá”². Ainda assim, conforme Bueno (2012), é preciso ir devagar com algumas dessas conclusões: “Isso porque a chamada grande imprensa mantém quase sempre também uma relação promíscua com as autoridades e com as grandes empresas que as financiam, numa proporção que supera em muito os compromissos dos pequenos jornais e das rádios locais” (BUENO, 2012).

Apesar de eventuais falhas que podem ser citadas na organização dos produtos comunicacionais de pequenas cidades, penso que, com o avanço das tecnologias da comunicação - em especial da internet - o jornalismo no interior tende a se fortalecer nos anos vindouros, seja no meio impresso ou virtual. Além disso, a maior demanda decorrente da formação, anualmente, de centenas de novos jornalistas no Rio Grande do Sul, poderá ajudar a preencher alguns espaços regionais onde o jornalismo ainda é feito de forma amadorística.

A metodologia utilizada neste trabalho será o estudo descritiva dos 27 jornais impressos realizados em municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, bem como dos sites e páginas em redes sociais que integram a estrutura destes veículos de comunicação, possibilitando fazer um reconhecimento do campo jornalístico na região. Foi escolhido ancorar esta monografia com a vertente crítica da Economia Política da Comunicação (EPC), escolha feita por se acreditar ser necessário uma aproximação interdisciplinar de diferentes ciências para entender, com mais profundidade, os vínculos entre capitalismo, sociedade, política e comunicação.

Este trabalho está dividido em 5 capítulos: No capítulo 2 será feita uma análise bibliográfica de teóricos da área da comunicação como Bolaño e Brittos (2008), Bundt e Kalikoske (2012), Fonseca (2008) e Silverstone (1999), buscando melhor compreender sobre as complexas relações entre jornalismo, indústrias culturais e novas tecnologias. O mesmo capítulo ainda fará uma abordagem dos principais aspectos conceituais sobre mídia regional e local, ancorando-se em Camponez (2002), Bueno (2012), Dornelles (2004, 2010) e outros pesquisadores. Buscamos traçar um breve panorama das tendências atuais do jornalismo

² Quando as fontes e personagens de uma matéria oferecem benefícios em troca de exposição na mídia

praticado nestes tipos de meios de comunicação no Brasil, como suas relações com a comunidade, o conceito de proximidade e o paradoxo entre ser empresa e fazer jornalismo.

Além de estudos na área de comunicação e ciências humanas, as áreas do conhecimento relacionadas à geografia, história, economia e estatística também serão utilizadas para embasar a monografia. No capítulo 3 apresenta-se um panorama geral com dados sociais, econômicos e populacionais do Rio Grande do Sul, bem como uma análise descritiva das 7 mesorregiões que compõem o estado. O capítulo segue apresentando a microrregião estudada - a Aglomeração Urbana do Litoral Norte – detalhando as características gerais da área e suas peculiaridades socioeconômicas e de formação populacional, verificando ainda como esta microrregião insere-se no contexto estadual.

O capítulo 4 dedica-se a uma análise primária dos jornais do Litoral Norte, destacando os itens periodicidade, preço, número de páginas e ano de fundação. Também se realizou um breve histórico das cidades onde estes jornais estão inseridos. Já no capítulo 5 há o estudo descritivo acerca dos 27 jornais impressos analisados. Foram abordados dados gerais e comparativos sobre vários aspectos destes veículos, tais como: tiragem, municípios onde circulam, o espaço dedicado ao jornalismo e aos anúncios publicitários, a presença de colunistas, o enfoque no jornalismo local e regional. Também foram analisados os sites destes veículos de comunicação e sua presença nas redes sociais

O capítulo 6 finaliza a monografia, trazendo os resultados encontrados a partir do estudo descritivo dos 27 jornais impressos do Litoral Norte.

2 DO CAPITAL AO SOCIAL, DO GLOBAL AO LOCAL

O termo indústria cultural foi alcunhado pelos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Segundo estes pensadores, podemos dizer – de forma sintética – que a indústria cultural possui padrões que se repetem com a intenção de formar uma estética ou percepção comum, voltada ao consumismo. Trata-se em “moldar” toda a produção artística e cultural, de modo que estas assumam os padrões do meio de produção capitalista.

Segundo Adorno, na Indústria Cultural tudo se torna negócio. “Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais” (ADORNO, 1999, apud SILVA, 2002). Um exemplo disso é encontrado no cinema, dirá Adorno, que primordialmente era um mecanismo de lazer, ou seja, uma arte, e agora se tornou um meio eficaz de manipulação. Conforme Silva (2002³), valendo-se das ideias de Adorno, “podemos dizer que a Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico: o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema” (SILVA, 2002).

Ao longo dos últimos séculos, o consumismo avançou por todo o planeta, alterando aspectos culturais, econômicos e sociais das populações em escala global. Somos consumidores em quase tudo que fazemos, e neste processo recebemos a ajuda da mídia⁴. Segundo Silverstone (1999): “Consumimos a mídia, consumimos pela mídia, e a mídia nos consome. Consumimos objetos, bens, informações. Nesse consumo, em meio a trivialidade cotidiana, construímos nossos significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-los, tornamos o mundo mais significativo” (SILVERSTONE, 1999, p. 150).

Continuando sua análise sobre o consumismo, Silverstone (1999) pensa que nossa vida é regrada por uma estética da efemeridade ao invés da estética da duração. Uma mistura de querer, lembrar, ser e comprar, juntamente com o tempo, que passa como numa estrutura cíclica e rítmica. De acordo com este autor, “trata-se da força do mercantilismo e do capitalismo como base de uma economia que, parece, tem que mudar rapidamente para conseguir ficar parada. O

³ Disponível em http://www.urutagua.uem.br//04fil_silva.htm. Consultado em 18 de outubro de 2013

⁴ Neste caso, pensando a mídia como meio de comunicação social, mas também um produto da indústria cultural

caráter da informação, como produto e recurso, causou uma mudança irrevogável no tempo” (SILVERSTONE, 1999, p. 151).

Com o advento da internet e das novas tecnologias, a partir de meados da década de 90, a informação passou a viajar em uma velocidade antes inimaginável, sendo mediada, divulgada e consumida em escala muito maior. Articuladas, as novas tecnologias, a indústria cultural e as formas do consumismo também estão se modificando, implicando mudanças nos mais diversos âmbitos da nossa sociedade.

Acentuadamente nos últimos anos, vêm ocorrendo grandes transformações no sistema de organizações institucional das chamadas indústrias culturais. Manuel Castells (2000) estuda tópicos referentes às tecnologias e redes de comunicação e informação. O sociólogo catalão descreve a gênese de um novo mundo, criado pela coincidência histórica de três processos independentes, a constar, de acordo com Castells (2000, p. 412): “1) a revolução na tecnologia da informação; 2) a crise econômica do capitalismo e do estatismo, e sua reestruturação; 3) o apogeu dos movimentos sociais e culturais”.

Segundo o sociólogo, “a interação desses processos e as reações por eles desencadeadas fizeram surgir uma nova estrutura social dominante, a sociedade rede; uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova comunicação, a comunicação da virtualidade real” (CASTELLS, 2000, p. 412).

Através desta redefinição histórica e interativa das relações de produção, poder e experiência (que produziram a nova sociedade rede) houve uma transformação, de acordo com Castells (2000, p.412), “do próprio tecido social, desembocando em um novo paradigma tecnológico, em que a informação é a matéria-prima fundamental e o processamento desta informação está presente e transforma todos os domínios do sistema ecossocial”.

2.1 ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO

Fonseca (2008) também ressalta que grandes transformações vêm ocorrendo no sistema de organização das indústrias culturais nos últimos anos, causadas por uma relação entre a reestruturação do capitalismo e o advento das novas tecnologias. "A relação entre estes dois fatores reside no papel que um deles - as novas tecnologias - desempenham no processo de reestruturação do outro - o capitalismo” (FONSECA, 2008, p. 31) . E a pesquisadora pensa que,

“desta relação, intensifica-se ainda um novo surto de concentração de capital e propriedade, onde existe ao mesmo tempo capital ocioso e trabalho ocioso” (FONSECA, 2008, p. 31).

Este surto de concentração de capital e propriedade se espalha mundialmente a partir da crise do Estado de Bem Estar Social e emergência do pensamento neoliberal, nos anos 70. Segundo Bolaño e Brittos (2010, p. 19):

Este arranjo [neoliberal] aparece em substituição ao modelo caracterizado pela produção e consumo de massa, gestão planejada da economia pelos monopólios públicos e privados, Estado fortemente intervencionista na atividade econômica, proteção da relação trabalhista, modelos administrativos rígidos e atuação corporativa centralizada e vertical.

Estes pesquisadores indicam que o contexto neoliberal modificou o papel do Estado, que se afastou da atividade econômica direta e da política social, “alterando e redirecionando a regulamentação, na linha de fortalecimento dos mercados, com base em privatizações e desregulamentação” (BOLAÑO; BRITTOS, 2010, p. 20). Ou seja, um processo onde os mercados assumiram maior importância, e que deu ainda mais liberdade aos agentes privados em detrimento das demandas sociais dos menos favorecidos.

A partir deste ponto de vista, Fonseca (2008) diz que a previsão de vários pesquisadores e analistas de mercado leva a crer que, em curto prazo, continuaremos a viver em mundo no qual os meios simbólicos serão dominados por um punhado de grandes grupos midiáticos. A previsão é compartilhada por Kovach e Rosentiel (2003), que dizem que no século XXI, em contraste com a ideia de que o jornalismo deve intensificar as liberdades democráticas, “vemos pela primeira vez o surgimento de um jornalismo baseado no mercado, mais e mais divorciado da ideia de responsabilidade cívica” (KOVACH ; ROSENTIEL, 2003, p. 49).

Simultaneamente, entretanto, existem nas pequenas cidades do Brasil e do mundo milhares de jornais e rádios locais, e novos veículos de comunicação emergem desses municípios com frequência. São meios que se espalham com o intuito de amplificar a divulgação de informação local, e que se veem com maiores possibilidades de fazer concorrência à grande mídia com o advento da internet. Ao mesmo tempo, são meios que servem aos seus realizadores como instrumento na busca do lucro. Isto porque os responsáveis por estes veículos de comunicação são também “jogadores”, pessoas que pretendem se enquadrar em nosso

contemporâneo modo de produção capitalista, embora - pelo ponto de vista econômico - estejam à margem dos grandes conglomerados de comunicação.

Valendo-se deste contexto, foi escolhido ancorar esta monografia com a vertente crítica da Economia Política da Comunicação (EPC). A escolha foi feita por se acreditar ser necessária uma aproximação interdisciplinar de diferentes ciências para entender, com mais profundidade, os complexos vínculos entre capitalismo, sociedade, política e comunicação, buscando ainda entender como estes vínculos se aplicam relacionados as especificidades do jornalismo em escala microrregional, como no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Conforme os pesquisadores Roger Bundt e Andres Kalikoske (2012)⁵, a linha de análise da Economia Política da Comunicação

(...) dedica-se a estudar os processos de produção, distribuição e consumo dos produtos comunicacionais e culturais no capitalismo contemporâneo. Enquanto interdisciplina, a EPC permite em seu interior a integração de um elevado número de estudos diferentes, desde que sintonizados com as proposições que a condicionam. Tais premissas são as que circunscrevem a própria desigualdade no modo de produção capitalista, incluindo suas lógicas de expansão, as posições de classe e os processos de acumulação. Reconhecendo a importância dos fenômenos simbólicos e comunicacionais, o viés analítico da EPC descarta reducionismos ao considerar as contradições deste mesmo sistema capitalista, além de possuir abertura ao diálogo com tantas outras disciplinas, a partir de incorporações, descartes e superações. (BUNDT ; KALIKOSKE, 2012).

Segundo sustenta Fonseca (2008), a Economia Política da Comunicação é uma perspectiva teórica realista, inclusivista e crítica. Ela considera os estudos de Vincent Mosco para explicar as raízes desta linha pensamento.

A economia política, no princípio, surgiu para explicar, justificar e apoiar a aceleração do capitalismo. O aparecimento das indústrias da mídia no século XX é que teria provocado a aproximação da disciplina com a comunicação. O crescimento de sua vertente crítica, por seu turno, teria resultado do esforço de entender o processo de constituição das indústrias culturais na sua relação com o marketing e com processos econômicos e sociais mais amplos. A crítica passou então a ser feita a partir de valores humanísticos. A economia política crítica da comunicação nasceu, assim, de fontes marxistas, como as ideias de

⁵ Publicado em 13/11/2012, na edição nº 720 do Observatório de Imprensa (disponível online em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/50525>). Consultado em 09 de outubro de 2013

Gramsci, Lukács, Brecht, Baran, Sweezy e a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt (FONSECA, 2008, p. 31).

2.1.2 A construção teórica da EPC

A construção do materialismo histórico e dialético em Marx, principal método utilizado pelos economistas políticos da comunicação, se dá através da observação dos primeiros textos dos clássicos da Economia Política. Conforme sustentam Bundt e Kalikoske (2012), Marx considera o método científico “correto” aquele que começa sempre por um objeto ou um conjunto “vivo” (como a nação, o trabalhador, a classe social ou o Estado). “Mas termina por descobrir, através da análise, relações gerais abstratas que são determinantes, tal como a divisão do trabalho, a mercadoria e a mais-valia” (BUNDT; KALIKOSKE, 2012).

A maior diferença entre a concepção crítica da Economia Política clássica e a Economia “pura” estaria nos pressupostos dos estudos de Marx. Segundo Bundt e Kalikoske, “Marx considerou que todos os processos produtivos são transitórios, tudo que é gerado socialmente depende de como os homens se organizam, inclusive em relação à natureza” (BUNDT; KALIKOSKE, 2012). Sendo assim, não haveria como dissociar as relações materiais e os modos de vida, da mesma forma que não há como tirar um indivíduo do contexto no qual se encontra. O pensamento marxiano sustenta que toda forma de consumo, produção e troca é transitória e histórica (BUNDT e KALIKOSKE, 2012). Assim,

(...) o interesse de Marx se volta para o modo de produção e reprodução da vida material, os quais sofrem influências das relações entre os indivíduos, da relação destes com a natureza e das necessidades da existência social, concernentes ao grau de civilização alcançado pela sociedade e culturalmente transmitido às futuras gerações pelo acúmulo das experiências vividas (BUNDT e KALIKOSKE, 2012).

Entretanto, enquanto Marx sustenta que a necessidade constante de expansão do capitalismo seria o motor de sua queda, os estudiosos da EPC negam esta posição. De acordo com Bundt e Kalikoske (2012):

A EPC reconhece a competentíssima disseminação do modo de produção capitalista em todo o mundo, com uma capacidade de contínua adaptação às crises surgidas, tratando o estudo dos fenômenos do seu interesse

desde uma ótica global, acompanhando o caminho percorrido pelo capital internacionalizado (BUNDT e KALIKOSKE, 2012).

Ainda, o entendimento dos movimentos do capital em Marx é, para Bundt e Kalikoske (2012), diferente do de seus herdeiros teóricos da EPC, que consideram que o capital internacionalizado não criou as condições para sua própria queda, como advertia o filósofo.

O que se vê, contrariamente, é a criação de um sistema-mundo colocando as indústrias culturais como objeto de pesquisa, dentro de um cenário que transpõe a sociedade nacional como unidade de análise. Neste sistema, há um “centro do mundo”, de onde partem as determinações para as regiões intermediárias e dependentes, configurando um esquema de troca desigual e hierárquica (BUNDT & KALIKOSKE, 2012).

Aceitando o capitalismo como modo de produção hegemônico e que ocorre em escala global, os teóricos da EPC buscam analisar seu impacto na sociedade e nos meios de produção comunicacionais. Na atualidade, de acordo com Bolanõ e Brittos (2008), a importância da EPC renova-se à medida que avançam os processos de expansão dos capitais, pela maior aceitação da relação entre cultura e capitalismo, “seja através da internacionalização das indústrias midiáticas, da privatização da produção e consumos culturais ou do surgimento de novos mecanismos tecnológicos de captura de público”. (BOLAÑO e BRITTOS, 2008, p. 24)

2.1.3 Fordismo e pós-fordismos: duas formas de produção, dois períodos diferentes

Servindo-se da vertente crítica da Economia Política da Comunicação, a pesquisadora Virgínia Fonseca (2008) elaborou - em seu trabalho de doutorado - uma tese sobre a reestruturação produtiva dos conglomerados da mídia na ótica do capitalismo contemporâneo. Ela estabelece uma diferenciação entre o fordismo e o pós-fordismo, consideradas por ela como as duas formas dominantes de organização dos meios de produção nos últimos 70 anos. Por fordismo entende-se o regime de acumulação dominante nas economias capitalistas avançadas entre a segunda Guerra Mundial e os anos 1970; e por pós-fordismo, o regime flexível hegemônico a partir desta data. “No Brasil, tanto um quanto o outro regime de acumulação apresentam-se com especificidades em relação à experiência dos países avançados” (FONSECA, 2008, p. 23).

A pesquisadora ressalta que o fordismo foi modo de organização da produção prevaiente nas indústrias culturais a partir da década de 1960, e que também influenciou nos processos jornalísticos.

O fordismo manifesta-se no jornalismo, com o gerenciamento de uma rígida "linha de produção", na hierarquização, na fragmentação e especialização das funções jornalísticas e no produto jornal –“massivo”, dirigido ao conjunto dos leitores. Caracteriza-se também pela afirmação do conceito de notícia como expressão do jornalismo, segundo os parâmetros de "objetividade" e "neutralidade" influenciados pela tradição norte-americana. (FONSECA, 2008, p. 23).

Já o pós-fordismo nas indústrias culturais manifesta-se a partir da década de 1990, principalmente a partir do crescimento da internet e das novas tecnologias.

Manifesta-se no jornalismo pela flexibilidade dos processos de produção, na redução - e em alguns casos, eliminação - da demarcação de funções jornalísticas, na convergência entre as mídias, no compartilhamento de conteúdos e no produto jornal. O jornal é mais segmentado e flexível que no período anterior, e temos maior destaque para os cadernos, seções, páginas e edições diferenciadas, com vistas a atingir públicos de distintos perfis e interesses. “Quanto ao jornalismo, o modelo em emergência (pós-fordismo) trata o leitor como cliente. Por isso, adota uma série de estratégias para ‘agradar ao leitor/consumidor’. Desse modelo, resulta uma concepção de jornalismo como informação, prestação de serviços e entretenimento” (FONSECA, 2008, p. 24).

2.2 JORNALISMO LOCAL: ASPECTOS CONCEITUAIS

Finalizada esta etapa onde analisamos relações entre o capitalismo e os meios de produção - jornalísticos ou não - a partir do viés crítico da Economia Política da Comunicação, este capítulo segue com uma abordagem dos principais aspectos conceituais sobre mídia regional e local. Buscaremos traçar um breve panorama das tendências atuais do jornalismo praticado nestes tipos de meios de comunicação no Brasil. De acordo com Peruzzo (2005):

(...) mídia local denota uma comunicação baseada em informação de proximidade. Na prática, ela é perpassada por distorções motivadas pela forma com que as relações de produção das notícias e de outros conteúdos midiáticos se processam, mas de uma maneira geral cumpre uma importante função social (PERUZZO, 2005, p. 2).

A imprensa local não é novidade. Pequenas cidades e bairros possuem seus jornais e rádios, que dão a conhecer as notícias locais, as histórias da sua comunidade, num trabalho que nasce muito da colaboração com essa mesma comunidade. Porém, de acordo com Melo⁶ in Dornelles (2004, p. 13), há um debate urgente a se fazer:

Quais as singularidades do jornalismo produzido no interior? Quais as diferenças na forma de entrevistar, apurar e produzir o texto jornalístico? Responder a essas questões é dar uma nova consciência e lançar desafios aos futuros profissionais e aos que já atuam na área. Pois, se importamos as questões e os dilemas do jornalismo produzido nos grandes centros urbanos, obscurecemos a realidade que é própria do dia-a-dia profissional de milhares de profissionais que trabalham no interior

Em artigo defendendo os meios de comunicação das pequenas cidades, o jornalista e pesquisador Wilson Bueno (2012) sustenta a seguinte teoria:

O pequeno jornal e a rádio local mantêm viva “a nossa pródiga e mestiça nacionalidade num mundo que aposta nas benesses não democráticas do processo de globalização. Eles mobilizam, discutem, provocam, bajulam, descomprometidos com as fórmulas prontas do jornalismo pasteurizado da grande imprensa, que se imagina falando para o mundo, mas não consegue sensibilizar ao menos os cidadãos das suas metrópoles.

Para Bueno (2012), há um preconceito por professores de jornalismo e por profissionais da imprensa em relação ao jornalismo praticado em cidades do interior. Um preconceito que não faria sentido, uma vez que muitos deles são nascidos no interior. Assim, muitos destes profissionais seriam marcados pelo mesmo ‘DNA caipira’ que pretendem repudiar. O pesquisador pensa que as universidades precisam atentar para esta permanente injustiça e incluir o pequeno jornal e a rádio local no seu rol de prioridades, em termos de estudo e pesquisa.

Precisa, sobretudo, formar profissionais que possam, em suas localidades, contribuir para a defesa do interesse público para a afirmação da cidadania, o que significa, obrigatoriamente, favorecer a multiplicação das fontes, a ampliação do debate e a inclusão do cidadão comum como protagonista das notícias (BUENO, 2012).

⁶ J. M. de Melo é o autor do prefácio do livro “Jornalismo comunitário em cidades do interior – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores”, de Beatriz Dornelles (2004)

2.2.1 O Conceito de Proximidade

Uma diferenciação entre a imprensa sediada nas metrópoles – nacional ou estadual - e a imprensa local, bem como reflexões sobre o conceito de proximidade, são chave para a discussão teórica desta monografia. Ao tomar como base a mídia portuguesa, Camponez (2002) levanta questões pertinentes sobre o que pode ser considerado como jornalismo de âmbito nacional e os voltados para a realidade de cada região ou localidade.

O que parece distinguir a imprensa regional da nacional tem a ver com as suas formas de organização empresarial e a sua estratégia, claramente vocacionada para uma abordagem dos temas tanto mais generalistas quanto generalista se pretende que seja o seu público num território mais ou menos vasto (CAMPONEZ, 2002, p. 108).

No Brasil, os jornais que são considerados com vocação para pautas nacionais – mesmo que sua circulação não cubra todo o território do país – acabam direcionando grande parte do seu conteúdo aos acontecimentos dos grandes centros urbanos (principalmente os do entorno à sua cidade-sede). Já nos jornais das médias e pequenas cidades, como ressalta Dornelles (2010), a circulação é localizada e o âmbito de ação é restrito, pois o veículo de comunicação estaria irremediavelmente amarrado a um determinado espaço geográfico - que é também o lugar de produção e de cobertura dos acontecimentos de circulação do impresso. Haveria ainda, e especialmente, o vínculo deste meio de comunicação à economia da região por onde circula. “No entanto, isto não significa necessariamente um limite às audiências” (DORNELLES, 2010, p. 238)

Mercadé (1997) ressalta que a imprensa regional deve ter, como área mais privilegiada de difusão da informação, a região ou a cidade na qual se situa também a sua sede editorial. Ele reforça a ideia de que a imprensa interiorana possui características diferentes da imprensa das grandes cidades.

A vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a percepção sobre o leitor são determinados pelo contexto local ou regional, sendo também as relações com as instituições e organismos locais e regionais mais diretas, de carácter permanente e num grau maior de intensidade, comparativamente aos jornais que se encontram, administrativa, política

e economicamente a um nível de desenvolvimento maior. (MERCANDÉ, 1997⁷ apud DORNELLES, 2010, p. 239).

Assim, a comunicação local diz respeito à informação direcionada as pessoas e membros integrados em determinada sociedade com características específicas, e com população não muito grande. E a interação entre o jornal local e a população ocorre de forma mais constante, via de regra, pela proximidade social que há entre os participantes deste sistema local. Para exemplificar: numa cidade pequena, o contato de um morador com a Prefeitura ou a Câmara de Vereadores pode ser muito mais direto. Este mesmo cidadão consegue interagir com maior facilidade também junto às pessoas do seu bairro. Unidas, estas pessoas de um determinado bairro conseguem, sem muita dificuldade, formar um “*lobby* comunitário” para reivindicar, na Câmara de Vereadores, melhorias para sua localidade. E valendo-se da proximidade com os poderes instituídos – incluindo a mídia local, principal detentora do poder simbólico – o grupo de cidadãos tem maiores chances de garantir sua demanda do que numa metrópole multifacetada, superpopulosa e difusa como São Paulo ou Porto Alegre.

A questão da proximidade não é característica específica da imprensa regional e local, mas sim transversal ao jornalismo. Contudo, ela fica mais demarcada neste tipo de veículo midiático. Para Camponez (2002), esta relação entre o jornalismo local e o conceito de proximidade pode ser uma “rota de fuga” da informação generalista e massificada dos grandes meios.

(...) o papel estratégico da proximidade leva a que alguns considerem a Imprensa Regional como a Imprensa do século XXI. A ideia é sustentada na tese de estarmos hoje perante um campo da comunicação virado do avesso: quanto mais fácil é tomarmos conhecimento dos acontecimentos longínquos, mais nos distanciamos da realidade mais próxima. (CAMPONEZ, 2002, p. 113)

Dos órgãos de imprensa local e regional, devemos ter as mesmas expectativas que temos dos órgãos de imprensa estaduais e nacionais: reportar informações relevantes ao cidadão. Porém, segundo Camponez (2002), parece haver uma diferença bem demarcada entre ambos, pois nos jornais locais dedica-se mais atenção ao que é importante para o próximo, no sentido

⁷ Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8191/5880>>. Acesso em 27 set 2013

literal. “Imprensa regional, remete, em partida, mais para uma mídia vocacionada na história do cotidiano das comunidades locais do que para o país ou mundo” (CAMPONEZ, 2002, p. 104).

Bueno (2012) é ainda mais enfático em relação à diferença entre as pautas selecionadas nos veículos locais/ regionais e aquelas escolhidas na imprensa dita estadual e nacional, e destaca a maior proximidade da pequena imprensa com a realidade do nosso país.

A grande imprensa está focada na eleição americana (senta no colo do Obama) e despreza a importância dos nossos vereadores, dá as mãos para as grandes empresas agroquímicas, de biotecnologia e para a Big Pharma e ignora as pequenas empresas, que, como a rádio local, o pequeno jornal, são a realidade desse país. A grande imprensa olha para os grandes barões da soja e da cana e esquece a agricultura familiar e repete a mentira planetária de que os transgênicos vão matar a fome do mundo. (BUENO, 2012)

2.2.2 Os vínculos entre jornalismo e comunidade

Creio neste ponto ser importante estabelecer uma definição do termo comunidade. Vivemos entre os outros, percebemos a necessidade de pertencer ao social, participar de diversos grupos - minorias ou majorias - grupos de estruturas complexas ou triviais. Muitas vezes distinguimo-nos por símbolos - bandeiras de futebol ou de partidos, religião e ideologias - dos que são diferentes a nós, e juntamo-nos aos parecidos. Segundo Silverstone (1999) a comunidade é como uma versão do lar, só que pública ao invés de privada. “Comunidades são reivindicatórias, são vividas e imaginadas. Mas quanto de um senso de comunidade depende da mídia?” (SILVERSTONE, 1999, p. 184). Para o autor, a mídia é central para a manutenção das bases da comunidade, fornece os recursos tanto para sua resistência a mudança como para sua mudança.

Dornelles (2004) entende por comunidade uma área geográfica caracterizada pela afinidade de valores e ambições de uma determinada população, com a mesma tradição, costumes e interesses, além da consciência de uma participação em ideias e valores comuns. E neste processo, os jornalistas das comunidades no interior tem destaque, pois “procuram diariamente informar-se e participar das ações da comunidade, não só divulgando os fatos que a envolvem, mas decidindo e buscando recursos para que as reivindicações se concretizem” (DORNELLES, 2004, p. 155).

Para a mesma Dornelles, as comunidades que mantêm contato entre si por via da partilha de interesses comuns – e que são típicas das pequenas cidades - privilegiam formas de solidariedade informal, diferente dos modelos de organização convencional, formadas na base de interesses formais e sem lugar definido.

A particularidade da imprensa regional funda-se no fato de se dirigir ao indivíduo enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes (DORNELLES, 2010, p. 242).

A pesquisadora defende a teoria de que os jornais locais devem ser comunitários, e que os realizadores dos jornais locais participem ativamente da vida social na qual estão inseridos. “As matérias produzidas para o jornal devem atender os anseios e reivindicações da comunidade que, dentro do possível, determinará quais as notícias que devem ser divulgadas no jornal” (DORNELLES, 2004, pag. 131). Ela complementa dizendo que “o diretor e/ou o jornalista dos periódicos devem, também, participar ativamente das atividades promovidas pela comunidade, ajudando a buscar soluções quando pensarem se fazer necessário.” (DORNELLES, 2004, p. 131)

2.2.3 Os desafios da imprensa interiorana

Mas, além da possibilidade do jornalismo local servir como um instrumento positivo de transformação social em sua comunidade de atuação, há algumas tendências negativas que também devem ser lembradas. Para Peruzzo (2005), é comum a existência de tratamento tendencioso da informação - e até a omissão de fatos – pelos veículos midiáticos locais. Isto ocorreria em decorrência de ligações políticas com os detentores do poder local e dos interesses econômicos de donos da mídia.

Claro que não se trata apenas de um problema da imprensa regional (e local), mas nela parece que essas relações se tornam mais explícitas, justamente porque as possibilidades de confronto entre o fato e sua versão, por parte do leitor, são mais fáceis de acontecer”. (PERUZZO, 2005)

Também são muitas as dificuldades relacionadas a imprensa afastada dos grandes centros urbanos, restrita a uma área geográfica onde vivem não mais do que alguns milhares de pessoas. Na busca de caminhos para a efetivação de um jornalismo de qualidade nas cidades de pequeno porte – com até 50 mil habitantes - Pestana (2013)⁸ aponta em artigo que existem dois vetores que andam em sentidos opostos. Um deles é o interesse do público. “Quanto mais locais forem à informação, a notícia e a prestação de serviços, maior seu interesse. O cidadão quer saber dos fatos da comunidade que influenciam a sua vida” (PESTANA, 2013). Portanto, seria parte do papel da imprensa local informar sobre que o prefeito fez, o que a Câmara Municipal aprovou, quem ganhou o campeonato municipal de futebol, alertar sobre os assaltos que indignaram a população, ressaltar a atuação de um cidadão em destaque; enfim, os acontecimentos que cercam a comunidade.

No entanto, quanto mais local for essa informação, menos audiência ela tende a captar. E a amplitude da audiência é um dos orientadores para o investimento em publicidade num veículo de comunicação. Para Melo (2008), numa sociedade de mercado, o principal indicador do desenvolvimento da indústria midiática é o ritmo dos investimentos em publicidade. “Quanto maior for a capacidade dos anunciantes para comprar espaços nos jornais, rádios televisão ou internet, mais recursos terão os empresários do ramo para manter seus veículos e melhorar seus produtos” (MELO, 2008, p. 11)

Assim sendo, os jornais locais dependem da publicidade para sua sobrevivência financeira, mas tem o desafio de atrair leitores/clientes em uma comunidade não muito grande. De acordo com Pestana (2013), quanto menor a audiência, mais baixo será o valor que o anunciante estará disposto a pagar por uma inserção publicitária no veículo.

Pode-se até argumentar que um anúncio, nesse caso, atingiria diretamente e com precisão o target que se deseja. Sim, é verdade, mas quem mira algumas centenas ou poucos milhares de pessoas em uma comunidade é o pequeno varejo, e este, até pelo alcance reduzido de sua mensagem, pode pagar muito pouco (PESTANA, 2013)

O segundo ponto levantado por Pestana (2013) é o poder aquisitivo. Ele compara a realidade brasileira com a dos países com maior grau de desenvolvimento econômico.

⁸ Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed765_desafios_da_imprensa_local>. Acesso em 27 out. 2013

Poderíamos levar notícias e mensagens publicitárias para alguns poucos milhares de pessoas e mesmo assim termos viabilidade financeira. Mas, para que isso aconteça, esse público deve ter um bom poder aquisitivo. É o que ocorre na Europa e nos Estados Unidos. Uma pequena comunidade tem um alto poder de compra, capaz de manter um varejo muito ativo (...) Um comerciante americano que vende 160 carros novos por mês tem um poder de fogo diferente de um lojista brasileiro que vende 16 carros usados (e na maioria das vezes bem usados) no mesmo período de tempo. E esse poder de fogo se reflete no valor e na frequência dos anúncios, ou seja, no tamanho da verba publicitária. (PESTANA 2013).

Outro fator que contribui com a grande dificuldade de estabelecer veículos noticiosos de qualidade em cidades do interior brasileiro é a manutenção de mão de obra jornalística. Um veículo pequeno, em uma comunidade pequena, tem dificuldades para pagar um jornalista em período integral. Por exemplo: em Torres – uma das cidades do Litoral Norte, região de análise deste trabalho – há seis jornais em circulação no segundo semestre de 2013. Porém, apenas um destes veículos conta com um jornalista formado – jornalista que é também proprietário do jornal.

Então, Como sair desse círculo vicioso da baixa audiência, que gera receitas publicitárias na maioria das vezes modestas e dificulta o jornalismo local nas pequenas e médias cidades do interior do país? Pestana (2013) pensa que as respostas não são simples.

Se em 500 anos de Brasil o jornalismo comunitário de boa qualidade não surgiu, deve ser porque realmente é de difícil implantação. No entanto, temos a obrigação de encontrar caminhos para mudar essa realidade. Não seremos uma democracia plena se a maioria dos cidadãos brasileiros não tiver acesso a informações e jornalismo local independente e de qualidade. (PESTANA 2013).

3 O RIO GRANDE DO SUL E SUAS REGIÕES

Ao findarmos o capítulo com a fundamentação teórica desta monografia, passamos a uma etapa de análise de algumas características do estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, levantaremos dados geográficos e socioeconômicos, material coletado principalmente em estudos da Federação de Economia e Estatística do RS (FEE) e contabilizando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹.

Esta cotextualização torna-se pertinente para que possamos entender de que forma a microrregião analisada – o Litoral Norte do Rio Grande do Sul – se insere no panorama estadual. A partir desta contextualização, teremos maior conhecimento em relação às peculiaridades que marcam a sociedade, economia e cultura do Litoral Norte, e poderemos passar para a análise dos jornais desta microrregião focando no panorama local.

3.1 DADOS GERAIS SOBRE O RIO GRANDE DO SUL

O estado do Rio Grande do Sul (RS) tem área total de 281.748,538 Km², e possui como limites geográficos o estado de Santa Catarina ao norte, o oceano Atlântico ao leste, o Uruguai ao sul e a Argentina a oeste. Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística – FEE (2012)¹⁰, o Rio Grande do Sul possuía, até 2011, cerca de 10,73 milhões de habitantes, distribuídos pelos 497 municípios do estado. O Estado ocupa o quinto lugar entre os mais populosos do Brasil, sendo superado por São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. Sua capital é Porto Alegre, que também é o município mais populoso, com cerca de 1,4 milhão de habitantes. O município Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, é o segundo mais populoso do estado, com 435,5 mil habitantes em 2010, e também o que mais vêm crescendo em termos populacionais, com um aumento de 20,8% entre 2000 e 2010.

⁹ Dados recolhidos no site do IBGE: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs>>. Acesso em 05 de setembro de 2013

¹⁰ Informações relativas a estudo realizado pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), intitulado “Resumo Estatístico 2011”. Disponível online em http://www.fee.tche.br/sitefee/download/resumo/resumo-rs-2011_site.pdf. Acesso em 06 de setembro de 2013

Da população total do Estado, 36,5% estava, em 2010, concentrada em apenas dez municípios. A tabela 1¹¹ apresenta estes 10 municípios, com suas populações e variação no número de habitantes entre 2000 e 2010.

Tabela 1 – Os 10 municípios com maior população do RS

ESTADO E MUNICÍPIOS	2000		2010		VARIÇÃO 2010/2000 (%)
	Habitantes	%	Habitantes	%	
Rio Grande do Sul	10 187 798	100,0	10 695 532	100,0	5,0
Porto Alegre	1 360 590	13,4	1 409 939	13,2	3,6
Caxias do Sul	360 419	3,5	435 482	4,1	20,8
Pelotas	323 158	3,2	327 778	3,1	1,4
Canoas	306 093	3,0	324 025	3,0	5,9
Santa Maria	243 611	2,4	261 027	2,4	7,1
Gravataí	232 629	2,3	255 762	2,4	9,9
Viamão	227 429	2,2	239 234	2,2	5,2
Novo Hamburgo	236 193	2,3	239 051	2,2	1,2
São Leopoldo	193 547	1,9	214 210	2,0	10,7
Rio Grande	186 544	1,8	197 253	1,8	5,7

FONTE: IBGE/Censo demográfico.

Analisando dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)¹², temos ainda que 85,1% dos gaúchos vivem em áreas urbanas, enquanto os restantes 14,9% distribuem-se por áreas rurais. Já em relação à variação da população, principalmente nas últimas décadas, verifica-se uma queda nas taxas de crescimento. O Rio Grande do Sul apresentou, no período 2000 – 2010, a menor taxa de crescimento relativo do Brasil.

E os dados apresentam um equilíbrio entre a população masculina e feminina no Rio Grande do Sul, com leve vantagem populacional para as mulheres, que são 51,3%, enquanto 48,7% são homens. A população gaúcha é relativamente mais envelhecida que a brasileira. Segundo o IBGE (2010)¹³, enquanto no Rio Grande do Sul há aproximadamente um milhão de pessoas com mais de 65 anos - ou seja, 9,3% - a média nacional de pessoas desta faixa etária é de

¹¹ As Tabelas de 1 a 5 foram coletadas do estudo realizado pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), intitulado “Resumo Estatístico 2011”.

¹² Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>. Acesso em 05 de setembro de 2013

¹³ Idem

7,4%. Verifica-se ainda que 66,5% da população do Brasil tem menos de 40 anos, enquanto que no RS este percentual é de 60,0%.

O IBGE (2010) aponta que, entre 2001 e 2009, a taxa de analfabetismo do Rio Grande do Sul foi reduzida de 6,2% para 4,6%. Neste quesito, o estado continua bem abaixo da taxa nacional, de 9,7%. Entretanto, constata-se ainda que 26,1% da população gaúcha (com mais de 10 anos de idade) não têm mais do que quatro anos de estudo; 60,6% não têm mais do que oito anos, enquanto apenas 7,8% possuem 15 anos ou mais de estudo.

3.1.2 Economia

No estudo intitulado “Resumo Estatístico 2011”, a Fundação de Economia e Estatística (2012) aponta que, em 2009, o PIB (Produto Interno Bruto) do Rio Grande do Sul atingiu o valor de R\$ 206,8 bilhões, correspondentes a 6,5% do PIB nacional. Já o PIB per capita chegou a R\$ 18.947, estando acima dos R\$ 16.414 do Brasil.

Entre 1995 e 2010, a economia gaúcha cresceu, em termos acumulados, 43,8%, ficando abaixo da taxa brasileira de crescimento, de 57,1%. A disparidade entre as taxas é explicada, segundo a FEE (2012), pelas estiagens ocorridas no Estado em 2004 e, principalmente, em 2005. Nestes dois anos o PIB gaúcho avançou apenas 0,4%, enquanto que o do Brasil cresceu 9,1%. Posteriormente, a economia estadual voltou a crescer no mesmo ritmo do país.

Quando analisada setorialmente, verifica-se que o setor de Serviços concentra a maior parte da atividade econômica (65,2%), seguido pela Indústria (24,6%) e pela Agropecuária (10,2%). Entre as várias atividades ligadas ao setor de Serviços, os maiores são o Comércio (17,2%) e a Administração Pública (13,9%).

Os dados da FEE (2012) revelam que a agricultura gaúcha continua sendo uma das mais importantes do País representando cerca de 12,0% da produção nacional. Entre os principais produtos, destacam-se soja, arroz, fumo, trigo, maçã e uva. A tabela 2 mostra a representatividade dos principais produtos agrícolas do RS. Dentre estes, o arroz corresponde a 63% de todo arroz produzido no Brasil, e a uva e o fumo do estado são responsáveis por mais da metade da produção nacional.

Tabela 2 - Quantidade produzida dos principais produtos da lavoura do Rio Grande do Sul e sua participação no Brasil: Comparativo entre 2000 e 2009

PRODUTOS	2000		2009	
	Quantidade	% no Brasil	Quantidade	% no Brasil
Soja	4 783 895	14,6	8 025 322	14,0
Arroz	4 981 014	44,7	7 977 888	63,1
Fumo	294 873	50,9	443 813	51,4
Milho	3 936 202	12,2	4 186 862	8,3
Mandioca	1 297 740	5,6	1 281 899	5,3
Trigo	884 507	51,3	1 912 138	37,8
Maçã	2 562 236	44,4	556 556	45,5
Uva	532 553	52,0	737 363	54,0

FONTE: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Na pecuária, o estudo da FEE (2012) aponta que aves e suínos são as principais criações do ponto de vista da geração de renda. Percebe-se que os rebanhos suínos e ovinos são os que têm maior representatividade em comparação aos rebanhos nacionais. Também nota-se que a participação dos principais rebanhos gaúchos na pecuária brasileira diminuiu, num comparativo entre 2000 e 2009, como visto na tabela 3.

Tabela 3 - Efetivo dos principais rebanhos do Rio Grande do Sul e sua participação no Brasil: Comparativo entre 2000 e 2009 (FEE)

TIPO DE REBANHO	2000		2009	
	Efetivo (Cabeças)	% no Brasil	Efetivo (Cabeças)	% no Brasil
Bovino	13 601 000	8,0	14 366 298	7,0
Suíno	4 133 303	13,1	5 344 318	14,0
Ovino	4 812 477	32,5	3 946 349	23,5
Aves	113 892 530	13,4	141 722 217	11,4

FONTE: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

A indústria de transformação do Rio Grande do Sul está entre as primeiras do Brasil. Os principais setores, tanto pela representatividade na indústria brasileira quanto pela importância local, são os de produtos alimentícios, químico, de veículos automotores, reboques e carrocerias, de máquinas e equipamentos (basicamente tratores e implementos agrícolas), de couros e calçados, de fumo e de produtos de metal.

Conforme a tabela 4, entre 2000 e 2008, as mudanças mais notadas na estrutura industrial do Estado estiveram relacionadas com a diminuição da importância da produção de calçados e o crescimento dos setores de produtos químicos e de veículos automotores, reboques e carrocerias na participação do Valor de Transformação Industrial (VTI) brasileira.

Tabela 4 - Estrutura da produção industrial do Rio Grande do Sul e sua participação no Brasil: Comparativo entre 2000 e 2008

ATIVIDADES	2000		2008	
	Estrutura	Participação do VTI do RS no do BR	Estrutura	Participação do VTI do RS no do BR
Produtos alimentícios (1)	14,1	8,5	16,1	8,6
Bebidas (1)			3,2	7,5
Produtos químicos	10,0	7,3	11,3	10,2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	5,8	7,1	10,3	6,9
Máquinas e equipamentos	7,7	12,4	9,9	13,4
Couros e artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	11,9	52,9	7,7	32,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	4,2	11,2	7,0	11,5
Produtos do fumo	5,5	59,1	5,4	50,0
Metalurgia	2,6	3,6	4,0	3,3
Produtos de borracha e de material plástico	3,5	8,1	3,7	7,6
Móveis	4,4	18,2	3,5	23,3
Produtos de minerais não-metálicos	2,5	5,6	2,7	5,8
Celulose, papel e produtos de papel	3,2	6,3	2,1	4,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,5	5,4	2,0	5,2
Produtos de madeira	1,0	7,3	1,7	10,1
Artigos do vestuário e acessórios	1,1	5,3	1,2	4,9
Coque, produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	11,6	8,8	1,2	0,7
Produtos têxteis	1,3	4,0	1,2	4,5
Outras Atividades	4,1	3,2	5,7	3,9

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual Empresa.

(1) No ano 2000 a atividade Bebidas não era discriminada da atividade Produtos alimentícios.

Os dados da FEE (2012) mostram que o comércio do RS tem no setor Varejista o principal responsável pelo total de venda, com 50,7%, seguido pelo setor Atacadista (49,3%). Tanto no Atacado como no Varejo destacam-se os ramos de combustíveis e de produtos alimentícios, bebidas e fumo, segundo mostra a tabela 5.

Tabela 5 – Estrutura das vendas do comércio varejista e atacadista do Rio Grande do Sul: Comparativo entre 2001 e 2007 (FEE)

ATIVIDADES	2001 (%)	2007 (%)
Comércio Varejista	53,04	50,72
Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo	14,68	14,72
Veículos, Motocicletas, Partes, Peças e Acessórios	6,37	8,25
Combustíveis e Lubrificantes	8,31	7,02
Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico	5,60	5,65
Móveis e Eletrodomésticos	5,44	5,03
Outros	12,64	10,06
Comércio Atacadista	46,96	49,28
Combustíveis	15,10	16,95
Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo	9,29	11,26
Matérias-primas Agropecuárias	6,88	7,57
Artigos de Usos Pessoal e Doméstico	4,61	4,03
Outros	11,07	9,46

FONTE: IVC-RS - Convênio FEE e Fecomércio-RS.

Nota: O IVC-RS é elaborado pela FEE utilizando os dados brutos oriundos da Secretaria da Fazenda

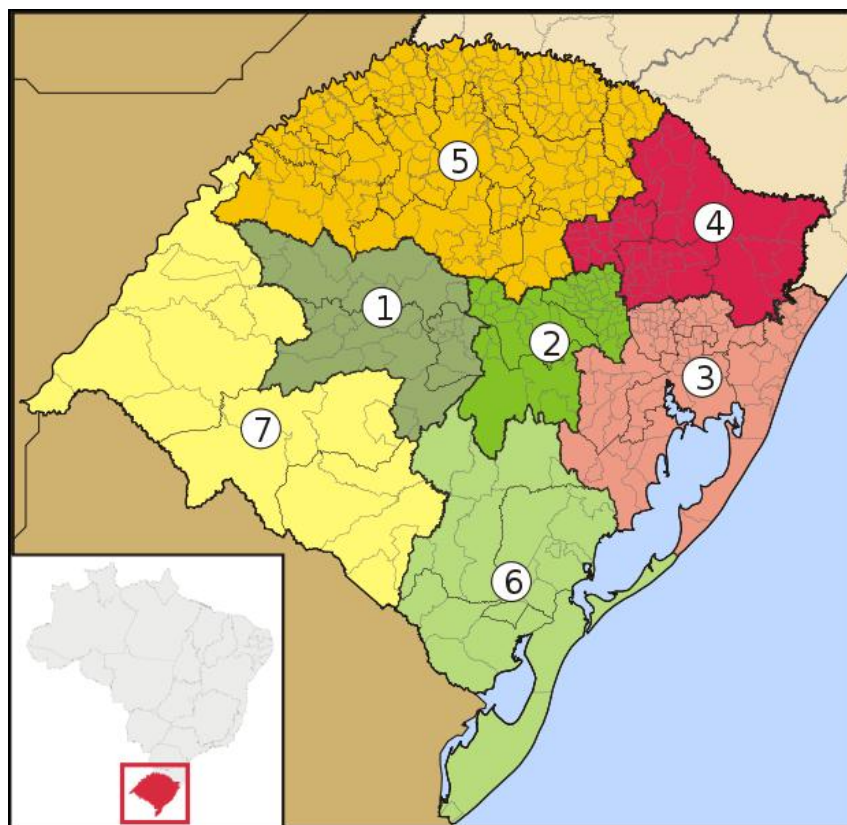
3.2 DIVISÃO DO RIO GRANDE DO SUL EM MESORREGIÕES

O Rio Grande do Sul atravessou largo processo de mudança territorial ao longo dos últimos 30 anos. Composto em 1980 por 232 municípios, o estado alcançou o ano de 2010 com um total de 496, mais que dobrando o número de municípios em 30 anos, num território dividido em 35 microrregiões geográficas¹⁴.

Estas 35 microrregiões geográficas, por sua vez, dividem-se em 7 mesorregiões: A Mesorregião Centro Ocidental Rio-grandense (1), a Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense (2), a Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre (3), a Mesorregião do Nordeste Rio-grandense (4), a Mesorregião do Noroeste Rio-grandense (5), a Mesorregião do Sudeste Rio-grandense (6) e a Mesorregião do Sudoeste Rio-grandense (7). Suas delimitações geográficas podem ser vistas no mapa 1:

¹⁴As regiões são, a constar: Cachoeira do Sul, Camaquã, Campanha Central, Campanha Meridional, Campanha Ocidental, Carazinho, Caxias do Sul, Cerro Largo, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Gramado-Canela, Guaporé, Ijuí, Jaguarão, Lajeado-Estrela, Litoral Lagunar, Montenegro, Não-Me-Toque, Osório, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Restinga Seca, Sananduva, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santiago, Santo Ângelo, São Jerônimo, Serras do Sudeste, Soledade, Três Passos e Vacaria.

Figura 1 - Mesorregiões Gaúchas



Fonte: Wikipedia¹⁵(2013)

A tabela 6 mostra a divisão dos municípios do Rio Grande do Sul nestas sete mesorregiões. A grande maioria destes (mais de 43% das cidades) se localiza na mesorregião Noroeste Rio-grandense. À mesorregião Metropolitana de Porto Alegre pertencem cerca de 20% dos municípios

¹⁵ A figura 1 está disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Mesoregions.svg>. Consultado em 05 de outubro de 2013

Tabela 6 – Total de municípios integrantes de cada mesorregião

MESOREGIÕES	TOTAL DE MUNICÍPIUOS				PERCENTUAL DE MUNICÍPIUOS			
	1980	1991	2000	2010	1980	1991	2000	2010
Centro Ocidental Rio-grandense	16	20	30	31	6.9	6.0	6.4	6.3
Centro Oriental Rio-grandense	18	30	49	54	7.8	9.0	10.5	10.9
Metropolitana de Porto Alegre	42	67	96	98	18.1	20.1	20.6	19.8
Nordeste Rio-grandense	25	39	50	53	10.8	11.7	10.7	10.7
Noroeste Rio-grandense	104	146	202	216	44.8	43.8	43.3	43.5
Sudeste Rio-grandense	15	19	23	25	6.5	5.7	4.9	5.0
Sudoeste Rio-grandense	12	12	17	19	5.2	3.6	3.6	3.8
RS	232	333	467	496	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: FEE (2010)

Levando em consideração esta divisão, é possível detectar processos socioeconômicos bem diferenciados entre as mesorregiões. No estudo da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul¹⁶, coordenado pela pesquisadora Rosetta Mammarella (2010) e intitulado “O estado do Rio Grande do Sul e sua Região Metropolitana no Censo 2010”, são levantadas características de todas as mesorregiões do estado, conforme abaixo apresentado.

3.2.1 Mesorregião Centro Ocidental

A mesorregião Centro Ocidental se caracteriza por uma economia centrada, fundamentalmente, na agropecuária e nos serviços. Conforme Mammarella (2010):

Apesar dos seus 31 municípios em 2010 (15 a mais do que em 1980), tem uma única cidade importante – Santa Maria – onde o setor de serviços se caracteriza, basicamente, pela natureza pública (estatal) de grande parte dos mesmos, destacando-se o ensino de terceiro grau (Universidade Federal de Santa Maria) e a segurança nacional, atendida por diversas unidades do Exército Nacional e uma Base Aérea. Sua rede urbana é constituída basicamente por pequenas cidades que se articulam com a maior centralidade da região, representada por Santa Maria. Ao que tudo indica, não há possibilidade de emergir outro centro urbano com o mesmo padrão de centralidade desse município (MAMMARELA, 2010, p. 09).

¹⁶ Disponível em:

<http://web.observatoriodasmetrolopes.net/download/DEMOGRAFIA_RGS_E_RMPA%202000_2010.pdf>.

Consultado em 05 de outubro de 2013

3.2.2 Mesorregião Centro Oriental

Localizada numa área entre o planalto e a Serra do Sudeste do RS, sendo limítrofe com a Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, e contígua ao maior mercado consumidor do sul do país, representado pelo “Eixo Porto Alegre – Caxias do Sul”, encontra-se a mesorregião Centro Oriental . Como salienta Mammarella (2010), é uma mesorregião composta por 54 municípios (36 a mais do que em 1980), sendo que apenas um município conta com mais de 100 mil habitantes (Santa Cruz do Sul).

(...) diferentemente da meso Centro Ocidental, tem outros centros urbanos com importância regional, como é o caso de Cachoeira do Sul, Lajeado e Estrela, estes dois últimos praticamente conurbados e com fortes integrações com a meso Metropolitana. Sua economia regional está baseada praticamente na agropecuária diversificada e na agroindústria do fumo, concentrada em Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Sinimbu, Sobradinho e Vera Cruz (MAMMARELA, 2010, p. 9-10).

3.2.3 Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre

No RS, a Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre é a mais importante do ponto de vista econômico. De acordo com Mammarella, esta relevância ocorre “por apresentar em seu âmbito as atividades mais dinâmicas, representando assim a mais complexa formação econômica do Estado” (MAMMARELA, 2010, p. 10). A Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre é composta por 98 municípios - 56 a mais do que em 1980 - e nessa formação espacial existem três recortes territoriais que merecem destaque: a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), o Eixo Turístico e a Aglomeração Urbana Litoral Norte (AULINort). Do ponto de vista econômico, todos estes aglomerados estão funcionalmente ligados à economia da RMPA.

Segundo Mammarella (2010), a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) foi criada em 1973 com 14 municípios e ampliada ao longo dos anos, sendo hoje composta por um total de 32 municípios.

Dos 10 municípios do RS com mais de 200 mil habitantes, sete estão localizados na RMPA, incluindo, evidentemente, a Capital, a única

(cidade) com mais de um milhão de habitantes. É, ainda, a que reúne o maior volume de investimentos públicos e privados – econômicos, culturais, sociais, infraestrutura, etc. – e a maior parcela da população do Estado (MAMMARELA, 2010, p. 10)

A pesquisadora complementa dizendo que a formação da RMPA se deu a partir da cidade de Porto Alegre, sua sede, e de São Leopoldo, “em torno das quais se formou um conjunto de cidades pequenas e médias, sendo que nas últimas décadas, algumas delas assumiram tamanho e importância significativos no contexto regional” (MAMMARELA, 2010). A região abriga em seu interior importantes complexos industriais, tais como o III Pólo Petroquímico (Triunfo), a Refinaria Alberto Pasqualini (Canoas), a General Motors (Gravataí) e o complexo produtivo do setor coureiro – calçadista (Novo Hamburgo, São Leopoldo, Taquara e todos os municípios de seu entorno).

O Eixo Turístico é formado pelos municípios de Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula, este último pertencente à Mesorregião Nordeste, mas que mantém íntima relação com os três primeiros municípios. Quanto a economia do Eixo Turístico, Mammarella afirma que:

Está baseada fundamentalmente pelas atividades terciárias ligadas ao turismo – concentradas especialmente em Gramado e Canela, que já estão praticamente conurbados – e às 12 atividades industriais formadas predominantemente por pequenas e médias empresas ligadas principalmente dos gêneros Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos; Madeira; Mobiliário; Mecânica; e, Metalúrgica. (MAMMARELA, 2010, p. 11).

Já a Aglomeração Urbana do Litoral Norte (AULINort) é composta por 20 cidades localizadas ao longo do litoral norte do Estado e, conforme ressalta Mammarella, destaca-se mais pelas singularidades do seu cotidiano do que propriamente por sua importância econômica ou demográfica. “Sua especificidade é dada pelo caráter sazonal de sua atividade principal, o turismo (interno) que se desenvolve nos meses de verão (dezembro a março). A existência de uma população permanente se encontra concentrada em Torres, Capão da Canoa e Tramandaí e Osório” (MAMMARELA, 2010, p. 12).

3.2.4 Mesorregião Nordeste Rio-grandense

A Mesorregião Nordeste Rio-grandense também tem particularidades que convém destacar, de acordo com Mammarella (2010, p. 12).

Composta por 53 municípios (28 a mais do que em 1980) se caracteriza, por uma economia que teve duas origens distintas, compreendendo, portanto duas formações originais: os “Campos de cima da Serra” e a Aglomeração Urbana do Nordeste (AUNE). A primeira é formada por municípios de grande extensão territorial, com predominância de grandes e médias propriedades (Bom Jesus, Cambará do Sul, Esmeralda, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula e Vacaria). Já a AUNE, cuja formação inicial desenvolveu-se a partir da pequena propriedade e recebeu os assentamentos da imigração europeia no Estado, ainda no século passado, é a segunda área mais dinâmica do Estado, depois da RMPA, baseando-se numa economia mais diversificada e uma rede urbana mais densa (35 cidades numa área menor do que a metade da Mesorregião), incluindo cidades de médio porte como Caxias do Sul e Bento Gonçalves que são as que nucleiam a AUNE. A agropecuária se desenvolveu com perfil diversificado (suinocultura, pecuária de leite, fruticultura: vitivinicultura), e estabeleceu-se importante estrutura agroindustrial que comanda a indústria regional (indústria de alimentos, de bebidas, madeira e mobiliário).

Embora a Aglomeração Urbana do Nordeste desenvolva, para Mammarella (2010, p. 13), “uma dinâmica própria”, trata-se de uma microrregião que, em muitos aspectos, tem complementaridade com a Região Metropolitana de Porto Alegre. A pesquisadora destaca que estudos têm apontado a AUNE e a RMPA como uma só formação, sob a denominação de Eixo Porto Alegre – Caxias do Sul. “Trata-se, sem dúvida, de um grande conglomerado urbano industrial com ocupação urbana descontínua entre si, mas com algumas áreas conurbadas e outras com tendência à contiguidade” (MAMMARELA, 2010, p. 13).

3.2.5 Mesorregião Noroeste Rio-grandense

A quinta mesorregião do RS, a Noroeste Rio-grandense é constituída por 216 municípios, praticamente o dobro em relação ao total existente em 1980 (quando eram 112 cidades). Sua estrutura econômica é basicamente agrária, visto ser a mesorregião que possui o maior produto agrícola do Estado. A produção é baseada predominantemente na pequena e média propriedade,

um perfil de produção tipicamente lavoureiro – focado no trigo, soja e milho - mas contanto também com pecuária de pequenos animais (suínos e aves). O parque industrial desenvolvido nesta área do Estado também é formado por pequenos e médios estabelecimentos vinculados à base agropecuária, que se disseminaram por toda a região.

A formação territorial mais importante dessa mesorregião é a denominada Aglomeração Descontínua de Passo Fundo (ALONSO, 2009, apud MAMMARELA, 2010), capitaneada pelo único município com mais de 100 mil habitantes, que é exatamente Passo Fundo, e da qual fazem parte também Erechim e Carazinho. Além desta formação aglomerativa, situa-se também nesta mesorregião um outro eixo, cujas cidades mais representativas são Panambi, Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa e Horizontina, eixo este que não deixa de manter ligação econômica com a aglomeração. Segundo Mammarela (2010) ainda destaca-se nesta região

“(…) a existência de importantes instituições de ensino superior na mesorregião: a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ; a Universidade de Passo Fundo – UPF; a Universidade de Cruz Alta (as três com sede em cidades do mesmo nome); e, a Universidade Regional Integrada – URI, em Santo Ângelo. Todas tem suas sedes em cidades que constituem as centralidades acima mencionadas, revelando a intensidade da relação entre eles (MAMMARELA, 2010, p. 13).

3.2.6 Mesorregião Sudeste Rio-grandense

No extremo sul do RS localiza-se a mesorregião Sudeste Rio-grandense, integrante da conhecida “Metade-Sul” do Estado, e que representa uma síntese da sociedade agropastoril que a formatou ao longo dos séculos. São 25 os municípios que a integram, dez a mais do que em 1980. “Esse fato já dá uma ideia de que essa é uma região com pouco dinamismo” (MAMMARELA, 2010, p. 13). A Aglomeração Urbana do Sul (AUSul) está situada nos seus limites, formada basicamente por Pelotas e Rio Grande (a primeira com quase 350 mil habitantes e a segunda com cerca de 200 mil habitantes). Conforme Mammarela (2010)

Estas duas cidades constituíram no século passado o principal pólo “industrial” do Estado: Pelotas por ter sediado grande número de charqueadas e intenso centro de comércio e serviços para toda a economia da “Metade Sul”; Rio Grande, cuja principal atividade industrial era no ramo têxtil, se destaca atualmente pela importância da infraestrutura e serviços portuária ali localizada – cuja abrangência territorial é não só regional, mas de todo o RS – juntamente com a instalação de plantas do setor petroquímico.

Não se pode deixar de destacar, contudo, que do ponto de vista industrial, “esta Mesorregião vem sofrendo acentuado processo de desindustrialização relativa, em alguns segmentos, e em perdas absolutas em outros” (MAMMARELA, 2010, p 14).

3.2.7 Mesorregião Sudoeste Rio-grandense

Também integrando o que se convencionou chamar de “Metade Sul” do RS, há ainda a mesorregião Sudoeste Rio-grandense (7). Segundo Mammarella (2010, p. 14),

(...)ela é produto histórico da sociedade pastoril que construiu a região desde as suas origens, a partir de uma estrutura agrária de grandes latifúndios. De todas, é a que aponta menores indícios de mudanças. Aos 12 municípios que a integravam em 1980, foram adicionados apenas sete. “É o que se poderia designar a área mais estagnada do Estado, tendo sofrido, ao mesmo tempo, os efeitos da crise estrutural semissecular, decorrente da incapacidade de se inserir nos ciclos expansivos das economias brasileira e do próprio Estado, e, de outro, os efeitos da crise que se abateu sobre a economia brasileira, a partir da década de 1980.

Localizam-se nessa mesorregião dois municípios com mais de 100 mil habitantes - Uruguiana e Bagé - que segundo Mammarella (2010, p. 14) são distintas das demais “pela importância de suas aglomerações internacionais de fronteira com a Argentina e Uruguai, em alguns casos de forma contígua e em outras conurbada”: Há fronteiras internacionais em São Borja (BR) – Santo Tomé (Argentina); Itaqui (BR) – General Alvear e La Cruz (Argentina); Uruguiana (BR) – Passo de Los Libres (Argentina); Quaraí (BR) – Artigas (Uruguai) e Santana do Livramento (BR) – Rivera (Uruguai). “A forte penetração da informalidade nesses territórios – seja no comércio como nos serviços, com padrões de baixa qualidade – é um dos fatores que aumentam as taxas de crescimento e aumento da pobreza”(MAMARELLA, 2010, p. 14), o que reduz as possibilidades de retomar um desenvolvimento local e regional.

3.4 A MICRORREGIÃO LITORAL NORTE

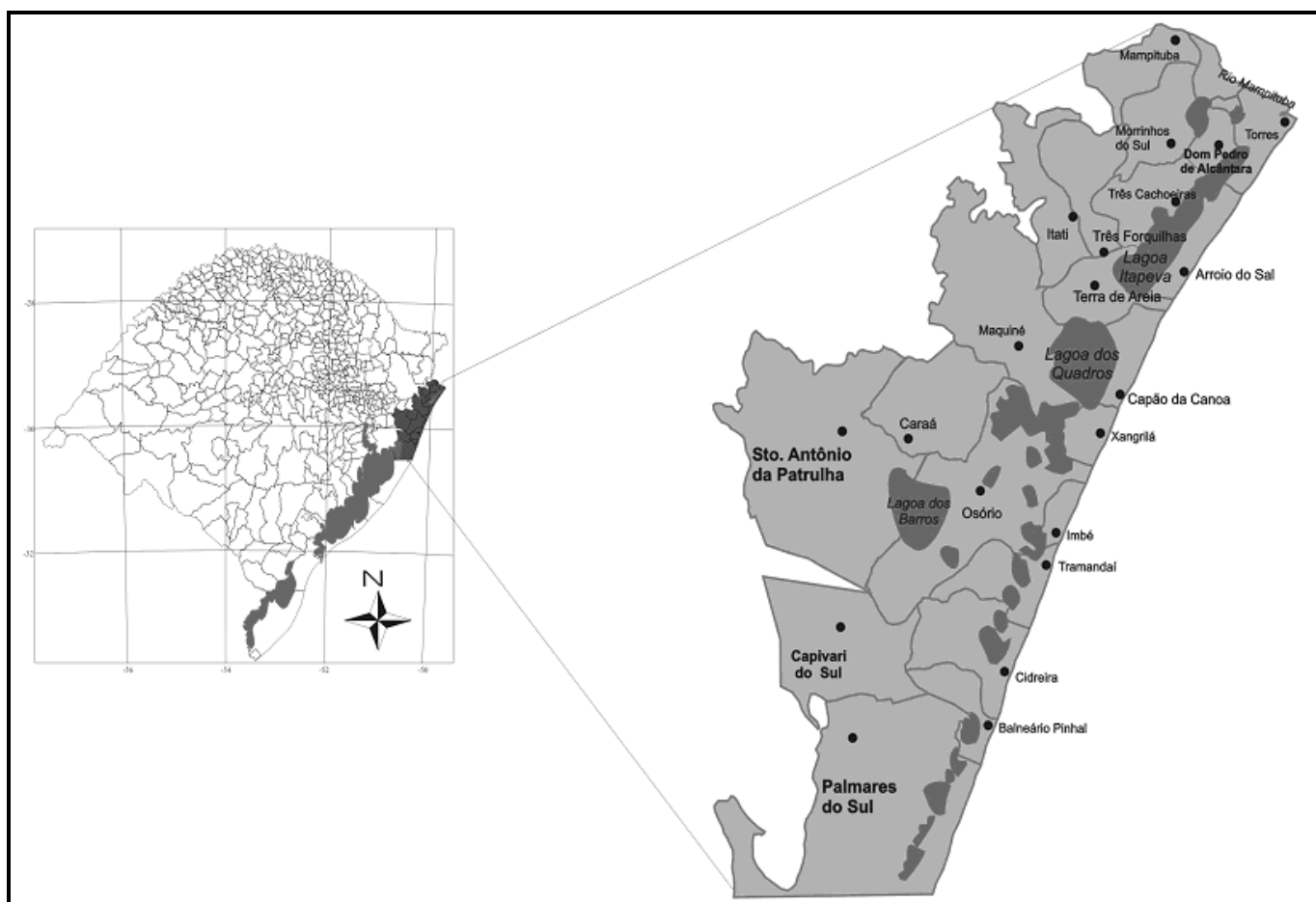
Feita esta análise sobre as mesorregiões do Rio Grande do Sul, passamos agora ao contexto microrregional do Litoral Norte, área geográfica pertencente à Mesorregião

Metropolitana de Porto Alegre, e onde se localizam os jornais que serão estudados nesta monografia.

A aglomeração urbana do Litoral Norte foi instituída pela Lei Complementar Estadual (LCE) 12100/2004. Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística, sua população total era de cerca de 300 mil habitantes (2011). É constituída oficialmente por 20 municípios, a constar: Torres, Mampituba, Dom Pedro de Alcântara, Arroio do Sal, Morrinhos do Sul, Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Itati, Maquiné, Terra de Areia, Capão da Canoa, Xangrilá, Imbé, Osório, Tramandaí, Cidreira, Balneário Pinhal, Palmares do Sul, Capivari do Sul e Caraá.

A região é delimitada ao sul pelo município Balneário Pinhal, ao norte pelo rio Mampituba, a leste pelo oceano e, a oeste, delimitada em função de sua formação geológica, relevo, bacia de drenagem e limites políticos, estendendo-se até os limites de São Francisco de Paula. A figura 2 mostra a disposição destes municípios no mapa gaúcho

Figura 2 - Localização dos Municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul



FONTE: Subgrupo Temático Uso e Ocupação do Solo IM/RECO/RS (Embrapa).

A especificidade do Litoral Norte em relação ao Rio Grande do Sul é dada pelo caráter sazonal de sua atividade principal - o turismo e a veranismo - que se desenvolve nos meses de verão (dezembro a março) trazendo uma população flutuante, que enche as praias e impacta significativamente na economia da região. A existência de uma população permanente se encontra concentrada principalmente nas quatro maiores cidades da região: em Torres, Capão da Canoa e Tramandaí e Osório.

O relevo do Litoral Norte é composto, segundo dados da FEPAM, por duas unidades distintas de relevo: na porção ocidental, a borda do Planalto Meridional, com a presença de pontos remanescentes de Mata Atlântica; e na porção oriental, uma extensa planície, com um vasto complexo de lagoas e o mais extenso cordão litorâneo contínuo do mundo, com a presença de dunas primárias, secundárias e terciárias. “Trata-se de uma região de idade geológica recente, cujos ecossistemas apresentam características de fragilidade e raridade, mostrando uma sequência de ambientes de especial valor paisagístico e produtividade biológica: praias marinhas, barreiras de dunas, banhados, cordão de lagoas doces e salobras e encosta da serra” (FEPAM, 2010)¹⁷.

A extensa reta da orla litorânea apresenta uma interrupção no município de Torres. A cidade faz divisa com Santa Catarina, e lá se encontram morros de formação geológica singular (basalto vulcânico), com destaque para a Praia da Guarita, uma das maravilhas da natureza. Lá também está localizada a única ilha oceânica gaúcha: a Ilha dos Lobos, a menor unidade de conservação brasileira, e que serve de refúgio para leões marinhos em determinadas épocas do ano.

Vinculados ao governo estadual, os COREDES (Conselhos Regionais para o Desenvolvimento) trabalham para promover a participação no diagnóstico das necessidades e potencialidades, para formulação e implantação das políticas de desenvolvimento integrado das diferentes regiões gaúchas. Segundo dados deste conselho, o Litoral Norte é a região que mais cresceu nos últimos anos do ponto de vista populacional, apresentando também crescimento econômico acima da média estadual. Em trabalho do COREDE Litoral Norte, coordenado por Liliam Alves (2012) e intitulado “Desenvolvimento Regional e Planejamento Estratégico: Perspectivas para o Litoral Norte” são destacados oito pontos que atualmente são considerados

¹⁷Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/programas/gerco_norte.asp>. Acesso em 07 de outubro de 2013

como vocações da região: 1) O turismo de veraneios, eventos, ambiental; 2) Horticultura, Fruticultura / Orizicultura / Derivados da cana de açúcar; 3) Pesca; 4) Construção Civil / Expansão Imobiliária; 5) Indústria moveleira / Madeireira; 6) Energia Eólica; 7) Prestação de serviços / comércio; 8) Indústria de confecções (ALVES, 2012).

Para o futuro, o COREDES aponta que a região se fortalecerá como região de referência para qualidade de vida com fixação de residência, especialmente para os idosos. Também há planejamento estratégico para que o turismo do Litoral Norte torne-se mais diversificado (intensificando o turismo rural, ambiental, de aventura e de eventos) para que esta atividade possa ocorrer durante todo ano o ano, ao invés de depender fortemente do turismo de verão, como na atualidade. Na agricultura – vocação principal de diversas cidades não litorâneas da região (como Palmares do Sul, Três Cachoeiras e Maquiné) destaca-se a substancial presença de pequenos produtores focados em produtos orgânicos, sem agrotóxicos.

A região conta com a presença de 5 universidades. Destas, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Torres, a Universidade de Santa Cruz do Sul (UCS), em Capão da Canoa, e a Faculdade Cenecista de Osório (FACOS), em Osório, são privadas e possuem campus próprio. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Imbé, e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em Osório, contam com unidades no Litoral Norte, mas sem campus definitivo. A instalação de um campus da UFRGS em Tramandaí consta no planejamento da região para os próximos anos.

3.4.1 Ocupação indígena no Litoral Norte do RS

Segundo Kern (1991)¹⁸, a primeira ocupação humana no território do litoral norte do Rio Grande do Sul teve a presença dos índios caçadores e coletores, no período de 3000 a 2000 AC. “A localização de dois sambaquis¹⁹ - um em Itapeva, atual municípios de Torres, e outro no Morro do Índio, atual município de Xangri-lá - caracterizam que o padrão alimentar dos primeiros habitantes da região era baseado na pesca e na coleta de ostras marinhas e lacunares” (KERN, 1991, apud COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008).

¹⁸ Disponível em <http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/51.pdf>. Acesso em 05 out 2013

¹⁹ Sambaqui é um resquício de civilizações antigas formadas pelo acúmulo de cacos de conchas, mariscos e restos de pesca. A palavra sambaqui é derivada de tamba (marisco) e ki (amontoado) na língua tupi

Os primeiros índios possuíam como meio de vida apenas a pesca, a caça e a coleta de frutos, sendo o habitat da planície costeira ideal para essa atividade (KERN, 1991 apud COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008). Em substituição a esse modo de vida vieram os índios horticultores que além da coleta, caça e pesca faziam agricultura. Conforme Kern (1991 apud COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008) os abrigos encontrados na base da serra geral indicam que as “roças” indígenas eram feitas próximas às encostas, pois essas propiciavam solo mais fértil e clima ameno com menor incidência de vento.

O calendário anual destes ancestrais índios horticultores, pelo que sugere Kern (1991),

(...) seria passar os inverno protegidos no interior dos vales e próximo à encosta da serra onde podiam se abrigar melhor do clima frio e conseguiam se alimentar da caça, coleta de frutos e de suas roças. Durante o verão, eles deslocavam-se para a beira da praia, entre a lagoa e o mar, aproveitando a facilidade de pesca nos dois ambientes e o clima mais ameno deste local nesta estação. (KERN, 1991 apud COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008).

3.4.2 A época dos tropeiros

O final do período anterior, formado pelos indígenas coletores e caçadores, é dado na região pelo início do fluxo dos primeiros europeus que circulavam pelo Litoral Norte. De acordo com trabalho de Cotrim, Garcez e Miguel (2008)²⁰, A Coroa Portuguesa criou em 1680 a Colônia de Sacramento, nas margens do rio da Prata, buscando retirar a partir de lá a prata extraída das minas do Peru. Já em 1684 foi fundada a cidade de Laguna, sendo um porto importante para região sul do Brasil, visto que o mar perigoso - especialmente no Rio Grande do Sul - impossibilitava a existência de portos naturais até Sacramento. “A ligação por terra entre Sacramento e Laguna foi o início, no litoral sul brasileiro, do sistema agrário chamado de tropeirismo” (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008).

O gado europeu, que foi solto nos pampas na época das reduções jesuíticas, reproduziu-se naturalmente e formou grande manada. A primeira sesmaria do Rio Grande situava-se nas proximidades de Tramandaí, doada pela Coroa em 1726, surgindo a partir daí as primeiras

²⁰ Disponível em

< http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/51.pdf >. Acesso em 20 out. 2013

estâncias de apreensão e criação de gado. Segundo Aguiar (2007)²¹, essas terras eram valorizadas à época, pois,

(...) além da sua posição geográfica (entre as duas possessões mais meridionais da América portuguesa) as grandes extensões de campos e a presença de enorme quantidade de gado permitiam que se instalasse uma atividade econômica valorizada - a economia do Brasil colonial necessitava de couros e carne (AGUIAR, 2007).

Os tropeiros eram um tipo formado, conforme apontam de Cotrim, Garcez, Miguel (2008), pela miscigenação entre lusos, brasileiros, negros, índios e mamelucos.

[os tropeiros] tinham como atividade econômica o transporte do gado em pé, desde a Colônia de São Pedro do Rio Grande até Sorocaba em São Paulo. Este ciclo econômico foi importante na formação de todo estado, e em especial para a região do litoral, onde a situação de corredor de saída do gado foi marcante na sua ocupação (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008).

Estes pesquisadores ainda afirmam que outra característica marcante, e que foi deixada nesta fase na região do Litoral Norte, é a formação das fazendas de criação de gado que se localizam na planície costeira, principalmente na faixa entre as lagoas e o mar.

3.4.3 Colonização de açorianos e alemães

De acordo com Cotrim, Garcez e Miguel (2008), a partir de 1752, a economia do litoral gaúcho também seria impulsionada pelas atividades agrícolas de imigrantes açorianos. Estes tinham a promessa do governo de receber terras (cerca de 270 hectares), instrumentos agrícolas, sementes e animais, objetivando criar um conjunto de proteção contra invasões e a aumento da população. “O trigo foi então a cultura escolhida pelo governo para a produção por parte desses colonos, aumentando àquela destinada à subsistência das populações do então Continente de São Pedro”. (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008).

Entre Viamão e Laguna, criam-se povoados, que logo ascendem à condição de freguesia, como Conceição do Arroio (atual Osório) e Santo Antônio da Patrulha. Conforme Aguiar (2007), Santo Antônio da Patrulha surgiu, como o próprio nome sugere, em função da guarda ali

²¹ Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37448/24195>>. Acesso em 25 Out. 2013

instalada para a coleta de impostos, proveniente dos produtos que tinham como destino o norte ou o centro colonial brasileiro.

Um novo elemento na formação social do Litoral Norte gaúcho ocorreu, ainda na primeira metade do séc. XIX, com a chegada de novos colonos. Segundo Strohaecker (2007)²², com a fixação dos colonos alemães e, posteriormente, italianos, "amplia-se a diversidade cultural da região e a disseminação de novos costumes, crenças e cultivos. A inserção de novos agentes econômicos na região desequilibrará, paulatinamente, a hegemonia dos estancieiros" (STROHAEKER, 2007, p. 71).

Os colonos trouxeram consigo o conhecimento sobre a técnica de agricultura europeia e equipamentos de ferro como enxadas, facões, machados e arados de tração leve (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008). Aguiar (2007) se aprofunda na questão, ao falar sobre a influência dos colonos alemães e açorianos na agricultura do Litoral Norte.

(...) os colonos alemães recebem pequenos lotes de terras situados nos vales dos rios da Serra Geral. Em uma primeira leva, um pequeno grupo é instalado nas proximidades de Torres, formando as colônias de Três Forquilhas e de São Pedro de Alcântara. Dedicam-se à produção policultora de gêneros alimentícios, como feijão, milho, arroz, batata, hortaliças, frutas e cana-de-açúcar, ao contrário dos de origem açoriana que se ocupavam basicamente das culturas de trigo e cevada (AGUIAR, 2007, p. 9).

O escoamento dos excedentes agrícola ocorria por dois caminhos: ou subindo para a serra o que era extremamente penoso devido às poucas e ruins estradas existentes, ou por via lacustre - uma vez que muitas das lagoas do Litoral Norte são interligadas (AGUIAR, 2007, p. 10).

Contudo, a região do Litoral Norte continuava sendo considerada de importância periférica, tanto econômica quanto socialmente. Até a primeira metade do século XX, a parte mais ao norte do nosso extenso e reto litoral era encarada como atrasada em relação a outras do Estado. "A pecuária extensiva permanecia como atividade predominante e a lavoura de arroz, de igual maneira importante, não mexia na estrutura social e fundiária da região" (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008). Indústria não havia então. Os pequenos núcleos do litoral, dispostos de maneira rarefeita no espaço, enfrentavam enormes dificuldades de comunicação, que se

²² Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000594717&loc=2007&l=2a6f472779741fda>>.

Acesso em 25 Out. 2013

caracterizavam como o principal obstáculo à integração regional e iniciar um processo de desenvolvimento econômico.

3.4.4 Lazer à beira do mar

No final do século XIX e início do século XX, entretanto, surge uma nova demanda social relacionada ao Litoral Norte: o lazer à beira do mar. Conforme Aguiar (2007, p. 13): “Esta nova necessidade passa a exigir o deslocamento de pessoas, bem como bens e produtos para o bem-estar da população que para lá se dirigia”. Nos municípios de Torres e Osório se estabelecem locais destinados ao lazer para estas pessoas, locais que eram denominados de balneários. “Em 1888 já havia em Tramandaí o Hotel da Saúde, que nada mais era do que quartos de madeira cobertos de palha. Água potável era recurso raro, mas, do ponto de vista social, iniciara a prática do banho de mar como benefício medicinal e recreativo.” (AGUIAR, 2007, p. 13).

Logo os primeiros veranistas começaram a chegar, vindos principalmente do planalto gaúcho e de Porto Alegre. Mas ainda não havia boas estradas, e a viagem, que durava de três a quatro dias, era um empreendimento trabalhoso, ocorrendo geralmente em carretas, lombo de mulas e por barcos, através das lagoas interligadas do Litoral Norte (AGUIAR, 2007, p. 13). Em 1922, finalizou-se a ligação férrea entre Osório e Palmares do Sul, permitindo que os produtos da região fossem levados até Porto Alegre de forma mais ágil (COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008, p. 8), além de permitir uma forma mais prática de viagem aos veranistas, que chegavam mais facilmente aos balneários do Litoral Norte.

A superação das distâncias e do tempo para alcançar os lugares vincula-se diretamente aos meios e às técnicas neles empregadas, ou seja: a modernização dos sistemas de transporte. No Litoral Norte, segundo Aguiar (2007, p. 16):

As carretas de tração animal, a navegação e a ferrovia representaram um contexto inicial desses sistemas, bem como deu base para a formação de uma nova atividade econômica que mais tarde veio a denominar-se de turismo. Entretanto essa modernização não transformava efetivamente a economia da região, pois ainda não estava generalizada.

Importante é destacar, nesse contexto, que a valorização social do banho de mar, das férias de verão ou do “veraneio”, determina o deslocamento de pessoas em direção ao litoral. Como sustenta Aguiar (2007):

Os transportes passam, então, a ser fundamentais para a criação de um novo espaço social instalando nele diversos interesses econômicos - a primeira estrada construída pelo Estado será justamente a que conduz ao litoral (AGUIAR, 2007, p. 17).

3.4.5 Estradas para o desenvolvimento

Os investimentos estatais nas primeiras décadas do século 20, com a melhoria do sistema de transporte e as primeiras estradas sendo construídas, foram incentivos importantes para o desenvolvimento da região "As melhorias nos acessos permitiram que outros agentes econômicos passassem a investir no Litoral Norte, principalmente no mercado de terras" (STROHAEKER, 2007, p. 74). Antigas fazendas começaram a ser convertidas em loteamentos, para fins de segunda residência. Projetos urbanísticos e paisagísticos passaram a ser incorporados.

Aguiar (2007) ressalta que, durante o governo de Leonel Brizola no Estado, foi criada a Comissão de Desenvolvimento Econômico do Litoral – a CODEL, em 1960, que surgia “(...) com a finalidade de promover o desenvolvimento socioeconômico dos municípios do litoral” (AGUIAR, 2007, p. 17). Os estudos da CODEL destacaram a importância da recreativa (turismo) para o desenvolvimento da região, apontando ainda as deficiências no fornecimento de água, energia elétrica e saneamento básico na época.

Neste contexto de valorização, outro fato que impulsionou a ocupação dos balneários no Litoral Norte gaúcho foi a construção da BR-101, ligação entre o Estado e o norte do país a partir de Santa Catarina, que teve sua pavimentação concluída em 1965. Conforme Aguiar (2007, p. 19), essa rodovia vinha inserida em um contexto regional e geopolítico mais amplo: “permitir a inserção mais aguda da produção, do trabalho e da economia do sul do país, principalmente da região de Porto Alegre com o sudeste do país, especialmente com a área industrial de São Paulo”. Isto, simultaneamente, “facilitou ainda mais o acesso às praias.” (AGUIAR, 2007, p. 19).

3.4.6 Os processos de emancipação no Litoral Norte

Segundo Strohaecker (2007), a crescente urbanização do Litoral Norte coincide com a fragmentação do seu território. “Até 1965, a região era constituída por três municípios, e atualmente são 21 municípios²³. A hipótese, portanto, é que o processo de urbanização foi impulsionado pelos processos emancipatórios, que atraíram investimentos públicos e privados, principalmente nas áreas urbanas.” (p. 77).

Santo Antônio da Patrulha foi o primeiro município a integrar a região, sendo este, inclusive, um dos quatro grandes municípios iniciais na formação do estado do Rio Grande do Sul²⁴. Portanto, Santo Antônio da Patrulha tem status de "município-mãe" do Litoral Norte, e foi o responsável por dar origem a todas as outras cidades que hoje compõem a região.

Como ressalta Strohaecker, somente na segunda metade do século XIX ocorreram as emancipações dos municípios de Conceição do Arroio (atual Osório), em 1857, e de Torres, em 1878. "A partir de então são 87 anos sem qualquer alteração na configuração territorial." (STROHAEKER, 2007, p. 79). Em 1965, com a emancipação de Tramandaí, uma nova tendência surge com maior força na região: os municípios com perfil de segunda residência, vinculadas às atividades para o turismo sazonal.

A crescente demanda por imóveis para fins de segunda residência pelos extratos de média e alta renda no Litoral Norte condicionou a implantação de estabelecimentos comerciais e de serviços para atender a essa população sazonal. "Gradativamente, a economia da região se diversifica e a população permanente desses balneários e distritos começa a crescer, sobretudo pela imigração de contingentes populacionais regionais de estados vizinhos." (STROHAEKER, 2007, p. 77).

Entretanto, esta situação de sazonalidade foi responsável por um fenômeno peculiar no Litoral Norte. Segundo dados do IBGE, os 4 municípios do Litoral Norte em 1970 (Osório, Torres, Santo Antônio da Patrulha e Tramandaí) possuíam uma taxa de ocupação domiciliar de apenas 57,8%, sendo que em Tramandaí mais de 80% dos municípios eram ocupados apenas ocasionalmente. É o que mostra o quadro 1.

²³ O Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDES) considera o município de Mostardas como integrante do Litoral Norte. Porém Mostardas não é considerada parte da região segundo a divisão estabelecida por lei pelo Estado do RS, a Aglomeração Urbana do Litoral Norte (AULINorte), que é a utilizada nesta monografia.

²⁴ Instituído como município em 1809 juntamente com Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo

Quadro 1 - Número de domicílios nos municípios do Litoral Norte do RS – 1970

Municípios	Total de Domicílios	Total de Domicílios Ocupados	(%) Domicílios Ocupados
Osório	11.351	10.374	91,39
Santo Antônio da Patrulha	16.580	10.514	63,41
Torres	10.381	7.360	70,89
Tramandaí	15.055	2.599	17,26
Litoral Norte	53.367	30.847	57,80
Rio Grande do Sul	1.466.247	1.332.090	90,85

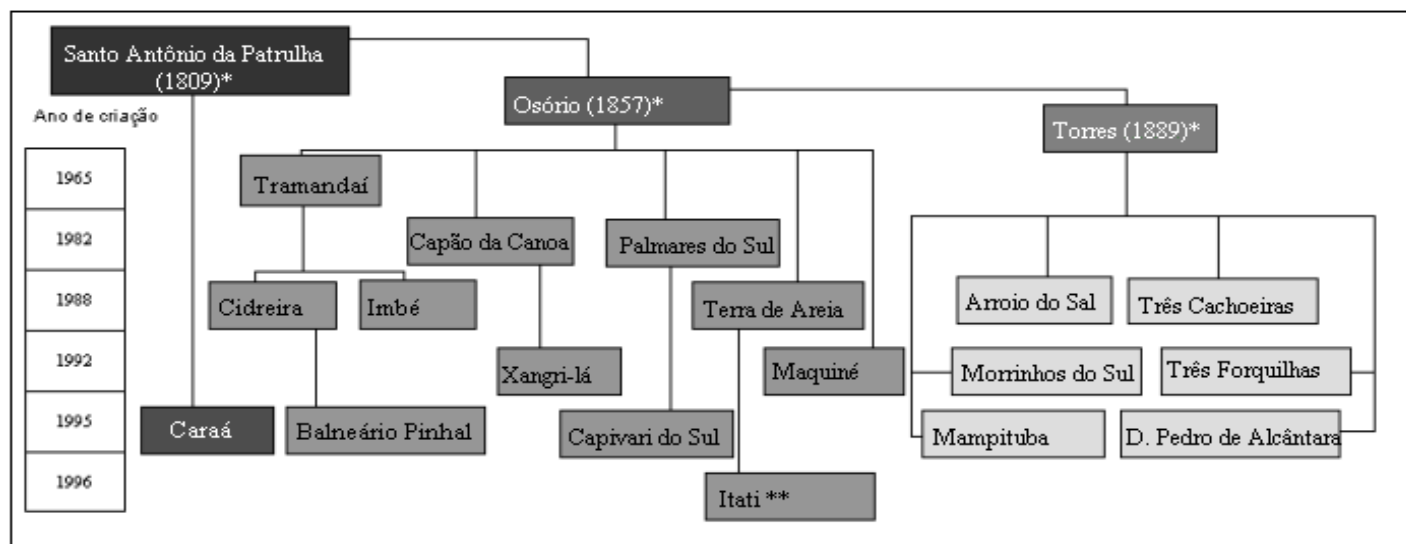
Fonte: IBGE

A partir do final da década de 1970, a construção civil será direcionada para habitações multifamiliares, ou seja, edifícios residenciais, principalmente em Tramandaí, Capão da Canoa e Torres. Em 1982, Capão da Canoa também se emancipa de Osório, surgindo como centro urbano já consolidado. Também conquista a emancipação o município de Palmares do Sul, eminentemente agrícola.

A década de 80 se caracterizou pelo intenso crescimento demográfico do Litoral Norte, compondo uma faixa contínua de pequenas cidades litorâneas, com perfil de segunda residência. Em 1988, Cidreira, Arroio do Sal e Imbé são emancipados na costa litorânea; já Terra de Areia e Três Cachoeiras emancipam-se na encosta da Serra Geral. Os investimentos em rodovias na região também são retomados pelo Governo Estadual no final da década de 80, com a construção da Estrada do Mar (RS-389), ligando Osório a Torres num traçado paralelo ao cordão de lagoas e à linha de balneários.

Já na década de 1990 a região passa a apresentar uma inversão da tendência quanto às características dos municípios recém-emancipados. Com exceção de Xangri-lá e Balneário Pinhal, a maioria dos novos municípios apresenta perfil predominantemente rural. Desde 1996, o Litoral Norte passa a ser composto pelos 20 municípios que hoje o constituem. A figura abaixo mostra a evolução na criação de novos municípios na região.

Figura 3 – Esquema de emancipações no Litoral Norte – 1809 a 1996



Fonte: IBGE

Nas duas últimas décadas, a melhoria na infraestrutura rodoviária e de serviços, juntamente com a busca de muitas pessoas por uma melhor qualidade de vida, induziu a um crescimento populacional na região, acarretando também no aumento da demanda por produtos e serviços locais. Alguns municípios tiveram um grande desenvolvimento do setor imobiliário, com investimentos em loteamentos, condomínios horizontais e prédios voltados, principalmente, para os mercados de alta e média-alta renda. E em meio a este contexto de relativo crescimento populacional e econômico, os jornais locais destas cidades também estão inclusos, seja para prover o cidadão com informações sobre sua cidade ou para servir de espaço publicitário ao mercado local e regional.

4 AS CIDADES E OS JORNAIS DO LITORAL NORTE

Nesta monografia, analiso os 27 jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul²⁵. O período de análise corresponde aos impressos que circularam em dois períodos distintos: entre a semana de 03/08 e 09/08, e entre a semana de 28/09 e 04/10 (com exceção aos jornais quinzenais, onde foi coletado último impresso em vigor de cada publicação, no período mais próximo a estas datas). Algumas das informações deste trabalho foram coletadas com moradores e servidores das prefeituras das cidades no Litoral Norte. Foram excluídos da pesquisa publicações menos focadas ao caráter noticioso, como impressos de humor e publicidade.

Os jornais analisados estão espalhados por 11 dos 20 municípios da microrregião. Percebe-se que todos os 7 municípios localizados junto à orla marítima do Litoral Norte possuem jornais representando suas comunidades (20 dos veículos analisados, ou 74%), enquanto que entre os municípios localizados na encosta da Serra Geral, com a economia voltada ao setor primário e populações em geral inferiores a 10 mil habitantes, há jornais em apenas 3 das 12 cidades (representando 3 dos veículos analisados, ou 11%). Além disso, há 4 jornais no município de Osório (cerca de 15% da análise), que podemos considerar que se localiza num ‘entroncamento’ entre as cidades ao pé da serra e litorâneas. O quadro abaixo faz uma relação do número de jornais espalhados pelos 11.

Quadro 2 – Jornais do Litoral Norte por municípios

Município	Número de jornais
Torres	6
Osório	4
Capão da Canoa	3
Tramandaí	3
Cidreira	3
Balneário Pinhal	2
Arroio do Sal	1
Imbé	1
Palmares do Sul	1
Capivari do Sul	1
Caraá	1

Fonte: SANTOS (2013)

²⁵ As capas dos jornais do Litoral Norte estão disponíveis para visualização nos anexos deste trabalho

Quanto à periodicidade, a grande maioria dos jornais da região é formada por semanários (16 jornais, ou 59,3%). Além disso, há 4 jornais quinzenais (14,8%), 3 jornais bisemanais (11,1%), 3 cuja periodicidade não está claramente definida (11,1%) e um diário (3,7%). No total, contabilizam-se como *corpus* desta monografia 66 jornais, sendo 10 exemplares de um jornal diário, 5 exemplares de um jornal trissemanal (que tornou-se bisemanal no decorrer da pesquisa), 4 exemplares de cada um dos 3 jornais bisemanais, 2 exemplares de cada semanário e 2 exemplares de cada jornal quinzenal. Além disso, foi coletado um exemplar de um jornal semanal fundado na região no decorrer desta monografia.

O número de páginas dos jornais do Litoral Norte varia entre 8 e 40, e notou-se que o número de páginas variou, de uma edição para outra, em alguns dos impressos analisados. Os jornais com o maior número de páginas analisadas são o semanal A Folha do Litoral (de Capão da Canoa) e o diário Momento (de Osório) – com 40 páginas semanais cada. Já o semanário Integração (de Capivari do Sul) e uma das edições do Jornal de Arroio do Sal contam com 8 páginas semanais cada, sendo os que possuem menor número de páginas analisadas.

Em relação ao preço, 9 das publicações (33,3%) eram distribuídas gratuitamente, enquanto que os jornais pagos possuem valores que variam entre R\$ 0,50 e R\$ 3,00. A cidade de Tramandaí é a que mais paga por seus jornais, segundo sugere o preço de capa dos três jornais da cidade: Dimensão (R\$3,00), Capital das Praias (R\$ 2,50) e Litoral Notícias (R\$ 2,00). A média de preço entre os 3 jornais é de R\$2,50. Já os municípios de Arroio do Sal, Palmares do Sul, Cidreira e Balneário Pinhal possuem apenas jornais gratuitos.

É preciso observar, contudo, que o preço de capa definido pelos proprietários dos jornais é o preço ao qual o leitor paga para comprar o impresso na banca. Porém, não podemos deixar de observar que o ‘jornal cortesia’, distribuído gratuitamente (apesar do preço de capa) ainda é uma realidade no município de Torres (onde o autor deste texto trabalha), como é usual também em outras cidades do Litoral Norte (segundo relatos de cidadãos de Tramandaí e Capão da Canoa).

A seguir, apresentaremos um panorama com dados históricos e características gerais dos municípios onde os jornais do Litoral Norte estão baseados, juntamente com algumas informações básicas sobre a imprensa destas cidade. Falarei destes municípios do Litoral Norte a partir do seu ponto mais ao norte - Torres, cidade que faz divisa com Santa Catarina - até seu ponto mais ao Sul - o município de Capivari do Sul.

4.1 TORRES

O município de Torres possui este nome em decorrência da existência de três grandes rochedos, de origem vulcânica e visual singular, formados há cerca de 150 milhões de anos por rochas basálticas, do período Jurássico/Cretáceo. O local é um dos núcleos de ocupação humana mais antigos do estado, sendo que desde o período do Neolítico existiam populações indígenas estabelecidas em Torres (Como os da antiga cultura Taquara, Carajós e Tupi-Guaranis) vindas do norte e oeste do continente (recentemente, arqueólogos encontraram possíveis vestígios da cultura Inca na região). Segundo informações da Prefeitura de Torres²⁶, estes povos indígenas constituíram diversas trilhas para sua locomoção, que foram utilizadas também no começo da colonização europeia. Estas picadas abertas pelos índios se tornaram o caminho usado pelos primeiros portugueses exploradores, ao longo do século XVII, que vinham do norte para, pouco a pouco, irem se apossando de um território que - pela lei da época - pertencia à Espanha por força do Tratado de Tordesilhas (a parte portuguesa encerrava na altura de Laguna, em Santa Catarina, mais ao norte).

Entre os pioneiros brancos que se aventuraram por aquelas paragens, estavam caçadores de escravos (bandeirantes que vinham em busca de índios para escravizá-los), e tropeiros (que vinham arrebanhar o gado que se multiplicava livre no pampa). Já em 1777, foi constituída em Torres uma fortificação militar portuguesa, para proteger o território dos espanhóis. Porém, diante do armistício que veio com o Tratado de São Idelfonso (que modificava os limites estabelecidos no Tratado de Tordesilhas), o forte foi abandonado, mas o valor estratégico deste ponto continuou sendo reconhecido e aproveitado. E o efeito mais importante desta fortificação foi de ter permitido a fixação dos primeiros colonizadores (Açorianos em sua maioria) nas proximidades de Torres e ao longo do litoral.

Segundo o historiador torrense Ruy Rubem Ruschel (1982), em seu livro "Torres, Origens", em 1826 os alemães chegaram na região, sendo que os praticantes da religião católica ficaram pertos da então freguesia de Torres, enquanto os protestantes foram enviados para paragens mais distantes e selvagens, ao pé da serra, onde atualmente localiza-se Três Forquilhas” (p. 58) .

²⁶ Disponível em <<http://www.torres.rs.gov.br/historico>>. Coletado em 5 Nov. 2013

Em 1835 eclodiu a Guerra dos Farrapos, sucedendo-se no controle da administração local, durante os dez anos de guerra, ora pelas guarnições revolucionárias dos Farrapos, ora pelas tropas legalistas. Como salienta Ruschel, “a guerra dos Farrapos perturbou o desenvolvimento socioeconômico de Torres, mas sob o aspecto político administrativo o local ganhou em importância” (RUSCHEL, 1982, p. 94): devido a esta guerra, em 1837 Torres passou oficialmente à categoria de Freguesia (equiparando-se aos atuais distritos de municípios). Em 1878, Torres emancipa-se de Osório e torna-se oficialmente um município. Já por volta de 1890, famílias de origem italiana estabeleceram moradia no distrito de Morro Azul (em Três Cachoeiras).

No começo do século XX, o Brasil procurava se modernizar, e olhava para a Europa em busca de modelos de civilização; assim, entre outras tendências imitadas, começou a se notar a adoção pelas elites do conceito europeu de férias e da moda dos banhos de mar, considerados terapêuticos. Com isso começaram a chegar, em Torres e Tramandaí, por volta de 1910, os primeiros veranistas, vindos principalmente do planalto gaúcho e de Porto Alegre. Mas ainda não havia boas estradas, e a viagem, que durava de três a quatro dias, era um empreendimento trabalhoso, ocorrendo geralmente em carretas ou lombo de mulas, sendo necessário levar comida e outros bens para um conforto mínimo, pois nenhuma estrutura especial para receber esses visitantes ainda fora desenvolvida.

Atualmente, Torres é uma cidade com cerca de 35 mil habitantes (2011²⁷), que ultrapassa os 400 mil durante a temporada de veraneio. A cidade é alcunhada como “mais bela praia gaúcha”, exatamente por se tratar do único município com formações geológicas singulares (os morros do Farol, das Furnas e da Guarita), destacando-se da longa e retilínea orla litorânea gaúcha, marcada por centenas de quilômetros de areia e dunas. Localiza-se há 190 quilômetros de Porto Alegre, tendo como vias de acesso a Estrada do Mar e a BR-101. Torres conta como municípios limítrofes a cidade de Passo de Torres ao norte (na fronteira com Santa Catarina, atravessando o rio Mampituba), Arroio do Sal e Três Cachoeiras ao sul, Dom Pedro de Alcântara à sudoeste, a cidade de Mampituba à noroeste e o Oceano Atlântico à leste.

²⁷ Os dados relativos a população, PIB anual e taxa de analfabetismo de todos os municípios analisados foram estabelecidos pela Fundação de Economia e Estatística (FEE). Disponíveis em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalle.php?corede=Litoral>

O município possui um aeroporto regional, onde há escola para formação de pilotos. Entretanto, a cidade e o governo estadual ainda buscam soluções para aumentar a utilidade do aeroporto para voos comerciais regulares. Sua economia é voltada ao turismo, comércio, construção civil, indústria madeireira, serviços, agricultura de pequena propriedade (com destaque para a rizicultura) e pesca. Seu Produto Interno Bruto (PIB) anual é estipulado em R\$ 459.822.000,00 (2010).

A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais em Torres é de 10,22 % (2010). O município também concentra muitos estudantes universitários, já que abriga um campus da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Já o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH²⁸) em Torres é de 0,762, sendo o terceiro mais alto do Litoral Norte, ficando na 335ª posição entre as cidades brasileiras.

4.1.1. Imprensa em Torres

O município de Torres conta com 6 jornais, sendo o mais antigo o Jornal da Cidade (fundado em 1966) e o mais recente o Jornal Litoral Norte (fundado em 2012). Dentre os 6, cinco tem circulação semanal (A Folha, Jornal do Mar, Jornal da Cidade, O fato em Foco e Jornal Litoral Norte). Além destes semanários, um dos impressos tinha, na primeira amostragem analisada, circulação trissemanal (Diário Gazeta), mas passou a ser bissemanal durante a pesquisa desta monografia. Apenas um dos jornais é gratuito (Jornal Litoral Norte), enquanto os outros cinco são pagos. Os preços são variados: R\$1,00 é o valor pago para adquirir o jornal trissemanal/bissemanal Diário Gazeta, enquanto os semanários custam R\$1,50 (Jornal da Cidade), R\$ 2,00 (Jornal do Mar e Fato em Foco) e R\$ 2,50 (A Folha).

Quanto ao número de páginas, constatou-se que os jornais de Torres possuem entre 10 e 32 páginas. Em ambas as edições analisadas, o jornal Fato em Foco contava com 32 páginas, enquanto os jornais A Folha e Jornal do Mar contavam com 28 páginas. Já o Jornal da Cidade teve 20 páginas, e o gratuito Litoral Norte, 12 páginas.

Quanto ao jornal trissemanal/bissemanal Diário Gazeta, reparou-se que não apresentava um número de páginas definido por edição: enquanto nas três edições do primeiro período

²⁸ O cálculo do IDH é realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), avaliando a educação, renda e expectativa de vida das populações de cada município brasileiro

analisado (a semana entre 03/08 e 10/08) o impresso possuía, respectivamente, 12, 10 e 10 páginas, nas duas edições do segundo período analisado (o jornal saiu duas vezes entre os dias 30/09 e 09/10) o número de páginas foi de, respectivamente, 16 e 12 páginas.

Em Torres, apenas o Diário Gazeta não apresenta capa e contracapa colorida. Todas as 60 páginas analisadas deste impresso saíram completamente em preto e branco. Já os semanários da cidade possuem todos, além da capa e contracapa, ao menos mais duas páginas internas coloridas. Os jornais A Folha e Jornal do Mar continuam - contando com a capa e a contracapa - um total de 14 páginas coloridas dentre as 56 páginas analisadas. O jornal Fato em Foco tinha 13 de suas 64 páginas impressas em cor, enquanto 12 das 40 páginas do Jornal da Cidade foram coloridas. Já o jornal gratuito Litoral Notícias teve 8 de suas 24 páginas coloridas. O quadro 3 faz uma relação entre os jornais de Torres e seu ano de fundação, preço, periodicidade e número de páginas.

Quadro 3 – Características dos jornais de Torres

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Diário Gazeta	2011	R\$ 1,00	Trissemanal/ bissemanal	10, 12 ou 16	00%
A Folha	2006	R\$ 2,50	semanal	28	25%
Jornal do Mar	2001	R\$ 2,00	semanal	28	25%
O Fato em Foco	2009	R\$ 2,00	semanal	32	20,3%
Jornal da Cidade	1996	R\$ 1,50	semanal	20	30%
Jornal Litoral Norte	2012	Gratuito	semanal	12	33%

Fonte: SANTOS (2013)

Notou-se ainda que a edição da semana entre 03/08 e 10/08 do jornal O Fato em Foco, e a edição da semana entre 28/09 e 05/10 do Jornal da Cidade apresentavam 4 páginas repetidas cada um, representando uma falha destes impressos e ocasionando a reprodução duplicada do conteúdo.

4.2 ARROIO DO SAL

A primeira região habitada de Arroio do Sal foi a Estância do Meio, no final do século XIX, que era subdividida em Raizeira, Estância do Meio, Três Arroios e Figueiras. Essas comunidades viviam do cultivo agrícola, do gado e da pesca realizada na Lagoa Itapeva, que geralmente era feita nas épocas de enchente e à noite. Conforme a Prefeitura Municipal de Arroio do Sal²⁹, até meados de 1920 os habitantes de Estância do Meio não tinham o costume de ir até o mar. À distância, de cerca de seis quilômetros, e as dificuldades eram grandes. O trecho era compreendido de mato, imensas dunas, inúmeros arroios e terrenos alagadiços.

Quando um morador se aventurou para chegar até a beira-mar, descobriu que lá havia peixes em abundância e com diversidade, além do marisco. Assim, a notícia se espalhou e outros moradores também passaram a fazer o trajeto e com mais frequência. Então, os moradores de Estância do Meio passaram a construir cabanas na orla, onde ficavam por até 15 dias. Por volta de 1939 e 1940, com o andamento da II Guerra Mundial, o sal ficou escasso, e alguns habitantes da Costa da Lagoa se deslocavam até às margens do arroio na área para fabricar sal. Daí surgiu o nome da cidade³⁰.

Arroio do Sal emancipou-se de Torres em 1988, e atualmente conta com uma população fixa de cerca de 8 mil habitantes (2011) - que beira os 100 mil durante a temporada de veraneio. Possui como municípios limítrofes Torres (ao norte), Terra de Areia (a oeste) e Capão da Canoa (ao sul). Está cerca de 175km distante da capital Porto Alegre, e possui um PIB anual em torno dos R\$97.209.000,00 (2010). A pesca e o turismo são os destaques da economia na cidade, que também conta com o setor de serviços, comercio e agricultura de pequena propriedade. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 3,88 %(2010), e o IDH de Arroio do Sal é considerado alto (0,740).

²⁹ Disponível em <<http://www.arroiodosal.rs.gov.br/index.php?secao=secao&mostraconteudo=37>>. Acesso em 05 Nov. 2013

³⁰ Idem

4.2.1 Imprensa em Arroio do Sal

Fundado em 1991 e de circulação quinzenal, o Jornal de Arroio do Sal é, o único jornal baseado na cidade. Com preço de capa de R\$1,50, as edições analisadas tem 08 e 12 páginas, com capa e contracapa colorida. Não há nenhuma página colorida no interior do jornal, contabilizando-se somente as capas e contracapas (4 das 20 páginas, ou 20%) no critério páginas impressas em cores.

4.3 CAPÃO DA CANOA

Capão da Canoa começou a se formar por volta de 1800, com origem na Sesmaria das Conchas, que pertencia a Inácio José Araujo de Quadros. Segundo a prefeitura municipal de Capão da Canoa³¹, a localidade floresceu por volta de 1900 com o nome de Arroio da Pescaria, época em que os primeiros ranchos começaram a se agrupar à beira-mar. O local abrigava, além de pescadores, também alguns aventureiros. Por vezes, o local era visitado por tropeiros, fazendeiros de outras paragens e viajantes.

Mais tarde, por volta de 1920, começaram a chegar os primeiros veranistas oriundos da serra gaúcha e também de Porto Alegre, sendo que os maiores frequentadores eram os descendentes das colônias alemãs e italianas. Por volta de 1940, a colônia israelita também começou a se fazer presente em bom número. O nome de Arroio da Pescaria só começou a desaparecer na década de 40, quando surgia a denominação Capão da Canoa. Mas na verdade, o nome Capão da Canoa já era utilizado antes disso, numa fazenda na extensão da praia de Xangrilá, com fundos para a Lagoa das Malvas, local no qual os capões (grupamento de vegetação arbórea cercada por campos limpos) eram frequentes nas proximidades, e onde as canoas davam apoio aos visitantes que passavam ou vinham veraneiar.

Capão da Canoa emancipou-se em 1982 de Osório. Atualmente, sua população é de cerca de 43 mil habitantes (2011), sendo a mais populosa cidade do Litoral Norte. Distante cerca de 135 km de Porto Alegre, Capão da Canoa limita-se ao leste com o Oceano Atlântico, ao sul com Xangrilá, ao norte com Terra de Areia e a oeste com Maquiné e Terra de Areia. Com um PIB

³¹ Disponível em: <http://www.capaodacanoa.rs.gov.br/index.php?modulo=ver_pagina&pagina=3>. Acesso em 05 Nov. 2013

anual por volta de R\$ 561.042.000,00 (2010), sua economia gira em torno do turismo, construção civil, comércio e serviços. No Litoral Norte, tornou-se referência na construção de condomínios horizontais voltados para populações de media e alta renda.

A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 3,74 %(2010), e a cidade abriga ainda um campus da Universidade de Santa Cruz (UNISC). O IDH de Capão da Canoa é de 0,743, considerado alto.

4.3.1 Imprensa em Capão da Canoa

A cidade de Capão da Canoa tem 3 jornais analisados nesta monografia: Costa do Mar e Serra (bissemanal), A Folha do Litoral (semanal), e Jornal de Capão (semanal). Um exemplar do impresso chamado Litoral em Foco também foi coletado, porém decidiu-se excluí-lo da análise por este possuir tiragem mensal, sendo sua circulação muito menos constante do que a dos outros jornais analisados.

Dentre todos os jornais do Litoral Norte, o semanário Jornal de Capão é o mais antigo (fundado em 1983). Já a Folha do Litoral é o que conta com o maior número de páginas: foram 40 em cada uma das duas edições analisadas, sendo ainda um dos dois únicos jornais da região impresso totalmente em cores. A Folha do Litoral era distribuído gratuitamente, sendo que as duas edições analisadas do semanário não eram cobradas. Porém, durante o período da realização desta monografia, mais especificamente no dia 15 de outubro de 2013, o impresso passou a ser cobrado, tendo preço de capa de R\$ 2,00.

Enquanto isso, o bissemanal Costa do Mar e Serra tem 12 páginas, sendo capa, contracapa e as duas páginas centrais do interior do jornal impressas em cores, com o preço de capa de R\$ 0,50. E o semanário Jornal de Capão tem 16 páginas por edição, sendo que apenas a capa e a contracapa são coloridas. O preço do jornal é de R\$ 1,00. O quadro 4 faz uma relação entre os jornais que circulam em Capão da Canoa, seu ano de fundação, preço, periodicidade e número de páginas.

Quadro 4 – Características dos jornais de Capão da Canoa

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Costa do Mar e Serra	1991	R\$ 0,50	bissemanal	12	33,3%
A Folha do Litoral	2009	Gratuito	semanal	40	100%
Jornal de Capão	1983	R\$ 1,00	semanal	16	12,5%

Fonte: SANTOS (2013)

Em relação aos jornais de Capão da Canoa, vale destacar que o mesmo grupo que administra o semanário A Folha do Litoral – chamado Grupo Murliki de Comunicação – também administra uma rádio AM no município (chamada Rádio Horizonte). Notou-se ainda que o semanário A Folha do Litoral errou na impressão da data de circulação durante a segunda edição analisada: ao invés de registrar a semana de 03 a 09 de outubro, estava escrito 03 a 09 de setembro.

4.4 IMBÉ

A origem do núcleo populacional de Imbé surgiu, conforme dados de sua prefeitura municipal³², a partir da povoação da margem do Rio Tramandaí por pescadores, no final do século XVIII. Muitas décadas depois disso, em 1939, um grupo de amigos, liderados pelo corretor de imóveis Cezar Bergamash, pensou que aquele local na margem menos povoada do rio Tramandaí – então formada principalmente por campo, banhando e dunas - daria um belo loteamento. Formou-se assim a Sociedade Territorial Praia do Imbé, que logo adquiriu as terras da região.

Os pescadores que por ali moravam foram assentados no bairro Tiroleza, em Tramandaí, para que fosse possível iniciar a construção do loteamento, um arrojado projeto urbanístico, com ruas em traçado curvilíneo. O crescimento populacional, com a conseqüente formação de novos

³² Disponível em:

<http://www.imbe.rs.gov.br/home/show_page.asp?user=&codID_CAT=813&imgCAT=&categoria=Munic%EDpio>. Acesso em 04 Nov. 2013

núcleos habitacionais na área, e o desenvolvimento do comércio fez com que houvesse um grande desejo por parte da população de Imbé de se emancipar do município de Tramandaí, o que aconteceu no ano de 1988.

Atualmente, Imbé conta com uma população fixa superior a 18 mil habitantes (2011), e na alta temporada chega a receber 200 mil pessoas. Como outras cidades do Litoral Norte, é rodeada por lagoas (dos Quadros, Malvas, Pinguela, Gentil e Tramandaí). Além do turismo, a pesca, o comércio e o setor de serviços são os destaques econômicos. Seu PIB anual é de R\$ 227.212.000,00 (2010), e a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010) é de 3,17 %. Conta ainda com uma unidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Centro de Estudos Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR). Possui o segundo IDH mais alto entre os municípios do Litoral Norte (0,764), estando na 304ª posição entre os municípios brasileiros.

4.4.1 Imprensa em Imbé

No começo da análise deste trabalho, o município de Imbé contava com apenas um jornal, chamado O Boto, fundado em 1999. A sede do impresso não é no município de Imbé, mas sim em Tramandaí. Entretanto, decidiu-se incluí-lo como um jornal de Imbé por 2 motivos: 1) O relato de moradores da cidade - que disseram que O Boto era um jornal que tratava prioritariamente dos assuntos de Imbé, e 2) a análise da pauta e dos anúncios do impresso, que percebeu-se ser principalmente direcionada ao município de Imbé.

O Boto é um impresso de circulação imprecisa: geralmente é semanal, mas eventualmente é quinzenal. Segundo relatou a funcionária de uma movimentada lotérica/ banca de revistas/ loja de conveniências de Imbé, não houve edição deste impresso durante a semana analisada (que na teoria deveria estar nas bancas até dia 05 de outubro) por isso decidimos incluir no trabalho a edição anterior a esta – relativa a data de 28 de setembro. Em ambas edições analisadas, O Boto teve 12 páginas, sendo que apenas a capa e contracapa eram coloridas. Seu preço de capa está definido em R\$ 2,00. Vale citar, ainda, que a diretora do jornal O Boto é também diretora de outro jornal do Litoral Norte: o Capital das Praias, de Tramandaí.

Deve-se informar que, durante o recolhimento do material para o segundo período de análise desta monografia, o município de Imbé passou a contar com um segundo jornal: o 3ª Página. Sua primeira edição saiu exatamente no dia 04 de outubro, com 16 páginas - sendo todas

coloridas - e preço de capa de R\$ 1,00. Não está estipulada, no conteúdo do impresso 3ª Página, qual a sua periodicidade. Mas posteriormente, soube que se trata de um semanário. O quadro abaixo explicita as principais características dos jornais de Imbé

Quadro 5 – Características dos jornais de Imbé

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas coloridas
O Boto	1999	R\$ 2,00	Semanal/quinzenal	12	16,6%
3ª Página	2013	R\$ 1,00	semanal	16	100%

Fonte: SANTOS (2013)

4.5 TRAMANDAÍ

Segundo dados da prefeitura Municipal de Tramandaí³³, em 26 de outubro de 1732 iniciou-se, oficialmente, o povoado em Tramandaí, quando Manoel Gonçalves Ribeiro ganhou uma sesmaria à qual a região pertencia. Essa parte da região ficou conhecida como “Paragem das Conchas”. Nessa época começaram a surgir pequenos ranchos de palha de tiririca-brejo, que os agricultores e forasteiros erguiam para a temporada da pesca.

Durante a guerra dos Farrapos, em 1839, Tramandaí foi o destino de dois lanchões, o Seival e o Farroupilha, puxados por cerca de 200 bois, que Giuseppe Garibaldi trouxe da lagoa dos Patos - distante cerca de 100 km - para que fossem colocados no mar e, com isso, tentar conquistar Laguna. Por volta de 1890, Tramandaí passou a ser considerada e procurada como balneário – já havendo cerca de 80 casas em 1906 ranchos e domicílios de madeira coberta com palha, além de 2 hotéis.

O município de Tramandaí foi fundado oficialmente no ano de 1965, emancipando-se de Osório. Trata-se de uma cidade litorânea do Litoral Norte que se situa a 118 quilômetros de Porto Alegre, alcunhada como “Capital das Praias” no Rio Grande do Sul. Conta com uma população fixa estimada em pouco mais de 42 mil habitantes (2011), sendo a segunda maior do Litoral Norte. No verão, ela é frequentada principalmente por veranistas da Região

³³ Disponível em: <http://www.tramandai.rs.gov.br/index.php?acao=conteudo&conteudos_id=11>. Acesso em 04 nov. 2013

Metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos, chegando a uma população flutuante de 500 mil habitantes.

Além do turismo como uma das principais fontes econômicas, Tramandaí conta ainda com pequenas indústrias, construção civil, agricultura, pecuária e produção de energia eólica. Seu PIB anual é de R\$ 466.731.000,00 (2010). Na área da educação, a cidade se prepara para receber um campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

4.4.1 Imprensa em Tramandaí

Tramandaí tem 3 jornais com pauta direcionada majoritariamente ao município, todos estes semanários: Dimensão, Litoral Notícias e Capital das Praias. O jornal Dimensão possui 24 páginas por edição, sendo capa, contracapa e outras 4 páginas coloridas. Seu preço de capa é de R\$ 3,00. Ele foi fundado em 1995, e vale constar que o atual secretário de turismo de Tramandaí, Rojoel Amaral, é também o diretor do jornal Dimensão.

Fundado em 2003, o Litoral Notícias possui 16 páginas, e preço de capa de R\$2,00. Das 32 páginas analisadas, 11 eram coloridas, contando com a capa e a contracapa. Deve-se constar que o proprietário do Litoral Notícias também administra uma rádio na cidade de Tramandaí – a Comunidade FM 98.7 (comunitária).

Já o Capital das Praias tem 12 páginas e preço de capa em R\$ 2,50. Nos exemplares analisados, apenas a capa e a contracapa são coloridas. O jornal foi fundado em 1993 e, como já foi citado anteriormente, a diretora do Capital das Praias, Jucelia de Miranda, é também a fundadora do jornal O Boto, de Imbé.

Quadro 6 – Características dos jornais de Tramandaí.

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Dimensão	1995	R\$ 3,00	semanal	24	25%
Litoral Notícias	2003	R\$ 2,00	semanal	16	34,4%
Capital das Praias	1993	R\$ 2,50	semanal	12	16,6%

Fonte: SANTOS (2013)

4.6 CARAÁ

Os primeiros habitantes de Caraá foram os indígenas que deram o nome à localidade, devido à farta existência de um produto que servia de matéria prima para seus artesanatos, uma taquara fina utilizada para ornamentação (que denominava-se caraá). Conforme dados da prefeitura do município³⁴, bem mais tarde chegaram os luso-açorianos, iniciando um povoamento esparsa, principalmente nas trilhas de tropeiros que desciam a serra comercializando produtos - em busca das terras baixas do litoral, para se dirigirem a São Paulo. Sua colonização começou com a chegada dos imigrantes – principalmente italianos - e com os incentivos do Governo Federal, transformando-se o lugar na chamada Vila Nova em 1898. A cidade emancipou-se de Santo Antônio da Patrulha em 1995, e conta atualmente com pouco mais de 7 mil habitantes (2011). Trata-se de um município cuja economia é focada na agricultura – com destaque para produtos ecológicos lá produzidos – além do turismo rural e serviços. Seu PIB anual gira em torno de R\$ 51.333.000,00, A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010) é de 11,98%, e seu IDH é o menor entre os municípios analisados, sendo considerado médio (0,652).

4.6.1 Imprensa em Caraá

Recentemente fundado (em julho de 2013), o **Correio de Caraá** é o único jornal impresso do município, tendo circulação quinzenal. Entretanto, não conseguimos coletar nenhuma edição impressa do jornal, e por isso a análise deste veículo será, apenas, baseada em dados da página do Facebook vinculada a este impresso.

³⁴ Disponível em: < <http://www.caraa.rs.gov.br/portall/municipio/historia.asp?iIdMun=100143080>>. Acesso em 04 nov. 2013.

4.7 OSÓRIO

Osório é centro de entrada para o litoral norte gaúcho, localizada estrategicamente entre a capital Porto Alegre e Torres - marco de saída do Estado. Localiza-se em região de extrema importância histórica, considerando-se os primeiros tempos de proteção e colonização das terras extremas do território. Segundo a prefeitura municipal de Osório³⁵, no final do século XVII a faixa litorânea gaúcha tornou-se conhecida pelos paulistas e lagunenses, que vinham em busca de gado. O caminho ficou conhecido como Estrada da Laguna.

Emancipou-se de Santo Antonio da Patrulha em 1857, levando consigo uma extensa área territorial, que abrangia desde o município de Torres até Palmares do Sul. Nesta época, a cidade era conhecida como Conceição do Arroio, nome que permaneceu até 1934, quando passou a ser chamada de Osório - em homenagem ao Marechal Manuel Luiz Osório, patrono da cavalaria nacional e ali nascido.

Historicamente, no período entre 1921 e 1960, a exploração das vias navegáveis pelas lagoas e rios de Osório a Torres - transformando-se em um meio de comunicação e transporte do Litoral Norte - foi importante para o desenvolvimento econômico, cultural e educacional, não só para o município de Osório como para toda a região.

O município é alcunhado de “Cidade dos Bons Ventos” e “Capital das Lagoas” no Rio Grande do Sul. Distante 95 km de Porto Alegre, limita-se ao sul com Tramandaí, Cidreira e Capivari do Sul, ao norte com Caraá e Maquiné, a leste com Imbé e Xangrilá e a oeste com Santo Antônio da Patrulha. Apesar de seu centro localizar-se mais na área das planícies costeiras na encosta da Serra Geral, também conta com dois balneários de orla litorânea: Atlântida Sul e Mariápolis. Conta com mais de 41 mil habitantes (2011), e tem com folga o maior PIB anual do Litoral Norte: R\$ 747.303.000,00. Este destaque econômico se dá, principalmente, pelo fato do município contar com um eficiente e rentável parque de Energia Eólica, considerado um dos mais modernos do mundo, com capacidade para produzir 150 Megawatts de energia.

Destacam-se ainda na economia do município os setores de serviços, comércio, indústria e agricultura. Possui um quartel militar de relevância nacional e é sede para os mais importantes prestadores de serviços públicos regionais. Na área educacional, conta com a Faculdade

³⁵ Disponível em: <<http://www.osorio.rs.gov.br/>>. Acesso em 04 Nov. 2013.

Cenecista de Osório (FACOS) e um campus da Escola Técnica Federal (IFRS). A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (2010) é de 4,19 %, e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,751, considerado alto, estando na 526ª posição entre os municípios do Brasil.

4.7.1 Imprensa em Osório

A cidade de Osório conta com 4 jornais analisados: Momento, Rota do Mar, Revisão e Bons Ventos. O jornal Momento é o mais antigo de Osório (fundado em 1986) e o único jornal em atividade com circulação diária no Litoral Norte, saindo 5 vezes por semana, (entre terça e sábado). Já o Rota do Mar tem periodicidade bissemanal, enquanto o Revisão e o Bons Ventos são semanários.

Em relação ao preço, o diário Momento custa R\$ 1,50 por edição, o Rota do Mar sai por R\$ 1,00 e o jornal Revisão custa R\$ 1,20. Já o impresso Bons Ventos – fundado em 2010 - tem distribuição gratuita na rede de Supermercado Dalpiaz, de Osório, embora possa ser comprado em outros pontos pelo preço de capa de R\$1,50.

Quanto ao número de páginas, o jornal Momento possui 8 páginas por edição, e é impresso no geral, todo em preto e branco. O bissemanal Rota do Mar teve 8 páginas em 3 edições analisadas, e 16 páginas em uma edição especial. Do total de 40 páginas analisadas do Rota do Mar, 12 foram coloridas (contando com a Capa e contracapa). Já ambos os semanários de Osório – Revisão e Bons Ventos - tem 24 páginas por edição, sendo 16 destas coloridas.

Quadro 7 – Características dos jornais de Osório

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Momento	1986	R\$ 1,50	Diário (cinco vezes por semana)	8	00%
Rota do Mar	1995	R\$ 1,00	bissemanal	8 (sendo 16 numa edição)	30%
Revisão	1988	R\$ 1,20	semanal	16	66,6%
Bons Ventos	2010	Gratuito/ R\$ 1,50	semanal	16	66,6%

Fonte: SANTOS (2013)

Deve-se citar também que, segundo apresentado no expediente dos impressos, o jornalista responsável pelo Revisão é o mesmo responsável pelo jornal Bons Ventos (trata-se de Antão Sampaio). Além disso, deve-se contar que o proprietário do Jornal Momento gerencia também uma rádio no município de Osório, a Momento FM 98.1 (Comunitária).

4.8 CIDREIRA

A história da Praia de Cidreira começa por volta de 1767, com a doação de uma sesmaria pela Coroa de Portugal ao Almojarife-Mor Manuel Pereira. Segundo a Prefeitura Municipal de Cidreira³⁶, na época o território era composto pelas fazendas de Cidreira, Rondinha, Roca Velha, Ponta do Mato e Porteira. Devido a sonegação de impostos, a Coroa confiscou as terras para serem leiloadas, as quais foram compradas em 1819 por Luís Ferreira Saraiva.

Os primeiros veranistas aventureiros começaram a chegar à praia somente por volta de 1860. Devido ao difícil acesso, havia poucos moradores fixos em Cidreira, que se estabeleceram na região principalmente com a construção do farol na localidade, em 1930. Apenas com o início

³⁶ Disponível em:

<http://www.cidreira.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=95&Itemid=565>.

Acesso em 04 Out. 2014.

da construção de uma estrada (ERS-040) ligando Porto Alegre ao Litoral – em meados de 1950 – Cidreira começou a estruturar uma urbanização e contar com uma população fixa maior.

O município localiza-se a 120 quilômetros de Porto Alegre, e emancipou-se de Tramandaí em 1988. Cerca de 40 % da área da cidade é coberta por dunas. Cidreira conta com cerca de 13 mil habitantes fixos (2011), sendo que na alta temporada chega a receber até 150 mil pessoas. Além do turismo, economia gira em torno da construção civil, comércio, serviços, indústria madeireira e de extrativismo, além da agricultura, pecuária e pesca, com destaque para a comercialização de camarão. O PIB anual da cidade é de R\$ 142.565.000,00. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 3,66 % (2010). O município tem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto (0,729), estando na 1054ª posição entre os municípios do Brasil.

4.8.1 Imprensa em Cidreira

Cidreira conta com três jornais: O Maré Cheia – fundado em 2009 - tem circulação quinzenal e distribuição gratuita, mesma situação do Jornal O Marisco – fundado em 2003. Já o Comunidade em Ação (este fundado em 2010) não estipula em sua edição, seja na capa ou no conteúdo interno, qual sua periodicidade. Porém, cidadãos locais de Cidreira dizem que ele circula a cada 15 dias, mas “de vez em quando demora mais tempo para aparecer” (como foi o caso do Comunidade em Ação coletado no segundo período de análise desta monografia, atrasado cerca de 10 dias em relação a suposta periodicidade quinzenal).

O Jornal Maré Cheia tem 12 páginas, sendo capa e contracapa coloridas. Este jornal tem dois terços (66,6%) de sua edição colorida, sendo 16 das 24 páginas analisadas impressa em cores. O Marisco também possui 12 páginas, sendo que a capa e contracapa são coloridas (33,3%). O Comunidade em Ação também tem 12 páginas, com capa e contracapa coloridas, sendo um total de 8 as páginas coloridas entre as 24 analisadas. Deve constar, ainda, que o proprietário do jornal O Marisco possui também uma rádio local, a Marisco FM 98.9.

Quadro 8 – Características dos jornais de Cidreira

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Maré Cheia	2009	gratuito	quinzenal	12	66,6%
O Marisco	2003	gratuito	quinzenal	12	33,3%
Comunidade em Ação	2010	gratuito	quinzenal/mensal	12	33,3%

Fonte: SANTOS (2013)

4.9 BALNEÁRIO PINHAL

A história de Balneário Pinhal se cofunde com a de Cidreira, município do qual se emancipou em 1995. Pela sucessão de bens, as terras que hoje pertencem a Balneário Pinhal coube a Joaquim Rodrigues Saraiva, um dos herdeiros de Luiz Fernando Saraiva - homem que adquiriu a sesmaria de Cidreira em 1819. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Balneário Pinhal³⁷, o primeiro lugarejo que se formou na localidade ficava a mais ou menos uma légua do mar, na Fazenda da Rondinha.

No começo do século XX, estas terras foram adquiridas por Francisco Sgura Garcia, espanhol de codinome Paco, que já era proprietário da Fazenda do Pinhal. Com uma grande extensão territorial, Paco Garcia desenvolveu várias culturas explorando as terras com a agricultura e construindo uma salina, às margens da fazenda da Rondinha, que produziu sal por vários anos para o consumo e o comércio.

Foi na Fazenda do Pinhal que expandiu-se o povoamento. Como existiam muitas atividades e trabalhos, várias famílias ali se estabeleceram. Foi então construído um centro social, uma capela, um salão de festas e uma escola. Também foi feita uma estrada e foram plantados muitos pés de Eucalipto para delimitá-la, o que se transformou no Túnel Verde, hoje principal cartão de visitas da cidade.

O município de Balneário Pinhal conta, atualmente, com cerca de 11 mil habitantes (2011), e PIB anual de R\$ 114.338.000,00 (2010). É a cidade litorânea mais próxima da capital, a 95 km de Porto Alegre. Assim como em Cidreira, boa parte do município é coberta por dunas.

³⁷ Disponível em: < <http://balneariopinhal.rs.gov.br/cidade/historia>>. Acesso em 05 Out. 2013.

Além do turismo, a apicultura e o extrativismo vegetal desempenham papel importante na economia local, onde também contribuem o comércio, a construção civil e a pesca. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 5,19 % (2010). De acordo com a ONU, Balneário Pinhal tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado médio (0,696), muito próximo do alto desenvolvimento.

4.9.1 Imprensa em Balneário Pinhal

Em Balneário Pinhal temos 2 jornais semanários: o Balneário Pinhalense e a Tribuna do Litoral. Ambos os jornais são distribuídos gratuitamente - embora você consiga compra uma edição do Balneário Pinhalense em uma banca do município por 70 centavos.

Há ainda o Jornal Regional do Comércio (JRC), de circulação quinzenal. Decidiu-se, entretanto, excluir a análise deste impresso porque o mesmo possui mais caráter comercial do que informativo, e praticamente não apresenta informação local.

Ambos os semanários possuem 12 páginas, sendo capa e contracapa coloridas. No Balneário Pinhalense, as duas páginas centrais do jornal também são coloridas, contabilizando um total de 08 páginas coloridas entre as 24 analisadas em duas edições do impresso.

Quadro 9 – Características dos jornais de Balneário Pinhal

Título	Ano de fundação	Preço	Circulação	Páginas por edição	% de Páginas Coloridas
Balneário Pinhalense	2009	gratuito	semanal	12	33,3%
Tribuna do Litoral	2011	gratuito	semanal	12	16,6%

Fonte: SANTOS (2013)

4.10 PALMARES DO SUL

Segundo a prefeitura municipal de Palmares do Sul³⁸, a cidade começou a ser formada no período do Brasil Império, como distrito pertencente ao município de Vila da Conceição do Arroio, (atual Osório), no ano de 1857. Entre 1920 e 1950 ganhou importância com a implantação de um porto às margens do rio Palmares, e uma ferrovia até Osório. Formou-se, então, um entroncamento hidroferroviário, que ligava as localidades de Torres, Osório e Palmares do Sul com a capital Porto Alegre e o porto de Rio Grande, de onde se exportava couro e lã, além de servir de transporte para expressivo número de passageiros.

O nome Palmares foi escolhido pelos seus primeiros moradores, de origem portuguesa, ainda no século XVIII, porque nas redondezas havia grande quantidade de butiatubás (característica da região, cujos frutos são os butiás), que o seu conjunto formam aquilo que os portugueses denominavam os Palmares. Em 1930 foi introduzido o cultivo do arroz, cultura que mantém a cidade na condição de um dos principais municípios gaúchos produtor deste cereal.

Palmares do Sul emancipou-se de Osório em 1982, incorporando ainda parte das localidades de Mostardas, Tramandaí e Viamão. Possui uma população de cerca de 11 mil habitantes (2011). É um município com características rurais, embora possua seis praias (Quintão, Quintão Velho, Dunas Altas, Rei do Peixe, Frade e Santa Rita). Os municípios limítrofes são Balneário Pinhal, Capivari do Sul e Mostardas. Na cidade, foi recentemente finalizado um Parque de Energia Eólica, que conta com 25 Aerogeradores e potência de 50MW. Além deste parque eólico, a economia da região gira em torno da agropecuária – principalmente de pequenas propriedades - das áreas de serviços e comércio. Seu PIB anual é de R\$ 209.875.000,00 (2011), e a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 8,18 % (2010). O IDH de Palmares do Sul é de 0,715, considerado alto.

4.10.1 Imprensa em Palmares do Sul

A **Folha Popular** é o representante de Palmares do Sul entre os jornais do Litoral Norte. Fundado em 2009, trata-se de um jornal semanal, com preço de capa de R\$ 1,00 e usualmente 16

³⁸ Disponível em: < http://www.palmaresdosul.rs.gov.br/novo_site/index.php?nivel=0&exibir=secoes&ID=44>. Acesso em 05 Out. 2013

páginas. O impresso tem capa e contracapa colorida, e outras 06 páginas internas coloridas entre as analisadas, contabilizando um total de 10 páginas coloridas para as 32 páginas de jornal.

Também encontramos na pesquisa de campo o informativo Fique Por Dentro, de tiragem mensal. Porém este impresso foi excluído da pesquisa por entender-se que o mesmo, apesar de circular por Palmares do Sul, tem como município sede Mostardas, que não faz parte da área geográfica de análise desta pesquisa (no caso o Litoral Norte do Rio Grande do Sul). Além disso, o Fique por Dentro não constitui-se como um impresso de vocação para a informação noticiosa.

4.11 CAPIVARI DO SUL

Capivari do Sul é uma cidade de vocação agropecuária, e localiza-se no cruzamento da RS 040 (Viamão/ praias) e RST 101 (Osório/ Tavares), há cerca de 80 Km de Porto Alegre. Capivari, significa em Tupi-Guarani, “capivara”. Esse nome foi dado ao Município pelo fato de existirem muitas capivaras nas margens do rio que lhe emprestou o nome, acrescentado a expressão "do Sul" para diferenciá-lo dos Municípios de Capivari (SP) e Capivari de Baixo (SC).

Capivari do Sul emancipou-se de Palmares do Sul em 1995, e hoje possui cerca de 4 mil habitantes (2011). Seu PIB anual é de R\$ 142.115.000,00 (2010). Conforme informações de sua prefeitura municipal³⁹, a cidade destaca-se pela agricultura e pecuária, tendo como principal produção a cultura do arroz, a indústria madeireira de laminados, reflorestamento e pecuária de pequeno e grande porte. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é de 7,90 % (2010). Capivari do Sul também destaca-se por ser considerado o município com a melhor qualidade de vida do Litoral Norte , tendo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto (0,766), estando na 274ª posição entre os municípios do Brasil.

4.11.1 Imprensa em Capivari do Sul

O Jornal Integração (fundado em 1996) é o único jornal que possui como município sede Capivari do Sul. Este impresso tem preço de capa de R\$ 1,00, circulação semanal e oito páginas

³⁹ Disponível em:

<http://www.capivaridosul.rs.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=56&Itemid=68> Acesso em 05 nov. 2013

por edição, contabilizando um total de 16 páginas analisadas. O jornal é, juntamente com o Diário Gazeta (Torres) e o Momento (Osório), um dos únicos impressos a circular totalmente em preto e branco.

5 A REALIDADE DOS JORNAIS DO LITORAL NORTE

Após levantamento de dados dos exemplares recolhidos dos 26 jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul⁴⁰ - foi possível elaborar um perfil geral sobre a forma dos produtos jornalísticos na região, tanto em relação ao conteúdo, presença de publicidade e atuação na internet quanto em relação a sua circulação.

Conforme os pesquisadores Roger Bundt e Andres Kalikoske (2012), a linha de análise da Economia Política da Comunicação dedica-se a estudar os processos de produção, distribuição e consumo dos produtos comunicacionais e culturais no capitalismo contemporâneo. E é exatamente baseado neste pressuposto que este capítulo propõe-se a analisar os jornais do Litoral Norte pelo seu processo de: 1) **distribuição** – pela caracterização dos seus elementos de tiragem e área de circulação; 2) **produção** – a partir da análise de questões editoriais, seja do conteúdo noticioso ou opinativo; 3) **consumo**, pela relação com a publicidade estabelecida por estes veículos, além da popularidade junto ao público na internet.

Primeiramente, vale constar o relativismo presente nas palavras produção, distribuição e consumo e suas relações no jornalismo – uma vez que uma produção pode ser um consumo (das informações que entram num jornal, por exemplo), o consumo pode ser uma distribuição (de capital simbólico pelos anunciantes de publicidade, por exemplo), uma distribuição pode ser uma produção (dos diferentes elementos numa página de jornal, por exemplo). Baseado neste princípio de inter-relacionamento, e pensando que jornais impressos são produtos complexos do ponto de vista simbólico, admitimos algumas inter-relações dos 3 itens acima com os jornais do Litoral Norte

5.1 DISTRIBUIÇÃO

Para análise dos conceitos de distribuição dos jornais no Litoral Norte, iremos analisar a tiragem e a área de circulação estipulada pelos 26 impressos.

⁴⁰ Lembrando que não foram recolhidos exemplares do Correio de Caraá

5.1.1 (men) Tiragem

Quanto a tiragem dos Jornais do Litoral Norte, percebeu-se que, no expediente dos mesmos, apenas 10 (38,4%) das 26 publicações analisadas estipulam sua tiragem, enquanto que a maioria dos impressos (16, ou 61,6%) não destaca quantos jornais são impressos por edição.

Dentre os jornais que estipulam sua tiragem, destaca-se o único jornal diário do Litoral Norte, o **Momento** (Osório), que informa imprimir 3000 exemplares por edição, o que contabilizaria uma tiragem mensal de 60 mil jornais. Em segundo lugar aparece o bissetimanal **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa), com uma tiragem de 5000 jornais por edição, representando 40.000 jornais mensais. A maioria dos jornais diz ter tiragem média entre 3500 e 5000 exemplares por edição. A exceção mais extrema é o jornal **A Folha** (Torres) com tiragem entre 700 e 1500 exemplares por edição, número bem abaixo da média geral.

Como o autor desta monografia trabalha no jornal A Folha, de Torres, pode-se explicar a provável razão da baixa tiragem por edição deste impresso, em comparação com outros veículos do Litoral Norte: trata-se da honestidade. É informada no jornal A Folha a tiragem real, sem distorção da informação. Contudo, parece ser prática usual em alguns impressos informar uma tiragem bem acima da real, para assim ludibriar os leitores e conseguir, eventualmente, melhores anúncios publicitários. Um exemplo é o Jornal do Mar, que imprime sua publicação na Gráfica Opção (em Jacinto Machado, SC), mesma gráfica onde é impresso o jornal A Folha. Segundo o proprietário desta gráfica, Fernando Daré (2013), o Jornal do Mar imprime 2500 exemplares por edição – metade dos 5000 exemplares informados no expediente do impresso. Não podemos afirmar se outros veículos do Litoral Norte mantêm esta prática de exagerar na tiragem de seus impressos, entretanto supõe-se que o Jornal do Mar não seja – infelizmente - o caso único na distorção desta informação.

5.1.2 Área de circulação

Já em relação a área de circulação, a maioria dos impressos do Litoral Norte não estipula claramente se o jornal alcança mais cidades além do município sede. Em 12 das publicações analisadas (46,1%), consta apenas o nome do município sede do jornal. Outros 4 impressos (11,5%) simplesmente dizem circular pelo Litoral Norte, sem definir exatamente por quais

cidades (sendo que o **Fato em Foco** diz circular pelo Litoral Norte gaúcho e extremo sul catarinense).

Já em 5 dos jornais analisados (19,2%), a área de circulação é de 8 municípios ou mais, com destaque para o **Costa do Mar e Serra** e a **Folha do Litoral** (ambos de Capão da Canoa) - que dizem circular em 12 cidades da região – e para o **Jornal do Mar** (Torres), que informa 11 municípios onde o jornal supostamente circula.

Porém, apesar do que informam os jornais, podemos verificar algumas incoerências quanto a área de circulação destes veículos. Por morar em Torres há anos, estar atento à participação dos jornais no município e fazer, eventualmente, uma checagem nas bancas da cidade, prefeitura e câmara dos vereadores (lugares públicos onde é comum encontrar exemplares dos jornais locais), o autor desta monografia nunca encontrou sequer uma edição dos jornais **Comunidade em Ação** (Cidreira) e **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa), que em seus jornais dizem circular também em Torres.

O quadro 10 faz uma relação entre as publicação do Litoral Norte quanto a sua tiragem e área de circulação, segundo estabelecido no expediente e nas capas destes jornais.

Quadro 10 – Tiragem e área de circulação segundo consta no expediente dos jornais

Título	Periodicidade	Tiragem por edição	Área de Circulação
Momento	Diária	3.000	Litoral Norte
Diário Gazeta	Trissemanal/ bissemanal	Não estipulada	Municipal
Costa do Mar e Serra	Bissemanal	5.000	12 municípios (Capão da Canoa, Xangrilá, Arroio do Sal, Torres, Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Morrinhos do Sul, Terra de Areia, Maquiné, Imbé, Tramandaí, Cidreira)
Rota do Mar	Bissemanal	Não estipulada	Litoral Norte
A Folha	Semanal	Entre 700 e 1500	Torres e região
Jornal do Mar	Semanal	5000	11 municípios (Torres, Capão da Canoa, Arroio do Sal, Xangri-lá, Três Cachoeiras, Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul, Mampituba, Itati, Três Forquilhas, Terra de Areia)
Jornal da Cidade	Semanal	Não estipulada	Torres e região

Quadro 10 – Tiragem e área de circulação segundo consta no expediente dos jornais (continuação).

Título	Periodicidade	Tiragem por edição	Área de Circulação
O Fato em Foco	Semanal	Não estipulada	Litoral Norte gaúcho e extremo sul catarinense
Litoral Norte	Semanal	Não estipulada	municipal
Litoral Notícias	Semanal	Não estipulada	municipal
A Folha do Litoral	Semanal	5000	12 municípios (Torres, Morrinhos do Sul, Arroio do Sal, Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Terra de Areia, Capão da Canoa, Xangri-lá, Imbé, Tramandaí, Maquiné, Osório)
Jornal de Capão	Semanal	Não estipulada	municipal
Capital das Praias	Semanal	3500	municipal
Dimensão	Semanal	Não estipulada	Litoral Norte
Bons Ventos	Semanal	Não estipulada	municipal
Revisão	Semanal	Não estipulada	municipal
A Tribuna do Litoral	Semanal	Não estipulada	municipal
Balneário Pinhalense	Semanal	Não estipulada	municipal
Folha Popular	Semanal	4500	8 municípios (Palmares do Sul, Capivari do Sul, Cidreira, Balneário Pinhal, Mostardas, Tavares, Osório e Tramandaí)
Integração	Semanal	5000	Capivari do Sul e Palmares do Sul
O Boto	Semanal/ Quinzenal	Não estipulada	Imbé e Tramandaí
3ª Página	Semanal	Não estipulada	municipal
Comunidade em Ação	Quinzenal/ Mensal	5000	9 municípios (Osório Tramandaí, Torres, Imbé, Capão da Canoa, Cidreira, Balneário Pinhal, Capivari do Sul e Quintão)
Maré Cheia	Quinzenal	Não estipulada	Cidreira e Balneário Pinhal
O Marisco	Quinzenal	2000	municipal
Jornal de Arroio do Sal	Quinzenal	Não estipulada	municipal

Fonte: SANTOS, (2013)

Tanto no quesito tiragem quanto área de circulação, há um problema a ser destacado: a inexistência de auditoras que avaliem a o número de exemplares impressos pelos veículos, bem

como as cidades pelas quais a publicação efetivamente circula. Nenhum dos jornais do Litoral Norte é associado a Associação Nacional de Jornais (ANJ), que é vinculada ao Instituto de Verificação de Circulação (IVC) – responsável por fazer auditorias nos jornais - e por isso fica difícil confirmar a veracidade das informações apresentadas pelos impressos analisados no que se refere a estes dois itens.

5.2 PRODUÇÃO

Foram analisada nesta monografia quatro pontos referentes a produção dos jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: 1) quanto ao seu enfoque dominante – seja ele o noticiário local, regional ou misto; 2) quanto a sua divisão por editorias; 3) quanto ao caráter de seu conteúdo noticioso e produção de matérias; 4) quanto as características do conteúdo opinativo.

5.2.1 Análise dos jornais quanto ao enfoque predominante

Podemos dizer que todos os veículos analisados representam meios de comunicação dedicados a informar suas comunidades quanto à pauta local e regional, embora o trato dado à informação possa ser bastante diferente de um meio impresso para outro.

Também se deve constar, por conhecimento prévio do autor deste trabalho – correlacionando-se com a análise realizada - que é prática comum a inclusão, na pauta dos jornais do Litoral Norte, de determinado assunto que sejam de interesse de alguma instituição, empresa e – principalmente – indivíduos e partidos relacionados a política. São matérias nascidas no ambiente externo da redação dos jornais – os famosos *press releases* - e que, em vários casos, tem pouco valor noticioso, dando maior espaço para a exposição midiática do ator que “encomenda” a entrada da matéria na pauta do jornal, em detrimento ao interesse público. Esta prática fica comprovada pela repetição das mesmas notícias em diferentes jornais, em alguns casos com o mesmo título, texto e foto.

Uma análise editorial permite inferir que a maioria dos jornais do Litoral Norte tem um enfoque predominantemente local (16 jornais, 61,5%) sendo que as notícias da cidade de origem do impresso são as que recebem maior destaque. Entretanto, alguns dos jornais dão proporcionalmente maior destaque para o noticiário regional (7 jornais, 26,9%), relativo às

idades vizinhas ao município onde o impresso está instalado. Além disso, há 3 veículos (11,5%) que consideramos ter um enfoque misto, cedendo espaço parecido tanto para as notícias estaduais, nacionais e de temas variados quanto ao noticiário específico local ou regional.

Para a análise deste item, catalogamos e dividimos as notícias em seis categorias: locais (voltadas diretamente a cidade sede) – regionais (voltadas para os municípios do Litoral Norte), estaduais, nacionais, mundiais e de localidade irrelevante (notícias onde o entendimento da notícia pelo leitor se dá sem a necessidade de localidade). O quadro abaixo faz uma relação entre o enfoque predominante dos impressos e sua disposição de notícias quanto a localidade.

Quadro 11 – Enfoque predominante dos impressos quanto à origem das notícias

Título / Cidade	enfoque predominante	Notícias municipais	Notícias regionais	Notícias estaduais	Noticias nacionais	Notícias mundiais	Notícias de localidade irrelevante	TOTAL
Momento (Osório)	Local	46 (30%)	44 (29%)	38 (26%)	22 (15%)	x	x	150
Diário Gazeta (Torres)	Local	39 (59%)	20 (30%)	3(5%)	4 (6%)	x	x	66
Costa do Mar e Serra (Capão da Canoa)	Local	19 (42%)	21 (47%)	3 (7%)	2 (4%)	x	x	45
Rota do Mar (Osório)	Local	33 (63%)	14 (27%)	2 (4%)	2 (4%)	x	1 (2%)	52
A Folha (Torres)	Local	30 (53%)	6 (10%)	1 (2%)	12 (23%)	4 (8%)	2 (4%)	55
Jornal do Mar (Torres)	Regional	43 (41%)	59 (57%)	1 (1%)	1 (1%)	x		104
Jornal da Cidade (Torres)	Local	47 (72%)	15 (23%)		1 (2%)	x	2 (3%)	65
O Fato em Foco (Torres)	Regional	36 (39%)	47 (49%)	2 (2%)	6 (6%)	x	4 (4%)	95
Litoral Norte (Torres)	Local	30 (81%)	7 (19%)	x	x	x	x	37
Litoral Notícias (Tramandaí)	local	39 (80%)	7 (14%)	x	3 (6%)	x	x	49
A Folha do Litoral (Capão da Canoa)	Misto	26 (20%)	26 (20%)	5 (4%)	24 (19%)	15 (12%)	32 (25%)	128
Jornal de Capão (Capão da Canoa)	Regional	17 (18%)	63 (66%)	x	4 (4%)	11 (12%)	x	95

Quadro 11 – enfoque predominante dos impressos quanto à origem das notícias (Cont.)

Título / Cidade	enfoque predominante	Notícias municipais	Notícias regionais	Notícias estaduais	Notícias nacionais	Notícias mundiais	Notícias de localidade irrelevante	TOTAL
Capital das Praias (Tramandaí)	Regional	35 (31%)	52 (46%)	12 (11%)	9 (8%)	5 (4%)	x	113
Dimensão (Tramandaí)	Local	45 (44%)	54 (53%)	x	3 (3%)	x	x	102
Bons Ventos (Osório)	Local	19 (88%)	1 (4%)	x	1 (4%)	1 (4%)	x	22
Revisão (Osório)	Local	39 (76%)	10 (20%)	1 (2%)	1 (2%)	x	x	51
Comunidade em Ação (Cidreira)	regional	8 (18%)	33 (78%)	x	x	x	2(4%)	43
Maré Cheia (Cidreira)	regional	8 (30%)	15 (58%)	2 (8%)	1 (4%)	x	x	26
O Marisco (Cidreira)	local	12 (36,3%)	13 (39,3%)	x	4 (12,1%)	x	4 (12,1%)	33
A Tribuna do Litoral (Pinhal)	Misto	8 (36%)	x	x	8 (36%)	2 (10%)	4(18%)	22
Balneário Pinhalense (Pinhal)	Misto	9 (32%)	1 (4%)	2 (8%)	4 (16%)	6 (22%)	5 (18%)	27
Folha Popular (Palmares do Sul)	regional	8 (11%)	56 (75%)	8 (11%)	2 (3%)	x	x	74
Integração (Capivari do Sul)	Local	9 (38%)	11 (46%)	2 (8%)	2 (8%)	x	x	24
Jornal de Arroio do Sal (Arroio do Sal)	Local	31 (84%)	2 (5%)	1 (3%)		x	3 (8%)	37
O Boto (Imbé)	Local	35 (57%)	21 (34%)	4 (7%)	1 (2%)	x	x	61
3ª Página (Imbé)	Local	12 (50%)	6 (25%)	x	2 (8,3%)	2(8,3%)	2 (8,3%)	24

(x) Sem dados significativos

Fonte: SANTOS, 2013

Em Torres, foi constatada o enfoque predominante da informação local em 4 dos 6 veículos analisados: A **Folha**, **Jornal da Cidade**, **Litoral Norte** e **Diário Gazeta**. Não quer dizer que estes impressos não relatem a informação regional, mas sua pauta dedica maior número de matérias para a cidade de Torres. Já o **Jornal do Mar** e o **Fato em Foco** podem ser considerados veículos de vocação regional, com grande quantidade de informação referentes as

idades vizinhas a Torres. Deve-se citar que as notícias regionais que aparecem nos jornais de Torres são relativas, principalmente, aos municípios emancipados da cidade – com destaque para aqueles mais próximos do município sede: Arroio do Sal, Três Cachoeiras, Dom Pedro de Alcântara e Mampituba. No caso destes três últimos, tratam-se de cidades com características primordialmente rurais e que não possuem jornais locais – sendo que apenas Três Cachoeiras conta com uma rádio comunitária. Assim sendo, os jornais de Torres tornam-se importantes para trazer o noticiário local destas cidades, ainda carentes de informação jornalística.

O **Jornal de Arroio do Sal**, localizado no município de mesmo nome, dedica quase todas as suas notícias a sua cidade sede. E no **Integração**, de Capivari do Sul, a informação é primordialmente dedicada a cidade e ao município de Palmares do Sul (conurbado com Capivari do Sul), sendo este impresso também de caráter local. Já a **Folha Popular**, de Palmares do Sul, apresenta um grande número de notícias regionais (principalmente relativas aos municípios de Osório e Tramandaí), enquanto que a informação dedicada ao município sede aparece em quantidade bem menor.

Em Capão da Canoa temos o **Jornal de Capão** com caráter regional, uma vez que a maioria das notícias é relativa a vários municípios do Litoral Norte, enquanto que o noticiário sobre Capão da Canoa aparece apenas em segundo plano. **A Folha do Litoral** - também de Capão da Canoa - é o único jornal do Litoral Norte que apresenta, com certo equilíbrio, bom número tanto de notícias locais e regionais quanto de notícias gerais, nacionais e internacionais, remetendo a esquematização editorial dos impressos das grandes cidades. Já o **Costa do Mar e Serra** é um dos jornais que menos apresenta notícias em relação ao número de página, embora a maioria de suas poucas (e pequenas) notícias sejam dedicadas ao município sede e a Xangri-lá - cidade conurbada com Capão da Canoa - tendo portanto caráter local.

Na cidade de Imbé, ambos os jornais (**O Boto** e **3ª Página**) tem maior caráter local do que regional, apresentando, entretanto, bom número de notícias de Tramandaí, município ao qual Imbé é conurbado. Já em Tramandaí, temos o **Capital das Praias** de caráter mais regional do que municipal, apresentando notícias de várias cidades do Litoral Norte, enquanto que o **Dimensão** apresenta, em sua maioria, notícias de Tramandaí e Imbé - ainda que as notícias da região (principalmente Osório) sejam publicadas em bom número. O **Litoral Notícias** – também de Tramandaí – apresenta quase todas suas notícias dedicadas ao município sede (com algumas poucas notícias de Imbé também aparecendo).

Em Cidreira dois dos três jornais do município (**Comunidade em Ação** e **Maré Cheia**) possuem mais informação dos municípios vizinhos (Balneário Pinhal e Tramandaí), do que da cidade onde os impressos tem sede, sendo de enfoque regional. Já **O Marisco** tem, proporcionalmente as notícias catalogadas - enfoque um pouco mais no município-sede do que nas cidades do Litoral.

Em Balneário Pinhal, temos os dois únicos jornais (**Balneário Pinhalense** e **Tribuna do Litoral**) que não dedicam majoritariamente suas notícias nem para a pauta local nem para a pauta regional, mas sim para informações referentes ao contexto nacional e as variedades – além da grande presença de colunas assinadas, proporcionalmente ao número de páginas - sendo ambos considerados de enfoque misto.

Finalmente, no município de Osório todos os 4 jornais (**Momento**, **Rota do Mar**, **Bons Ventos e Revisão**) tem como prioridade a pauta municipal, embora o jornal **Momento** conte com boa quantidade de informações regionais também.

5.2.2 Análise editorial

A partir da análise dos 66 exemplares, conseguimos estabelecer um parâmetro quanto a divisão dos 26 jornais do Litoral Norte em editorias. Observou-se que 14 deles (53%) eram divididos em editorias em sua quase totalidade (ou totalidade), enquanto outras 5 publicações (19,2%) são parcialmente divididas em editorias – com boa parte do jornal sem uma clara distinção entre os assuntos contidos no mesmo. Há ainda 7 impressos (26,9%) que não continham qualquer divisão clara por editorias, o que torna mais difícil a identificação dos leitores com o assunto ou a localidade das notícias.

Alguns dos jornais mostraram-se ser bem divididos em editorias fixas, sendo que o mais bem esquematizado neste quesito foi **A Folha do Litoral** (Capão da Canoa). Apesar de ser o mais volumoso entre todos os jornais – contando com 40 páginas por edição, todas em cores – notou-se que a praticamente todas as páginas dos dois exemplares analisados foi dividido em 21 editorias fixas (além de um caderno denominado Construir, de 8 páginas, dedicado a reformas, decoração e construção civil). Na Folha do Litoral, a mesma página dedicada para um assunto numa edição era ocupada exatamente pelo mesmo assunto na outra. Além disso, o projeto gráfico do jornal é bem acabado – na minha opinião o melhor entre todos os do Litoral Norte – sendo

que o título das editorias fica bem saliente no topo, tornando possível com um rápido olhar pela página reconhecer o assunto ao qual a mesma se refere. O diário **Momento** (Osório), também é dividido em editorias fixas bem definidas, que se repetem na maioria dos 10 exemplares analisados. Também merecem destaque positivo pela divisão em editorias fixas o jornal **Dimensão** (Tramandaí) e **3ª Página** (Imbé).

Já entre os impressos que não estavam divididos por editorias, percebe-se que (em sua maioria) são exemplos de jornais que, além de possuírem um projeto gráfico mal acabado, fazem com que a descoberta acerca do assunto de suas matérias seja um verdadeiro enigma ao leitor. Neste quesito, destacam-se negativamente o bissemanal **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa) com seu projeto gráfico nada harmônico, onde as poucas notícias – sem divisão editorial – ficam perdidas nas páginas poluídas por anúncios publicitários, editais públicos, orações e excesso de cores (quando as páginas são coloridas). O jornal rivaliza em saturação e desordem com o **Capital das Praias** (Tramandaí), que consegue “espremer” 113 notícias num total de 24 páginas analisadas, sendo um grandioso e complicado mosaico de informação, difícil de se fazer entender pela ausência total de editorias.

Quadro 12 – Divisão dos jornais por editorias

Título	Dividido por editorias ?	Editorias fixas (sejam pré-definidas no cabeçalho ou não)
Momento	Sim	Variedades, turismo, Sociais, região, policial, turismo, geral
Diário Gazeta	Sim	Torres, geral, social, segurança, esportes
Costa do Mar e Serra	Não	religião, oração, publicações legais
Rota do Mar	sim	opinião, policial, social, geral
A Folha	sim	Variedades, região, geral, esporte, opinião, política, cultura, classificados
Jornal do Mar	Sim	Opinião, Torres, Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Mampituba, Morrinhos do Sul, região sociais, classificados, polícia
Jornal da Cidade	Sim	Geral (quase 50% das páginas), esportes, polícia, classificados, região, entretenimento
O Fato em Foco	Parcial	Esportes, Mampituba, geral, polícia, classificados, social, Dom Pedro, Três Cachoeiras, opinião

Quadro 12 – Divisão dos jornais por editorias (Cont.)

Título	Dividido por editorias ?	Editorias fixas (sejam pré-definidas no cabeçalho ou não)
Litoral Norte	Sim	Torres (principal), Arroio do Sal, Social, classificados
Litoral Notícias	Sim	Passatempo, polícia, geral, classificados, especial, espaço jovem, comunidade, política
A Folha do Litoral	Sim	Social, carros, esportes, unidade móvel, opinião, capão da canoa, capa, litoral norte, economia, política, saúde, educação, cultura, polícia, passatempo, classificado, geral, estado, Brasil, mundo, construção
Jornal de Capão	Parcial	Variedades, esporte, policial, saúde e beleza, sociedade, economia, classificados, novelas, esporte e policial
Capital das Praias	Não	Nenhuma
Dimensão	Sim	Tramandaí (principal), Opinião, Cultura, Imbé, Osório, social, classificados, esportes variedades, polícia
Bons Ventos	Parcial	Esportes, social, colunistas, opinião, moda e beleza
Revisão	sim	Geral, política, cultura, social, polícia, saúde, opinião
Comunidade em Ação	Parcial	Balneário pinhal, Tramandaí, opinião
Maré Cheia	Não	Polícia, classificado, opinião
O Marisco	Parcial	Cultura, Cidreira, Social, opinião, esportes
A Tribuna do Litoral	Não	Esportes, colunistas, variedades
Balneário Pinhalense	Não	Variedades, colunistas, social
Folha Popular	Não	Social, municipal
Integração	Não	Esportes, opinião
Jornal de Arroio do Sal	sim	opinião, política, notícias da cidade, geral, especial, acontece,
O Boto	Sim	opinião, Imbé, Variedades, Policial, esportes
Terceira Página	sim	Opinião, cotidiano, região, geral, Imbé, especial, polícia, esporte, variedade e social

Fonte: SANTOS (2013)

Pela análise das editorias principais que figuram nos impressos, podemos indicar aquelas que têm maior destaque entre os jornais do Litoral Norte. As notícias relacionadas aos

acontecimentos políticos aparecem em todos os jornais analisados, sendo a base para formação do conteúdo de quase todos estes – com exceção do **Bons Ventos**, de Osório, e **O Marisco**, de Cidreira (ambos focado mais nas editorias de cultura e variedades), além do **Rota do Mar**, de Osório, **Maré Cheia**, de Cidreira (ambos focados na editoria policial) e do **Tribuna do Litoral**, de Balneário Pinhal (Focado na heterogênea opinião de seus colunistas).

Além da política, as outras editorias fixas – que aparecem em todas as edições de cada impresso analisado – de maior destaque são a policial (presente em 14 dos 26 jornais, ou 53,8%), social (também presente em 14 impressos, ou 53,8%), esportes (presente em 12 dos impressos, 46,1%), geral (presente em 10 publicações, ou 38,4%) e variedades (também presente em 10 publicações, ou 38,4%). Também se deve constar que 12 (46,1%) dos veículos analisados possuíam, ao menos, uma página dedicada aos classificados, sendo que o jornal **A Folha** (Torres) é o que dedica maior espaço para esta seção, com 6 páginas de classificados compilando diversos anúncios imobiliários, muitos destes com fotos dos imóveis para venda/aluguel. Já o **Dimensão** (Tramandaí) dedica 4 páginas aos classificados, porém segue o formato que vemos nos jornais das metrópoles para esta seção – com pequenos anúncios de, em média, 1,5 x 3 cm – tendo assim um número bem maior de anunciantes em seus classificados do que A Folha.

5.2.3 Análise das matérias/ notícias

Verificou-se que a informação jornalística dos impressos no Litoral Norte é formada principalmente por matérias curtas, sendo que há repetição das mesmas notícias em diferentes jornais, em alguns casos com o mesmo título, texto e foto. A matéria “Prefeitos debatem sobre Avenida do Litoral”, por exemplo – que foi destaque na primeira semana de análise (03/08 a 09/08) – apareceu em 12 (46,1%) dos jornais analisados, sendo o texto praticamente o mesmo entre eles. O mesmo se viu com relação a campanha Outubro Rosa – dedicada à prevenção ao câncer de mama - amplamente divulgada pelos jornais da região na semana entre 28/09 e 04/10 (aparecendo em 16 deles, ou 61,5%), sendo manchete de capa em 8 impressos (30,8%). Entretanto, partir da análise destes textos, percebeu-se que o conteúdo entre eles era bastante parecido, tendo como base principalmente o material fornecido pelas assessorias de imprensa das prefeituras – que promoviam a campanha e eram principais interessadas na exposição do assunto.

Esta repetição de notícias é recorrente, e prova que os impressos do Litoral Norte alimentam-se dos mesmos *press releases*, matérias nascidas no ambiente externo da redação dos jornais. Estas pautas, feitas por assessores de imprensa, são de interesse de alguma instituição, empresa e – principalmente – indivíduos e partidos relacionados a política, sendo que o interesse público pode acabar sendo deixado de lado em nome da exposição do ator que é destaque destes *press releases*.

Quanto a produção de conteúdo local inédito, observou-se a escassez de grandes reportagens - matérias com boa apuração de dados e presença de várias fontes – sobre assuntos relevantes para a população do Litoral Norte. Ainda assim, alguns jornais se destacam na produção de conteúdo: O jornal **Revisão** (Osório) mostrou boa produção de matérias próprias e assinadas, em geral curtas (menos de meia página com foto) e sobre assuntos políticos, além da realização de entrevistas para ambos os exemplares analisados. Já o **Bons Ventos** (Osório) não é um impresso de muitas notícias - estando mais relacionado com assuntos como cultura, moda e variedades – mas ainda assim contabilizou 3 matérias assinadas, de página inteira e caráter humano, com boa utilização de fotos e análise detalhada das fontes para formação de um perfil sobre as mesmas.

A edição de estreia do **3ª Página** (Imbé) também tem boa parte de suas páginas ocupadas por conteúdo próprio, sendo destaque uma entrevista de duas páginas com o prefeito de Imbé, Pierre Emerim da Rosa, além de um perfil bem escrito sobre um menino do município que realizou seu sonho ao tornar-se trapezista e malabarista do Beto Carreiro. O jornal **A Folha** (Torres) contabiliza boa produção de matérias locais próprias, principalmente sobre assuntos políticos, sendo também o que dedica maior espaço para reportagens longas e debate de temas entre todos os jornais do Litoral Norte. Deve constar também que **A Folha do Litoral** (Capão da Canoa), apesar de ser o maior jornal analisado (40 páginas) – além de bem resolvido visual e esquematicamente – deixa a desejar quanto a produção de matérias próprias e locais.

Os jornais **Litoral Notícias** (Tramandaí), **O Boto** (Imbé), **Dimensão** (Tramandaí), **Diário Gazeta** (Torres), **Momento** (Osório) e **Integração** (Capivari do Sul), também apresentam alguma produção de material inédito. Já as poucas matérias feitas pela **Folha Popular** (Palmares do Sul), **Rota do Mar** (Osório) e **Jornal do Mar** (Torres) identificam-se pelos erros de ortografia e concordância em seus textos. Nas outras 12 publicações (46,1%) a produção de conteúdo inédito e relevante pareceu praticamente inexistente ou de difícil identificação, sendo

que a rotina de produção destes impressos deve basear-se simplesmente no “Ctrl C + Ctrl V” dos seus teclados.

5.2.4 As variedades nos jornais

Percebemos que há presença de vários itens de variedades e utilidade pública nos impressos analisados. As colunas de Horóscopo constam em 15 dos 26 jornais do Litoral Norte (57,6%). Já as palavras-cruzadas estão presentes em 7 dos impressos da região (26,9%), embora 2 destes itens – do **Jornal do Mar** (Torres) e da **Tribuna do Litoral** (Balneário Pinhal) - por serem pequenos e impressos em má qualidade, sejam de difícil visualização para o leitor.

Seção com piadas e/ou quadrinhos apareceram em 9 dos veículos analisados (34,6%), sendo que o **Jornal de Arroio do Sal**, **O Marisco** (Cidreira) e **Balneário Pinhalense** (Pinhal) apresentam tiras em quadrinhos próprias, remetendo com humor a situações de seus municípios. Há ainda uma seção com telefones locais úteis em 4 (15,3%) dos impressos, e 7 jornais contam com uma coluna gastronômica (26,9%).

Alguns dos impressos destacam especial espaço para a área de variedades e entretenimento, como o caso do **Jornal de Capão** (Capão da Canoa) que conta com seu ‘Segundo Caderno’ - com resumo de novelas, dicas de beleza, horóscopo, palavras cruzadas e coluna social – e o **Balneário Pinhalense** (Pinhal) – que dedica uma em cada três páginas para as variedades. No quadro a seguir, vemos a presença dos principais itens de variedades nos jornais do Litoral Norte, onde o ‘X’ representa a presença do item no impresso destacado.

Quadro 13 – Variedades nos impressos do Litoral Norte

Título	Município	Horóscopo	Palavras-Cruzadas	Piadas/Quadrinhos	Telefones úteis	Culinária
Diário Gazeta	Torres	x	x			
A Folha	Torres			x		
Jornal do Mar	Torres	x	x			x
Jornal da Cidade	Torres					x
O Fato em Foco	Torres	x				
Litoral Norte	Torres	x				
Jornal de Arroio do Sal	Arroio do Sal			x	x	
Costa do Mar e Serra	Capão da Canoa					
A Folha do Litoral	Capão da Canoa	x	x			x
Jornal de Capão	Capão da Canoa	x		x	x	x
3ª Página	Imbé	x	x			
O Boto	Imbé	x	x			
Litoral Notícias	Tramandaí	x	x	x		
Capital das Praias	Tramandaí					
Dimensão	Tramandaí	x	x	x		x
Momento	Osório	x				
Rota do Mar	Osório	x				
Bons Ventos	Osório					
Revisão	Osório					
Comunidade em Ação	Cidreira					
Maré Cheia	Cidreira					
O Marisco	Cidreira	x		x		
A Tribuna do Litoral	Balneário Pinhal	x	x	x	x	x
Balneário Pinhalense	Balneário Pinhal			x	x	x
Folha Popular	Palmares do Sul	x		x		
Integração	Capivari do Sul					
TOTAL GERAL		15	7	8	4	7

Fonte: SANTOS (2013)

5.2.5 A opinião do diretor/editor

Também percebe-se que a maioria dos jornais do Litoral Norte conta com a opinião da do diretor ou editor do jornal, geralmente inclusa na página 2 . Este item aparece de duas formas: através do editorial ou de coluna opinativa assinada. Apenas 4 (15,3%) dos veículos – **Jornal da Cidade** (Torres), **Litoral Norte** (Torres), **Diário Gazeta** (Torres) e **Jornal de Capão** (Capão da Canoa) – não contam nenhuma destas participações opinativas.

Em 11 dos veículos analisados (42,3%), há a presença de coluna dedicada ao editorial, sendo que na maioria dos casos são os assuntos municipais/regionais que recebem destaque. Além disso, há 5 veículos (19,2%) que, apesar de não possuírem editorial, contam com a opinião do editor ou jornalista do veículo. Outros 5 impressos (19,2%) - **A Folha** (Torres), **O Marisco** (Cidreira), **Dimensão** (Tramandaí), **Momento** (Osório) e **Rota do Mar** (Osório) – apresentam tanto o editorial quanto a coluna opinativa.

Interessante destacar que todas as colunas opinativas assinadas pelos editores ou diretores dos impressos do Litoral Norte são feitas num formato de notas rápidas: em alguns casos são apenas 2 ou 3 notas, mas em outros– como no **Jornal do Mar** (Torres) e **Dimensão** (Tramandaí) – há mais de 10 notas. Assim como no editorial, a maioria destas colunas faz referência aos assuntos municipais. O quadro 14 faz uma relação entre os jornais e a presença de editorial ou colunas assinadas pelos diretores/editores destes impressos.

Quadro 14 – Opinião do editor/ diretor dos jornais

Título	Conta com Editorial?	Coluna de opinião do editor/ jornalista do impresso?
Momento	Sim	Sim
Diário Gazeta	Não	Não
Costa do Mar e Serra	Não	Não
Rota do Mar	Sim	Sim
A Folha	Sim	Sim
Jornal do Mar	Não	Sim
Jornal da Cidade	Não	Não
O Fato em Foco	Não	Sim
Litoral Norte	Não	Não
Litoral Notícias	Sim	Não
A Folha do Litoral	Sim	Não
Jornal de Capão	Não	Não
Capital das Praias	Sim	Não
Dimensão	Sim	Sim
Bons Ventos	Sim	Não
Revisão	Sim	Não
Comunidade em Ação	Sim	Não
Maré Cheia	Não	Sim
O Marisco	Sim	Sim
A Tribuna do Litoral	Sim	Não
Balneário Pinhalense	Sim	Não
Folha Popular	Não	Sim
Integração	Sim	Não
Jornal de Arroio do Sal	Sim	Não
O Boto	Não	Sim
Terceira Página	Sim	Não
TOTAL JORNAIS	15	9

Fonte: SANTOS (2013)

5.2.6 Colunistas, articulistas, cronistas...

Percebe-se a presença de dezenas de colunistas figurando nos jornais do Litoral Norte, sendo que nenhum dos impressos exclui completamente estes textos de caráter opinativos de sua pauta. Tratam-se de pessoas que, em sua maioria, pertencem a região onde os jornais circulam, amplificam sua opinião para o público leitor destes impressos, e permitem a pluralidade de opiniões sobre temas diversos a partir da ótica do cidadão local.

Não li todas estas crônicas/artigos/colunas assinadas, mas dentre as que li percebi colunas opinativas maçantes, mal escritas e pouco enriquecedoras, enquanto outras tantas eram boas, bem escritas, gerando debate e ideias, momentos criativos e úteis. Também notei alguns textos

que não me pareciam opinativos, que por vezes mixavam-se com o conceito de crônica, com o contar de uma história. Outros tantos, apesar do formato usual de uma coluna assinada, eram mais reprodutores de notas curtas de tendência noticiosa, versando sobre diversos assuntos: anúncio de eventos, noticiário local e regional, culinária, saúde, coluna social, esportes, cultura, religião, etc.

Por isso, contabilizaremos, para a análise deste item, aqueles textos de indivíduos que percebi como colunistas, articulistas ou cronistas, que assinam seus nomes em algum texto de caráter opinativo do jornal – na grande maioria dos casos em uma coluna ou *box*, fechados na página por uma margem ou linhas. Eles serão catalogados juntamente, porque nem sempre fica clara a distinção feita por alguns dos impressos em relação a estas três categorias (ao menos não para mim), e para simplificar serão intitulados simplesmente como **colunistas**, autores de **colunas**. Excetuam-se as colunas opinativas escritas pelos diretores/ editores dos jornais, já analisadas no item anterior deste trabalho.

No total, foram contabilizadas 250 colunas assinadas em todo o corpus analisado no trabalho (66 exemplares), o que significa uma média geral - entre os 26 impressos do Litoral Norte - de 3,78 colunistas por edição. Os jornais que apresentam maior número de colunas por edição são o **Jornal do Mar** (Torres), e o **Tribuna do Litoral** (Balneário Pinhal) com um total de 19 colunistas em 2 edições, uma média de 10,5 presenças por edição. Entretanto, enquanto o jornal do mar teve 56 páginas analisadas, o Tribuna do Litoral teve apenas 24, sendo este um jornal cujo enfoque principal está focado mais nos seus colunistas do que nas suas notícias.

Os assuntos das colunas são os mais variados, mas percebe-se a maior tendência para os temas política, esportes, crônicas sobre o cotidiano, cultura e entretenimento, saúde, religião e psicologia, além das famosas Coluna Sociais - com fotos de pessoas locais e um curto texto explicando as razões para sua aparição nos jornais. Mas dentre todas estas colunas opinativas, percebe-se pouca reflexão sobre os temas locais, sendo que menções aos assuntos regionais ou locais aparecem em apenas 67 (26,7%) das colunas – sendo que quase metade destas (31) é referente a Coluna Social.

Quadro 15 – Presença de colunas opinativas nos jornais

Título	Município	Total de páginas analisadas	Número de colunistas/ articulistas/ cronistas	Colunas de enfoque local
Momento	Osório	80	10	4
Diário Gazeta	Torres	60	7	4
Costa do Mar e Serra	Capão da Canoa	48	26	5
Rota do Mar	Osório	32	3	2
A Folha	Torres	56	8	0
Jornal do Mar	Torres	56	19	4
Jornal da Cidade	Torres	40	13	5
O Fato em Foco	Torres	64	16	2
Litoral Norte	Torres	24	2	0
Litoral Notícias	Tramadaí	36	2	0
A Folha do Litoral	Capão da Canoa	80	18	5
Jornal de Capão	Capão da Canoa	40	2	1
Capital das Praias	Tramadaí	24	10	0
Dimensão	Tramadaí	48	5	1
Bons Ventos	Osório	32	11	3
Revisão	Osório	32	10	4
Comunidade em Ação	Cidreira	24	4	0
Maré Cheia	Cidreira	24	11	4
O Marisco	Cidreira	24	12	4
A Tribuna do Litoral	Balneário Pinhal	24	19	7
Balneário Pinhalense	Balneário Pinhal	24	14	6
Folha Popular	Palmares do Sul	32	13	5
Integração	Capivari do Sul	16	5	4
Jornal de Arroio do Sal	Arroio do Sal	20	4	0
O Boto	Imbé	24	4	0
3ª Página	Imbé	16	2	1
TOTAL GERAL			250	
MÉDIA GERAL			3,78	

Fonte: SANTOS (2013)

5.3 CONSUMO

Na questão do consumo, foram verificados 3 pontos principais, pensando pelo prisma de que os jornais são consumidos pelos seus leitores e anunciantes: 1) O visual dos jornais –a partir da análise das capas; 2) sua relação com a publicidade; 3) sua presença na internet e popularidade as redes sociais.

5.3.1 Análise das capas

Ao analisarmos as capas dos 26 jornais do Litoral Norte, podemos elencar três pontos importantes: 1) Apenas 3 (11,5%) dos impressos não apresentam cores em sua capa; 2) Tratam-se de veículos com propostas gráficas, no geral, diferentes umas das outras; 3) a maioria das capas apresenta um visual supersaturado - seja pelo excesso de cores e anúncios publicitários ou pela má disposição dos textos e fotos – tornando difícil estabelecer uma hierarquia visual, uma vez que muitos elementos da página disputam a atenção visual do leitor.

As figuras a seguir mostram a saturação de elementos visuais em capas de 8 dos jornais analisados: **Litoral Notícias** (Tramandaí), **A Tribuna do Litoral** (Balneário Pinhal), **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa), **Maré Cheia** (Cidreira) **Fato em Foco** (Torres) **Capital das Praias** (Tramandaí), **Litoral Norte** (Torres) e **Jornal do Mar** (Torres). A capa do quinzenal **Maré Cheia** no dia 03/09 (figura 7) foi escolhida pelo autor desta monografia como a mais poluída entre todas, contando com um total de 11 anúncios publicitários, 8 manchetes secundárias (com 6 minúsculas fotos dos colunistas) e uma manchete principal com 6 pequenas fotos (4 delas com legendas sobrepostas) Além do nome do jornal. Ou seja, 25 elementos visuais disputando a atenção do leitor.



Figura 4 – Capa do Litoral Notícias (09/08/2013)



Figura 5 – Capa do A Tribuna do Litoral (10/08/2013)



Figura 6 – Capa do Costa do Mar e Serra (04/10/2013)



Figura 7 – Capa do Maré Cheia (03/08/2013)



Figura 8 – Capa do Fato em Foco (09/08/2013)



Figura 9 – Capa do Litoral Norte (03/08/2013)



Figura 10 – Capa do Capital das Praias (09/08/2013)



Figura 11 – Capa do Jornal do Mar (04/10/2013)

Somando-se os anúncios publicados em todas as 66 capas dos jornais do Litoral Norte – sem, entretanto, ater-se ao tamanho dos mesmos - temos um total de 304 anúncios publicitários, o que corresponde a uma média de 4,6 anúncios por capa. E no somatório e divisão de todas as capas analisadas, temos que a média de ocupação das capas com publicidade é de aproximadamente 38,8% nos jornais da região. Nota-se, com isso, que a grande exploração das capas com intuito comercial é uma realidade para a maioria dos jornais do Litoral Norte.

Em alguns casos, as capas são tão saturadas por anúncios que ficamos em dúvida se o que temos em mãos é realmente um jornal informativo ou um panfleto publicitário. Os jornais que tem maior espaço ocupado por publicidade são os semanários **Litoral Norte** e **Fato em Foco**, de Torres, e o **Litoral Notícias**, de Tramandaí, todos com 9 ou mais anúncios na capa, os quais ocupam cerca de 70% de área. Além destes, vale destacar ainda o jornal **Comunidade em Ação**, de Cidreira, que possui respectivamente 14 e 18 pequenos anúncios nas duas edições analisadas, embora eles ocupem pouco mais de 50% das capas.

Entretanto, também podemos apontar algumas “exceções à regra” de supersaturação, tão presentes nos jornais do Litoral Norte – principalmente pela exploração da publicidade na capa dos impressos. Destacamos, nas figuras a seguir, 6 exemplos que consideramos melhores resolvidos dentre capas analisadas dos impressos da região.



Figura 12 – Capa de A Folha do Litoral (03/10/2013)



Figura 13 – Capa do 3ª Página (03/10/2013)

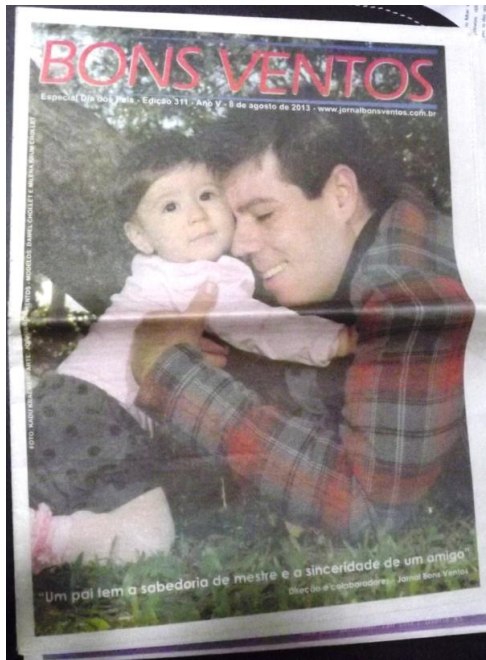


Figura 14 – Capa do Bons Ventos (09/08/2013)



Figura 15 – Capa Jornal de Arroio do Sal (09/08/2013)



Figura 16 – Capa do Revisão (04/10/2013)



Figura 17 – Capa da Folha Popular (04/10/2013)

Os jornais **Bons Ventos** e **Revisão**, de Osório, e o jornal **3ª Página**, de Imbé, são os únicos a não apresentarem qualquer anúncio em suas capas, sendo ainda capas que se destacam positivamente entre os jornais do Litoral Norte na questão visual. Na figura 14, podemos ver que o **Bons Ventos** inovou em relação aos jornais do Litoral Norte, prestando uma homenagem ao Dia dos Pais a partir de uma grande foto, que ocupa literalmente toda a capa.

Também merece destaque o único diário da região, o jornal **Momento**, de Osório, que apresenta, em 8 das 10 capas analisadas apenas um pequeno anúncio em cada, que ocupa cerca de 8% da página. Além destes, o **Jornal de Arroio do Sal** (figura 15) tem menos de 15% de suas capas ocupadas com publicidade, sendo que as mesmas se aproveitam dos “brancos” da página para dar-lhe um aspecto visual mais limpo. A capa da **Folha Popular** (Palmares do Sul) também foi destacada positivamente em referência do impacto que há – conforme vemos na figura 17 - na integração da foto com a única manchete, “A volta da Estrada do Inferno”, que noticia as más condições da rodovia RSC -101 (e a matéria parece ter surtido resultado, pois quando o autor desta monografia passava pela RSC - 101 – 3 dias após a publicação do jornal – haviam trabalhadores tapando buracos na rodovia).

Dentre todos os exemplares analisados, o autor desta monografia considerou **A Folha do Litoral** (figura 12), de Capão da Canoa, como o jornal que possui a melhor capa, conseguindo conciliar bem – a partir de harmonia nas cores, boa utilização de recursos gráficos e disposição equilibrada entre os elementos – as manchetes, fotos e anúncios da página.

Enfim, o quadro 16 faz uma relação entre os exemplares analisados e a ocupação de suas capas por anúncios publicitários.

Quadro 16 – Ocupação das capas com publicidade

Título	Número de edições analisadas	Total de Anúncios nas capas	% média de ocupação da capa por anúncios
Momento	10	12	13%
Diário Gazeta	05	19	47%
Costa do Mar e Serra	04	28	60%
Rota do Mar	04	25	50%
A Folha	02	06	45%
Jornal do Mar	02	16	55%
Jornal da Cidade	02	17	62%
O Fato em Foco	02	18	70%
Litoral Norte	02	18	70%
Litoral Notícias	02	21	70%
A Folha do Litoral	02	06	15%
Jornal de Capão	02	07	24%
Capital das Praias	02	18	50%
Dimensão	02	06	20%
Bons Ventos	02	00	0
Revisão	02	00	0
Comunidade em Ação	02	32	57%
Maré Cheia	02	19	52%
Marisco	02	07	22%
A Tribuna do Litoral	02	19	60%
Balneário Pinhalense	02	03	22%
Folha Popular	02	13	35%
Integração	02	04	25%
Jornal de Arroio do Sal	02	04	15%
O Boto	02	12	60%
3ª Página	01	00	0
TOTAL GERAL	66	304	-
MÉDIA GERAL	-	4,6	38,8%

Fonte: SANTOS (2013)

5.3.2 Publicidade na contracapa

Nas contracapas, a situação não é muito diferente da que acontece nas capas. Temos 287 anúncios publicitários em um total de 66 contracapas, numa média geral de 4,34 anúncios por página. Estes anúncios ocupam, numa média percentual geral, cerca de 58,6% da contracapa dos jornais no Litoral Norte. Cinco das publicações apresentam 100% das suas contracapas

preenchida por publicidade, mas a forma estabelecida para esta ocupação varia de um jornal para o outro. O **Fato em Foco (Torres)**, e o **Litoral Notícias (Tramandaí)** possuem a contracapa tomada por 8 anúncios, médios ou pequenos, destacando ainda mais a vocação para a publicidade nestes veículos – que já tinham as capas mais saturadas com publicidade. Já a **Folha Popular** (Palmares do Sul) conta com 4 e 5 anúncios médios ocupando 100% das duas contracapas analisadas, e o **Rota do Mar** (Osório) tem, além de vários anúncios pequenos, matérias de evidente caráter publicitário preenchendo a contracapa. O jornal **A Folha** (Torres) também conta com 100% da contracapa ocupada com publicidade, mas esta página é preenchida por apenas 1 grande anúncio, de empreendimento imobiliário local.

Além destas publicações, o **Capital das Praias** (Tramandaí), o **Bons Ventos** (Osório) e duas das quatro edições analisadas do **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa) possuem 90% de suas contracapas ocupadas por publicidade, e no **Jornal do Mar** (Torres), **Litoral Norte** (Torres), **Jornal da Cidade** (Torres) e **Tribuna do Litoral** (Balneário Pinhal) temos cerca de 80% da contracapa preenchida por anúncios.

No lado oposto da tabela, está o estreante jornal **3ª Página** (Imbé), que não possuía qualquer anúncio na contracapa. Já o **Comunidade em Ação** (Cidreira) tem apenas um pequeno anúncio em uma das contracapas, que ocupa menos de 10% da página, mesma situação de 7 dos 10 exemplares do **Momento** (Osório).

Quadro 17 – Ocupação das contracapas com publicidade

	Número de edições analisadas	Total de Anúncios Na Contracapa	% media de anúncios na contracapa
Momento	10	13	15%
Diário Gazeta	05	21	56%
Costa do Mar e Serra	04	33	65%
Rota do Mar	04	27	100%
A Folha	02	02	100%
Jornal do Mar	02	08	82%
Jornal da Cidade	02	09	80%
O Fato em Foco	02	16	95%
Litoral Norte	02	09	77%
Litoral Notícias	02	14	100%
A Folha do Litoral	02	04	50%
Jornal de Capão	02	11	65%
Capital das Praias	02	12	90%
Dimensão	02	05	20%
Bons Ventos	02	08	90%
Revisão	02	00	
Comunidade em Ação	02	01	7%
Maré Cheia	02	23	63%
O Marisco	02	10	40%
A Tribuna do Litoral	02	26	80%
Balneário Pinhalense	02	18	60%
Folha Popular	02	09	100%
Integração	02	03	27%
Jornal de Arroio do Sal	02	05	18%
O Boto	02	06	20%
3ª Página	01	0	0
TOTAL	66	287	
		4,34	58,6%

Fonte: SANTOS (2013)

5.3.3 Publicidade e homenagem no Dia dos Pais

Durante o primeiro período de análise dos impressos – a semana entre o dia 03/08 e 09/08 – faltavam poucos dias para a comemoração do Dia dos Pais (que ocorreu em 2013 no dia 11 de agosto). E notou-se que muitos jornais do Litoral Norte aproveitaram a proximidade da data para prestar homenagem aos pais e, ao mesmo tempo, utilizar comercialmente a data. Em 6 (24%) dos

25 impressos analisados⁴¹, o Dia dos Pais foi manchete de capa. No jornal **Revisão** (Osório), houve grande destaque para a data, sendo que a capa deste impresso estava quase totalmente ocupada por uma foto de um pai (vestindo uma camiseta do Grêmio) com seu filho e o título “Feliz Dia dos Pais”, além de uma mensagem aos pais e três pequenas chamadas para outras matérias. O **Bons Vento** (Osório) foi ainda mais longe: não havia qualquer anúncio ou outra manchete para rivalizar com a foto de um feliz pai com sua filha ainda bebê, ocupando a página inteira, sendo que até a chamada para o Dia dos Pais foi suprimida (valendo-se do ditado que uma foto vale mais que mil palavras).

O **Bons Ventos**, no interior do seu impresso, ainda dedicou 2 belas matérias de caráter humano aos pais, bem escritas. No total, 4 jornais (16%) do Litoral Norte aproveitaram a data para escrever matérias relacionadas ao Dia dos Pais. Houve ainda 6 (24%) impressos que continham colunas opinativas ou editoriais lembrando-se do feriado. Além disso, a ocasião foi suficiente para inflar as colunas sociais com fotos de pais das cidades onde cada publicação circulava. Homenagens com fotos estiveram presentes em 13 (52%) dos impressos. Na maioria dos casos eram poucas fotos – entre 1 e 5. Mas no então trissemanal - que após passou a ser bissemanal - **Diário Gazeta** (Torres), houve 3 páginas com 30 fotos de pais da cidade e região, e mais 3 fotos que, além homenagear os pais, prestavam homenagem as suas empresas.

Aliás, esta criativa solução – de homenagear pais e empresas em um mesmo espaço (ou anúncio) – aconteceu em 7 jornais (28%), sendo que o **Jornal do Mar** (Torres), o **Litoral Notícias** e o **Capital das Praias** (ambos de Tramandaí) fizeram alto uso da técnica. Cada um destes 3 impressos publicou mais de 27 homenagens/ anúncios em seus jornais, ação que certamente aumentou a publicidade e gerou um oportuno lucro para estes veículos. Houve ainda 5 (20%) impressos que continham mensagens aos pais fabricadas por políticos locais – com destaque mais uma vez para o **Litoral Notícias**, que conteve boa parte de sua edição explorada comercialmente pela passagem data – e 12 (48%) jornais continham anúncios publicitários especialmente elaborados para a data. No final das contas, apenas 5 (20%) das publicações não continham qualquer menção a data (sendo que 4 destes eram quinzenais e circulavam desde a semana anterior ao dia dos pais).

⁴¹ lembrando que, na data, o jornal 3ª Página, de Imbé, ainda não existia, e que não conseguimos dados sobre o Correio de Caraá.

Quadro 18 – Homenagens e publicidade relativa ao Dia dos Pais

NOME DO JORNAL	Capa Dia dos Pais	Matéria sobre Dia dos Pais	Opinião sobre Dia dos Pais	Homenagem dia dos Pais - Com foto	Homenagem dia dos pais - Com fotos e ligado a empresa	Homenagem Dia dos pais – fabricadas por personalidades políticas	Anúncio Pelo Dia dos pais
Momento	Sim	x	x	5	x	x	2
Diário Gazeta	x	x	x	30	3	x	x
Costa do Mar e Serra	x	x	x	x	x	x	1
Rota do Mar	x	x	1	1	x	x	x
A Folha		1	x	1	x	x	3
Jornal do Mar	x	x	1	4	32		x
Jornal da Cidade	x	x	x	5	x	x	3
O Fato em Foco	x	x	x	2	x		2
Litoral Norte	x	x	x	1	x		1
Litoral Notícias	Sim	x	x	1	27	9	7
A Folha do Litoral	x	x	1	x	x	x	2
Jornal de Capão	x	x	x	x	x	x	x
Capital das Praias	Sim	x	1	x	29	x	1
Dimensão	x	1	x	x	x	x	x
Bons Ventos	Sim	2	x	x	3	4	2
Revisão	Sim	x	1	19	3	x	x
O Marisco	x	x	x	x	x	x	x
Comunidade em Ação	x	x	x	x	x	x	x
Maré Cheia	x	x	x	x	x	x	x
A Tribuna do Litoral	x	x	1	1	1	2	x
Balneário Pinhalense	Sim	1	x	2	x	4	x
Folha Popular	x	x	x	1	x	x	1
Integração	x	x	x	x	x	7	2
Jornal de Arroio do Sal	x	x	x	x	x	x	x
O Boto	x	x	x	x	x	x	x
Total do item	-	5	6	68	98	26	25

(x) Sem dados significativos

5.3.4 Análise geral da publicidade

Por uma questão de falta de capacidade de organização - e também falta de tempo- não foi realizado um quadro geral catalogando a publicidade dos jornais do Litoral Norte quanto ao número de anúncios e seus tamanhos. Entretanto, a imersão do autor desta monografia no estudo destes impressos permite afirmar que, no geral, os jornais do Litoral Norte contam com bom número de anunciantes, principalmente as cidades litorâneas – que possuem uma estrutura de comércio e serviços maior (em decorrência da estruturação para o intenso turismo de veraneio) que a das cidades da região localizadas próximo a serra, de caráter mais rural. A maioria dos anúncios publicitários são pequenos – menores do que 1/8 de página – e há ainda a presença de publicações oficiais - os editais públicos de prefeituras, câmaras de vereadores, poder judiciário e executivo estadual – que aparecem em 12 dos impressos (46,1%).

Por ser a cidade com maior numero de publicações - sendo que todas estas estão muito bem nutridas com publicidade – Torres é o município que tem a maior quantidade de anunciantes, sendo que destacam-se os anúncios imobiliários – bem mais presentes nesta cidade do que em todas as outras da região. Observamos o exemplo do **Jornal do Mar** (Torres) quanto à presença de anúncios, pois este é um dos que mais capta publicidade para suas páginas entre as publicações do Litoral Norte. Temos um total de 103 anúncios publicitários vinculados à iniciativa privada nas 52 páginas interiores analisadas – além de outros 24 na capa e contracapa. A maioria destes anúncios é pequena, sendo menor do que 1/8 de página. Há, entretanto, um anúncio de página inteira, e outros 9 de meia página.

Além disso, o material analisado do Jornal do Mar possui 21 anúncios-editais vinculados ao poder público da região de Torres ou ao poder judiciário, que ocupam cerca de 6 das páginas analisadas (10,8% do jornal). Na primeira edição analisada (referente à semana de 02/08 a 09/08), constam ainda 32 homenagens ao Dia dos Pais que vinculam pessoas a empresas, homenagens estas que podem ter sido pagas ou não. No total, contabilizamos a presença de 180 itens que geram (ou devem gerar) receitas publicitárias ao Jornal do Mar.

5.3.5 Os sites dos jornais impressos do Litoral Norte

Dentre as 27 publicações analisadas, apenas 9 (33%) não possuem sites próprios, a constar: **Fato em Foco e Litoral Norte** (Torres), **Jornal de Capão** (Capão da Canoa), **Capital das Praias** (Tramandaí), **A Tribuna do Litoral**, (Balneário Pinhal), **Folha Popular** (Palmares do Sul) **Jornal de Arroio do Sal** (Arroio do Sal), **Folha de Caraá** (Caraá) e **O Boto** (Imbé). Porém, dentre os sites relacionados aos jornais impressos do Litoral Norte, muitos apresentam problemas sérios, ou são insuficientes na missão de bem divulgar a ideologia de seus veículos midiáticos. Outros ainda são irrelevantes, atualmente existindo por nenhuma razão maior do que simplesmente existir no mundo virtual.

Para a análise deste item, primeiramente, deve-se constatar-se que os sites do **Dimensão** (Tramandaí) e do **Marisco** (Cidreira) não estão funcionando, sendo que a tentativa de acessar qualquer um dos links vinculados a estas páginas é infrutífera. Já o **Bons Ventos** (Osório) possui domínio de um site na internet, porém o site está em construção, não havendo qualquer informação no mesmo. Assim, temos 15 sites que estão em funcionamento entre os jornais analisados no Litoral Norte⁴².

Dentre estes, se percebe recorrente a disponibilização da última edição do jornal impresso para leitura online – geralmente no formato PDF - o que vem ocorrendo regularmente em 7 (46,6%) dos sites em funcionamento dos veículos analisados. Neste quesito, merecem destaque o **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa) e o **Jornal do Mar** (Torres) que não apenas disponibilizam o jornal online, mas também contam com links fornecendo acesso para todas as edições dos seus impressos nos últimos anos.

Outro fato importante de ser analisado é a boa presença de anúncios publicitários inseridos nos sites dos jornais impressos do Litoral Norte, o que acontece em 9 (60%) dos 15 sites em funcionamento. Dentre estes, os que contam com maior número de anúncios em suas páginas são o **Jornal da Cidade** (Torres), com 19 anúncios, o **Integração** (Capivari do Sul), com 12 anúncios, e o **Litoral Notícias** (Tramandaí), com 9 anúncios.

No quesito atualização, percebe-se que, dentre os sites que funcionam, há 6 páginas (40%) que não tem novas informações há, no mínimo, 20 dias, sendo que os jornais **Comunidade em Ação** (Cidreira) e **Balneário Pinhalense** (Balneário Pinhal) não são

⁴² Os dados foram tomados com base nos acessos do dia 12 nov. 2013

atualizados há 2 meses⁴³, e o **Maré Cheia** (Cidreira) está há no mínimo 7 meses sem atualização. Estes 3 sites, inclusive, não apresentam qualquer notícia relativa aos seus municípios em suas páginas, as quais estão incompletas e não apresentam informação sobre seus municípios ou seus veículos, sendo quase totalmente irrelevante sua existência.

A partir de então, temos apenas 9 sites relacionados aos impressos do Litoral Norte que estão em funcionamento e são atualizados regularmente. E dentre estes, há 3 (33%) que não podem ser caracterizados como portais de notícias – **Litoral Notícias** (Tramandaí), **Costa do Mar e Serra** (Capão da Canoa) e **Jornal do Mar** (Torres) Isso porque não disponibilizam links para leitura de notícias, uma vez que seus sites servem primordialmente para passar informações gerais sobre o veículo de comunicação e disponibilizar o jornal impresso para leitura online.

Finalmente, conclui-se que apenas 6 (40%) dos 15 sites em funcionamento no Litoral Norte são regularmente atualizados e constituem-se efetivamente como portais de notícias locais e regionais. Dentre estes, destaque para os jornais **A Folha** (Torres), **Integração** (Capivari do Sul) **A Folha do Litoral** (Capão da Canoa) e **3ª Página** (Imbé), que são atualizados 3 vezes por semana ou mais. O quadro 19 faz um balanço sobre a situação dos sites no Litoral Norte do RS quanto à disponibilização ou não de links para a leitura de notícias, jornal impresso para leitura online e frequência de atualização.

⁴³ A frequência de atualização dos sites foi tomada com base no dia 14 nov. 2013

Quadro 19 – Situação dos sites de jornais impressos do Litoral Norte

Título	Município	Possui site?	Links para a leitura de notícias?	Frequência de atualização	Possui jornal impresso para leitura online?
Diário Gazeta	Torres	http://www.diariogazeta.com.br/portal/	Sim	20 dias sem atualizar	Não
Costa do Mar e Serra	Capão Da Canoa	http://www.jornalcostadomar.ors.com.br	Não	bissemanal	Sim (todos jornais desde 2009)
Rota do Mar	Osório	http://www.jornalrotadomar.com.br/	Sim	25 dias sem atualizar	Não
A Folha	Torres	www.afolhatorres.com.br	Sim	3 vezes por semana ou mais	Sim (última edição)
Jornal do Mar	Torres	http://www.jornaldomar.com/	Não (apenas manchetes)	semanal	Sim (Todas as edições dos últimos anos)
Jornal da Cidade	Torres	http://www.jctorres.com.br/jornal/	Sim	semanal	Sim (última edição)
O Fato em Foco	Torres	Não possui	x	x	x
Litoral Norte	Torres	Não possui	x	x	x
Litoral Notícias	Tramandaí	http://www.lnjornal.com.br/	Não	semanal	Sim (última edição)
A Folha do Litoral	Capão Da Canoa	http://gm10.com.br/site/	Sim (formato Portal)	3 vezes por semana ou mais	Sim
Jornal de Capão	Capão Da Canoa	Não possui	x	x	x
Terceira Página	Imbé	http://terceirapagina.com/	Sim (formato Portal)	3 vezes por semana ou mais	Sim
Capital das Praias	Tramandaí	Não possui	x	x	
Dimensão	Tramandaí	http://www.jornaldimensao.com.br/	Não (Site não funciona)	indefinido	x
Bons Ventos	Osório	http://www.jornalbonsventos.com.br/	Não (Site em construção)	x	x
Revisão	Osório	http://www.jornalrevisao.com.br/	Sim	2 vezes por semana	Sim (última edição)
Momento	Osório	http://www.radiomomento.com.br/	Não (apenas manchetes)	15 dias sem atualizar	Sim (Não atualizado há 15 dias // edições dos últimos anos)
O Marisco	Cidreira	http://www.omarisco.com.br/	Não (site não funciona)	x	x

Quadro 19 – Situação dos sites de jornais impressos do Litoral Norte (Cont.)

Título	Município	Possui site?	Links para a leitura de notícias?	Frequência de atualização	Possui jornal impresso para leitura online?
Comunidade em Ação	Cidreira	http://www.jornalismocomunidade.com.br/	Sim (poucas)	2 meses sem atualização	Não
Maré Cheia	Cidreira	http://www.jmarecheia.com.br/	não	7 meses sem atualização	Não
A Tribuna do Litoral	Balneário Pinhal	Não possui	x	x	x
Balneário Pinhalense	Balneário Pinhal	http://jornalpinhalense.com.br/	Não (há apenas espaço para comentários)	2 meses sem comentários	Não
Folha Popular	Palmares Do Sul	Não possui	x	x	x
Integração	Capivari Do Sul	http://www.integracaonoticias.com.br/	Sim (formão Portal)	3 vezes por semana ou mais	Sim (Não atualizado há 11 meses)
J. Arroio do Sal	Arroio Do Sal	Não possui	x	x	x
O Boto	Imbé	Não possui	x	x	x

(x) sem informações

5.3.6 Presença e popularidade dos jornais no Facebook

Analisando a presença dos jornais na rede social Facebook, constatamos que 12 dos jornais apresentam páginas dedicadas ao seus jornais nesta rede social. Destes, os jornais **Bons Ventos** (Osório) e **Litoral Norte** (Torres) são os que contam com maior números de “likes” (curtidas) em suas páginas – com respectivamente 718 e 701 likes (até 12 de novembro de 2013).

Além disso, outros 4 jornais decidiram criar um perfil para seus veículos locais de comunicação (ao invés de uma página), sendo que fica difícil definir o *feedback* do público em relação a popularidade destes jornais no meio online.

Também percebeu-se que apenas 5 (31,6%) dos 16 jornais impressos do Litoral Norte, que utilizam o Facebook, atualizam com boa frequência – ao menos 3 vezes por semana - as informações de suas páginas. Estes sites e páginas são alimentados com *posts* de notícias próprias dos veículo e com informações compartilhadas com (e por) outros usuários da rede social. A presença da publicidade também ocorre no Facebook dos jornais do Litoral Norte.

Quadro 20 – presença dos jornais no Facebook

NOME DO JORNAL	Possui página no Facebook?	Possui perfil no Facebook?	Ultima postagem ⁴⁴	total de Likes
Diário Gazeta	-	Sim	Há 3 dias	-
Costa do Mar e Serra	Sim	-	Nunca	31
Rota do Mar	-	sim	Há um mês	-
A Folha	sim	-	No dia	402
Jornal do Mar	sim	-	Há um meses	126
Jornal da Cidade	sim	-	Há 10 dias	636
O Fato em Foco	-	sim	No dia anterior	-
Litoral Norte	Sim	-	No dia	701
Litoral Notícias	-	-	-	
A Folha do Litoral	-	sim	Há 5 meses	-
Jornal de Capão	-	-	-	-
Terceira Página	sim	-	No dia anterior	455
Capital das Praias	-	-	-	-
Dimensão	-	-	-	-
Bons Ventos	sim	-	No dia	718
Revisão	sim	-	Há 5 dias	251
Momento	sim	-	Há 10 meses	409
O Marisco	sim	-	Há 10 dias	320
Comunidade em Ação	sim	-	Há 3 meses	100
Maré Cheia	sim	-	Nunca	29
Tribuna do Litoral	-	-		-
Balneário Pinhalense	sim	-	Há 5 meses	146
Folha Popular	-	-	-	-
Integração	sim	-	Há 5 meses	-
Jornal de Arroio do Sal	-	-	-	-
Correio de Caraá	Sim		-	16
O Boto	-	-	-	-
TOTAL JORNAIS	16	4		

(-) não possui

⁴⁴ Idem

6 CONCLUSÃO

Após a realização desta monografia, me convenci ainda mais da importância do trabalho estabelecido pelos órgãos de imprensa local. Com a análise do referencial teórico sobre jornalismo local, passei a sustentar com mais força a ideia de que a realidade da imprensa brasileira reside nos pequenos jornais e rádios locais, que são milhares contra apenas algumas dezenas de jornais efetivamente regionais e uns poucos jornais das grandes famílias e redes de emissoras de rádio e TV.

Em um estado da dimensão do Rio Grande do Sul, com seus cerca de 11 milhões de habitantes e quase quinhentas cidades, são os jornais e rádios locais que assumem a missão de informar os cidadãos sobre o que acontece, o que é notícia e o que gera debate na maioria dos municípios. Existem nas pequenas cidades do estado centenas de jornais e rádios locais, e novos veículos de comunicação emergem desses municípios com frequência.

São meios de comunicação que se espalham com o intuito de amplificar a divulgação de informação local, e que se veem com maiores possibilidades de fazer concorrência à grande mídia com o advento da internet. Mas são também produtos que servem aos seus realizadores como instrumento na busca do lucro. Isto porque os responsáveis por estes veículos de comunicação são também “jogadores”, que pretendem se enquadrar em nosso contemporâneo modo de produção capitalista, embora - pelo ponto de vista econômico - estejam à margem dos grandes conglomerados de comunicação.

Analisaram-se nesta monografia as características dos jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, microrregião com 20 municípios situados entre a orla litorânea e o pé da Serra Geral no estado, com população de cerca de 300 mil habitantes (2011). Trata-se da região que, segundo o IBGE, teve o maior crescimento populacional relativo nos últimos 10 anos no RS. E a crescente urbanização do Litoral Norte coincide com a fragmentação do seu território: até 1965, a região era constituída por três municípios, e atualmente são 20 municípios.

A especificidade do Litoral Norte em relação ao Rio Grande do Sul é dada pelo caráter sazonal de sua atividade principal - o turismo e o veranismo - que se desenvolve nos meses de verão (dezembro a março). A existência de uma população permanente se encontra concentrada em Torres, Capão da Canoa e Tramandaí e Osório. O turismo traz para as praias da orla litorânea gaucha uma população flutuante, que enche as praias e impacta significativamente na economia

da região. Entretanto, o Litoral Norte tem características que vão muito além do turismo de veraneio.

Para o futuro, o COREDE – Litoral Norte aponta que a região se fortalecerá como região de referência para qualidade de vida com fixação de residência, especialmente para os idosos. Também há planejamento estratégico para que o turismo do Litoral Norte torne-se mais diversificado (intensificando o turismo rural, ambiental, de aventura e de eventos) para que esta atividade possa ocorrer durante todo ano o ano, ao invés de depender fortemente do turismo de verão, como na atualidade. A construção civil encontra-se em franca expansão, principalmente nas cidades junto à orla. Na agricultura – vocação principal de diversas cidades não litorâneas da região (como Palmares do Sul, Três Cachoeiras e Maquiné) destaca-se a substancial presença de pequenos produtores focados em produtos orgânicos, sem agrotóxicos. Há ainda a possibilidade dos eficientes, rentáveis e sustentáveis parques de Energia Eólica, que atualmente já geram excelentes divisas financeiras ao Litoral Norte.

É neste contexto que estão incluídos os 27 jornais, de caráter noticioso e propagadores da informação local, que foram analisados neste trabalho. Dividem-se por 11 dos 20 municípios da região, sendo que as cidades localizadas junto à orla litorânea possuem a maioria dos impressos, enquanto que nas cidades localizadas ao “pé da serra” - menores no âmbito populacional e de vocação primordialmente agrícola – os jornais impressos são raros ainda.

Se mostrou importante a articulação com a vertente crítica da Economia Política da Comunicação, que dedica-se a estudar os processos de produção, distribuição e consumo dos produtos comunicacionais e culturais no capitalismo contemporâneo. Foi a partir deste pressuposto que estabeleceu-se o estudo descritivo deste trabalho.

Dentre as publicações analisadas, percebeu-se que há uma grande diferença em relação ao tratamento da informação contida nos heterogêneos impressos do Litoral Norte, que vão aos extremos tanto nos processos de produção quanto na circulação e formas de consumo.

Primeiramente, conclui-se que os jornais do Litoral Norte são de periodicidade predominantemente semanal (16 dos jornais, ou 59,3%), e que possuem entre 8 e 40 páginas por edição. Quanto a tiragem dos Jornais do Litoral Norte, percebeu-se que apenas 10 (38,4%) das 26 publicações analisadas estipulam o número de jornais impressos por edição. Dentre estes, as tiragens mensais variam muito: enquanto **A Folha** (Torres) tem entre 2.800 e 6.000 exemplares

mensais, o diário **Momento** (Osório) imprime 60.000 exemplares mensais, uma diferença drástica entre o jornal de maior e menor número de exemplares impressos.

Já na questão área abrangência, a maioria dos impressos da região não estipula claramente se alcança outras cidades além do município sede. Em 11 das publicações analisadas (42,3%), consta apenas o nome do município onde o jornal tem sede, seja no expediente ou nas capas dos mesmos. Porém, em cinco dos jornais analisados (19,2%), a área de abrangência informada é de 8 municípios ou mais, com destaque para o **Costa do Mar e Serra** e **A Folha do Litoral** (ambos de Capão da Canoa) - que dizem circular em 12 cidades da região - e para o **Jornal do Mar** (Torres), que informa 11 municípios os quais jornal supostamente abrange.

Tanto no quesito tiragem quanto área de circulação, há um problema a ser destacado: a inexistência de auditoras que avaliem a o número de exemplares impressos pelos veículos, as cidades pelas quais a publicação efetivamente circula e de que forma ela circula. Nenhum dos jornais do Litoral Norte passou por auditoria do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) - responsável por verificar a tiragem e circulação - e por isso fica difícil confirmar a veracidade das informações apresentadas pelos impressos analisados, no que se refere a estes dois itens.

Mas a partir do conhecimento prévio do autor deste trabalho quanto ao meio jornalístico do Litoral Norte, e a partir da compilação de informações coletadas nesta monografia, parece ser prática corriqueira para alguns veículos exagerar tanto em relação à tiragem quanto a área de circulação. Uma distorção da realidade por alguns impressos, que buscam “impressionar” eventuais leitores/clientes a fim de conquistar bons anúncios publicitários.

Quanto ao conteúdo editorial dos impressos analisados, conclui-se que a maioria deles (16 jornais, 61,5%) possui como enfoque principal a informação local, sendo que as notícias da cidade de origem do jornal são as que recebem maior destaque. Há ainda 7 jornais (26,9%), que dão, proporcionalmente ao conteúdo, maior destaque para o noticiário regional, relativo às cidades vizinhas ao município onde o impresso está instalado. Além disso, há 3 veículos (11,5%) que consideramos ter um enfoque misto, cedendo espaço parecido tanto para as notícias estaduais, nacionais e de temas variados quanto ao noticiário específico local ou regional.

Concluiu-se que, entre os jornais de Torres, há bom número de notícias relativas aos municípios que dela se emanciparam - cidades como Três Cachoeiras, Dom Pedro de Alcântara e Mampituba. São pequenos municípios de características rurais e que não possuem jornais locais, portanto os impressos de Torres tornam-se importantes para trazer o noticiário destas

idades, ainda carentes de informação jornalística. Já nos impressos das outras cidades do Litoral Norte, percebeu-se que a informação regional gira em torno do noticiário de Tramandai e, principalmente, Osório. Isto parece natural, uma vez que se tratam dos dois maiores municípios da região – do ponto de vista populacional (Tramandaí) e econômico (Osório) – constituindo-se ainda como ponto de centralidade entre os municípios do Litoral Norte e a capital Porto Alegre.

Também se reparou que a informação jornalística dos impressos é formada principalmente por matérias curtas, e que há repetição das mesmas notícias em diferentes jornais, em alguns casos com o mesmo título, texto e foto. Esta repetição de notícias prova que muitos impressos do Litoral Norte alimentam-se dos mesmos *press releases*, matérias nascidas no ambiente externo da redação dos jornais. Estas pautas, feitas por assessores de imprensa, são de interesse de alguma instituição, empresa e – principalmente – indivíduos e partidos relacionados a política, sendo que o interesse público pode acabar sendo deixado de lado em nome da exposição do ator que é destaque destes *press releases*.

Quanto à produção de conteúdo local inédito, observou-se a escassez de grandes reportagens - matérias com boa apuração de dados e presença de várias fontes – sobre assuntos relevantes para a população do Litoral Norte. Ainda assim, alguns jornais se destacam quanto a produção de conteúdo, casos do **Revisão** (Osório), **Bons Ventos** (Osório), **A Folha** (Torres) e **3ª Página (Imbé)**, que contam em suas pautas com boas matérias sobre política e casos humanos, além de entrevistas e reportagens mais extensas, ricas em conteúdo.

Paralelamente, infere-se que muitos jornais da região são estabelecidos com fins que aproximam-se mais da busca por acumulação de capital do que no real intuito difundir a informação relevante das comunidades para a população local. Para sobreviver como empresa jornalística, os jornais do Litoral Norte dependem dos seus anunciantes, principais patrocinadores financeiros destes veículos. Porém, deve haver uma balança entre a publicidade e o material noticioso, balança esta que tenda mais para o conteúdo jornalístico. Mas isto parece ter sido esquecido por alguns dos jornais analisados.

Numa observação da publicidade presente nas capas dos impressos do Litoral Norte, catalogamos um total de 351 anúncios em todas as 66 capas dos jornais do analisadas, que na média geral ocupam aproximadamente 41,6% das capas. Em alguns casos, as capas são tão saturadas por anúncios que ficamos em dúvida se o que temos em mãos é realmente um jornal informativo ou um panfleto publicitário.

Os jornais que tem maior espaço de capa ocupado por publicidade são os semanários **Litoral Norte e Fato em Foco**, de Torres, e o **Litoral Notícias**, de Tramandaí, todos com 9 ou mais anúncios na capa, os quais ocupam cerca de 70% de área. Além destes, vale destacar ainda o jornal **Comunidade em Ação**, de Cidreira, que possui respectivamente 14 e 18 pequenos anúncios nas suas capas analisadas, embora eles ocupem pouco mais de 50% das capas. Também podemos apontar algumas “exceções a regra” de saturação publicitária na capa dos impressos analisados. Os jornais **Bons Ventos e Revisão**, de Osório, e o jornal **3ª Página**, de Imbé são os únicos a não apresentarem qualquer anúncio em suas capas, dando espaço total para a linha editorial de suas publicações, a partir de manchetes e fotos.

Percebe-se, ainda, a presença de dezenas de colunistas figurando nos jornais do Litoral Norte, sendo que nenhum dos impressos exclui completamente estes textos de caráter opinativos de sua pauta. Tratam-se de pessoas que, em sua maioria, pertencem a região onde os jornais circulam, e que amplificam sua opinião para o público leitor destes impressos, e permitem a pluralidade de opiniões sobre temas diversos a partir da ótica do cidadão local.

No total, foram contabilizadas 250 colunas assinadas em todo o *corpus* do trabalho (66 exemplares), o que significa uma média geral - entre os 26 impressos analisados do Litoral Norte - de 3,78 colunistas por edição. Os assuntos são os mais diversos, porém percebe-se a maior tendência para os temas política, esportes, crônicas sobre o cotidiano, cultura e entretenimento, saúde, religião e psicologia, além das famosas Coluna Sociais. Destaca-se a **Tribuna do Litoral** (Balneário Pinhal) por apresentar maior número de colunas por edição o com um total de 19 colunistas em 24 páginas analisadas, sendo este um jornal cujo enfoque principal está focado mais nos seus colunistas do que nas suas notícias.

Durante o primeiro período de análise dos impressos – a semana entre o dia 03/08 e 09/08 – faltavam poucos dias para a comemoração do Dia dos Pais, e notou-se que muitos jornais do Litoral Norte aproveitaram a proximidade da data para prestar homenagem aos pais e, ao mesmo tempo, utilizar comercialmente a data. A criativa solução de homenagear pais e empresas em um mesmo espaço (ou anúncio) aconteceu em 7 jornais (28%), sendo que o **Jornal do Mar** (Torres), o **Litoral Notícias** e o **Capital das Praias** (ambos de Tramandaí) não pouparam da técnica. Cada um destes 3 impressos publicou mais de 27 homenagens/ anúncios em seus jornais, ação que certamente aumentou a presença publicitária e gerou um oportuno lucro para estes veículos.

Quanto a presença na internet, observou-se que entre 27 publicações analisadas, apenas 9 (33%) não possuem sites próprios, a constar: Porém, dentre os sites relacionados aos jornais impressos do Litoral Norte, alguns não funcionavam e outros são insuficientes na missão de bem divulgar a ideologia de seus veículos midiáticos. Outros ainda são irrelevantes, atualmente existindo por nenhuma razão maior do que simplesmente existir no mundo virtual. Ao fim e ao cabo, concluiu-se que os jornais mais regulares na divulgação de notícias locais na internet e que melhor exploravam seus sites foram **A Folha do Litoral** (Capão da Canoa), **3ª Página** (imbé), **A Folha** (Torres) e **Integração** (Capivari do Sul).

Ao final deste trabalho, concluímos que o Litoral do Rio Grande do Sul conta com uma expressiva quantidade de jornais impressos, veículos que difundem a informação nas comunidades onde estão instalados, e que simultaneamente participam do disputado jogo capitalista de busca por capital. Entretanto, percebe-se que no desafio de ser empresa e fazer jornalismo, simultaneamente, a maioria dos impressos analisados ainda deixa a desejar. Quanto ao produto que apresentam, há muitos jornais visualmente saturados, explorando suas páginas com várias notícias curtas - muitas de pouca importância ao debate público - e anúncios de publicidade. Mas há também boas publicações, que se esforçam não só para difundir informação de relevância, criando seu próprio conteúdo, mas também elaboram jornais bem acabados visualmente, “saborosos” para uma leitura.

E talvez seja exatamente pelo amadorismo de algumas das publicações analisadas que podemos concluir que o Litoral Norte se apresenta como um polo promissor para a área da comunicação: jornalistas que buscam uma colocação no mercado poderiam encontrar espaços para atuar na região – seja como funcionários ou proprietários de uma empresa jornalística – participando assim da melhoria na difusão da informação local. Pequenas cidades da região – como Três Cachoeiras e Terra de Areia - crescem em ritmo acelerado e, entretanto, ainda não contam com jornais locais instalados em seus municípios, veículos que (se existissem) com certeza seriam vistos com bons olhos por estas comunidades.

Como membro desta comunidade de pessoas que fazem jornais no Litoral Norte, o autor desta monografia carrega um sentimento de dever cumprido, mas apenas parcialmente. Considera-se que muito mais há para ser estudado sobre os jornais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a fim de perceber as particularidades que compõe a realidade destes impressos e sua inserção na comunidade onde participam, por exemplo. 1)Entrevistas com os proprietários

destes meios de comunicação, 2) pesquisas de percepção da população quanto a presença e relevância da imprensa nas localidades onde vivem, 3) uma análise mais profunda quanto as empresas que investem em publicidade junto aos veículos de comunicação da região. Questões que o autor desta monografia gostaria de estudar, mas que por questões de falta de tempo – ou melhor, falta de objetividade e organização – acabaram sendo abortadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Liliam. **Desenvolvimento Regional e Planejamento Estratégico**: Perspectivas para o Litoral Norte [mensagem pessoal] mensagem recebida por guilerasantos@gmail.com em 10 nov. 2013.

AGUIAR, Marcos Daniel S. **Os primórdios da formação socioespacial do Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. Boletim Gaúcho de Geografia, 32: 57-74, dez., 2007. Versão online disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37448/24195>>. Acesso em 25 Out. 2013.

BOLAÑO, Cesar R. S.; BRITTOS, Valério C. **Capitalismo e política da comunicação: a TV digital no Brasil**; In: BRITTOS V. C., HAUSSEN D. F. (org). Economia, Política, Comunicação e Cultura: aportes teóricos e temas urgentes na agenda política brasileira?: Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BUENO, Wilson. **Esta na hora de valorizar a comunicação local e regional**, Observatório de Imprensa, Edição 687, mar. 2012 . Disponível em:
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed687_esta_na_hora_de_valorizar_a_comunicacao_local_e_regional> Acesso em 27 set. 2013.

BUNDT, Roger ; KALIKOSKE, Andres. Economia Política da Comunicação: O pensamento crítico da realidade midiática, **Observatório de Imprensa**, n. 720, 13 nov. 2012. Disponível em:
<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/50525>>. Acesso em 09 out. 2013.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**: rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva, 2002.

CARDOSO, Ricardo. **Uma Introdução à História do Design**. 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COTRIM, Décio Sousa; GARCEZ, Daniela; MIGUEL, Lovois de Andrade. **Litoral Norte do Rio Grande do Sul**: Sob a perspectiva de diferenciação e evolução dos sistemas agrários. EMBRAPA, 2008. Disponível em:
< http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/51.pdf >. Acesso em 20 out. 2013.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo comunitário em cidades do interior**: uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato, 2004.

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do interior, **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n.3, p.237-243, set./dez. 2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8191/5880>>. Acesso em 09 set. 2013.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias: Capitalismo e Novas Tecnologias no Jornalismo Contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2008.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Resumo Estatístico RS: 2011**. Porto Alegre: FEE, 2011. Disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/resumo/resumo-rs-2011_site.pdf> acesso em 04 set. 2013.

KERN, A. et al. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991 apud COTRIM; GARCEZ; MIGUEL, 2008.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MAMMARELA, Roseta. **O estado do Rio Grande do Sul e sua Região Metropolitana no Censo 2010**. Fundação de Economia e Estatística do RS (FEE), 2010. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2008/microrregioes.pdf>>. Acesso em 05 out. de 2013.

MARQUES DE MELO, José. Introdução. In:_____. (org). **Campo da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes, 2008. p. 11-20

MERCADÉ, J. M. **La fuerza del periodismo local em la era de la globalización electrónica**. Pontevedra: Universidade de Vigo, 1992 apud DORNELLES, 2010.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p.67-84, 1º sem. 2005. Disponível em: <http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_regional_e_local_aspectos_conceituais_e_tendencias.pdf> Acesso em 12 out. 2013

PESTANA, Flávio. Desafios da imprensa Local. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 6, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed765_desafios_da_imprensa_local> Acesso em 27 out. 2013.

RUSCHEL, Ruy Rubem. **Torres, Origens**. Torres: Gazeta, 1982.

SILVA, Daniel Ribeiro. Adorno e a Indústria Cultural. **Revista Urutanga**, Maringá, ano 1, n. 4, maio 2002. Disponível em: < http://www.urutagua.uem.br/04fil_silva.htm >. Acesso em 18 out. 2013.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 1999.

STEINBERGER, Margarethe Born. Para uma economia política das representações: In: BRITTOS V. C., HAUSSEN D. F. (org). **Economia, Política, Comunicação e Cultura: aportes teóricos e temas urgentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 157-180.

STROHAECKER, T. M. **A urbanização no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul: contribuição para a gestão urbana ambiental do município de Capão da Canoa**. 2007. Tese (Doutorado em Geociências) - Curso de Pós-Graduação em Geociências, Faculdade de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000594717&loc=2007&l=2a6f472779741fda>> Acesso em 26 out 2013.

ANEXOS



Figura 18 - Capa Jornal A Folha



Figura 19 – Capa Litoral Norte



Figura 20 – Capa Diário Gazeta



Figura 21 – Capa Jornal do Mar



Figura 22 – Capa Jornal da Cidade



Figura 23 – Capa Jornal de Arroio do Sal



Figura 24 – Capa Fato em Foco



Figura 25 – Capa da Folha do Litoral



Figura 26 – Capa Costa do Mar e Serra



Figura 27 – Capa O Boto



Figura 28 – Capa Jornal de Capão



Figura 29 – Capa 3ª Página



Figura 30 – Capa Capital das Praias



Figura 31 – Capa Dimensão



Figura 32 – Capa Litoral Notícias



Figura 33 – Capa Revisão



Figura 34 – Capa Momento

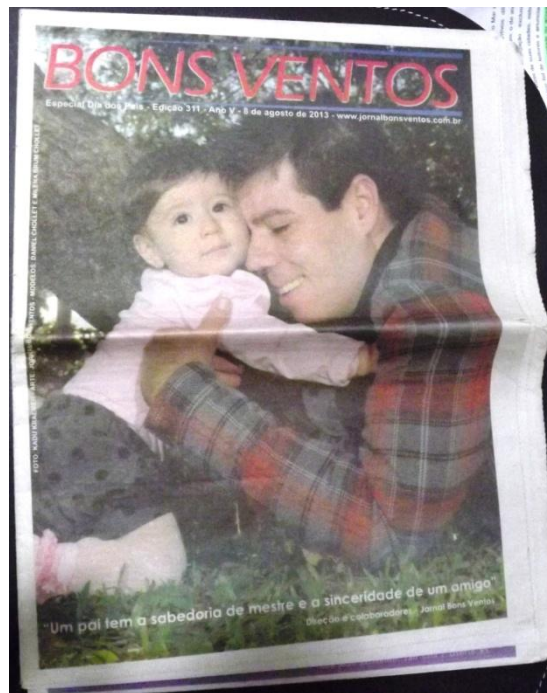


Figura 35 – Capa Bons Ventos



Figura 36 – Capa Rota do Mar



Figura 37 – Capa Maré Cheia



Figura 38 – Capa Comunidade em Ação



Figura 39 – Capa A Tribuna do Litoral



Figura 40 – Capa Balneário Pinhalense



Figura 41 – Capa Folha Popular



Figura 42 – Capa Integração